

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**DO TERÇO À CHÁCARA**  
**A EXPRESSÃO DA ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO**  
**DO SUJEITO PARA OS MENINOS DE QUATRO PINHEIROS**

**CURITIBA**

**1999**

**MARIA HELENA RIGONI**

**DO TERÇO À CHÁCARA**  
**A EXPRESSÃO DA ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO**  
**DO SUJEITO PARA OS MENINOS DE QUATRO PINHEIROS**

**Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, Programa de Pós-Graduação em Sociologia – área de concentração – Sociologia das Organizações, Universidade Federal do Paraná.**

**Orientador: Prof. Dr. José Miguel Rasia**

**CURITIBA**

**1999**



## PARECER

Os Membros da Comissão Examinadora designadas pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Sociologia, para realizar a arguição da Dissertação da candidata **MARIA HELENA RIGONI**, sob o título "DO TERÇO À CHÁCARA: A expressão da alteridade na construção do sujeito para os Meninos de Quatro Pinheiros", para obtenção do Título de Mestre em Sociologia, após haver realizado a atribuição de notas são de Parecer pela ~~Assessora~~..... com conceito ".....A....." sendo-lhe conferidos os créditos previstos na regulamentação do Curso de Pós-Graduação em Sociologia, completando assim todos os requisitos necessários para receber o **Título de Mestre**.

Curitiba, 17 de dezembro de 1999.

Prof. Dr. Gildo Scalco

Profª Drª Iria Zanoni Gomes

Prof. Dr. José Miguel Rasia (orientador)

***Agradeço a Deus pela oportunidade de viver e  
presenciar este momento.***



*Dedico este trabalho a todas as pessoas que, por necessidade ou por vontade própria, revelaram a sua própria imagem ao construir na palavra e na ação a realidade denominada Chácara dos Meninos de Quatros Pinheiros*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Doutor José Miguel Rasia, orientador desta dissertação, pelo apoio, críticas, cobranças, sugestões e incentivo durante todo o processo.

A todos os integrantes da Chácara que, direta ou indiretamente, participaram da elaboração do presente estudo, em especial aos Meninos de Quatro Pinheiros.

Ao Fernando, Raul e a Soila, pelas informações, depoimentos, documentos e discussões fundamentais para o nosso entendimento sobre o assunto da pesquisa.

Aos professores do Mestrado pelo interesse e dedicação na minha formação: Defreitas, Dimas, Márcio, Maria do Carmo, Rasia, Roseli e Sílvia.

Às professoras que participaram do Exame de Qualificação, Iria e Milena, suas arguições foram fundamentais para enriquecer a pesquisa.

Aos amigos e colegas que se revelaram ao longo desta dissertação colaborando com trabalhos de digitação, disposição em ler a pesquisa, sugestões, incentivo, afeto e empréstimo de material. Em especial: Daniel, Tereza, Judite, Emerson, Osny, Juliano, Sônia, Arlete, Marilene, Solange, Cássio, Leo, Andressa, Mário e Ester.

Ao Tarcísio, pela presença amiga e dedicação nestes sete anos.

À minha querida mãe, pelos terços e torcidas ao longo da minha vida.

## SUMÁRIO

|                                                                      |            |
|----------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>RESUMO .....</b>                                                  | <b>vii</b> |
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                               | <b>1</b>   |
| <b>CAPÍTULO 1 - TUDO COMEÇOU POR CAUSA DO TERÇO.....</b>             | <b>31</b>  |
| <b>1 A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES PROFETA ELIAS DA VILA</b>             |            |
| <b>LINDÓIA:"A COMUNIDADE PROFETA ELIAS" .....</b>                    | <b>31</b>  |
| <b>2 A COMUNIDADE PROFETA ELIAS E OS MENINOS DE RUA DE CURITIBA:</b> |            |
| <b>LIMITES E ALCANCES DE UMA RELAÇÃO VOLTADA À CONSTRUÇÃO</b>        |            |
| <b>SOCIAL DO SUJEITO.....</b>                                        | <b>46</b>  |
| <b>CAPÍTULO 2 - A CHÁCARA PADRE EDUARDO MICHELIS .....</b>           | <b>66</b>  |
| <b>1 IDENTIFICAÇÃO .....</b>                                         | <b>66</b>  |
| <b>2 A VIDA NA CHÁCARA E A (RE)CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SUJEITO.....</b> | <b>87</b>  |
| <b>2.1 AS CASAS: ESTRUTURA E DINÂMICA .....</b>                      | <b>89</b>  |
| <b>2.2 AS NORMAS.....</b>                                            | <b>96</b>  |
| <b>2.2.1 Normas para Ingresso e Permanência.....</b>                 | <b>97</b>  |
| <b>2.2.2 Normas para a Convivência .....</b>                         | <b>104</b> |
| <b>2.3 AS ATIVIDADES DO COTIDIANO.....</b>                           | <b>122</b> |
| <b>2.3.1 O Trabalho .....</b>                                        | <b>123</b> |
| <b>2.3.2 A Escola.....</b>                                           | <b>127</b> |
| <b>2.3.3 Lazer, Recreação e Cultura.....</b>                         | <b>130</b> |
| <b>3 A ALTERIDADE NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS MENINOS DE ....</b> | <b>138</b> |
| <b>QUATRO PINHEIROS.....</b>                                         | <b>138</b> |
| <b>3.1 O INGRESSO .....</b>                                          | <b>141</b> |
| <b>3.2 A PERMANÊNCIA.....</b>                                        | <b>143</b> |
| <b>3.3 A CHÁCARA.....</b>                                            | <b>146</b> |
| <b>3.4 AS NORMAS.....</b>                                            | <b>149</b> |
| <b>3.5 A SAÍDA.....</b>                                              | <b>151</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                     | <b>154</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>                              | <b>160</b> |

## **RESUMO**

Esta dissertação tem como elemento de estudo a Chácara Padre Eduardo Michelis. Constituída com a finalidade de prestar assistência integral para crianças e adolescentes pobres, em especial aos que se encontram nas ruas, esta Organização é mais conhecida pelo público pelas suas características peculiares no que diz respeito a sua proposta pedagógica. No entanto, nosso recorte priorizou como objeto de estudo não o projeto sociopedagógico em si, mas a Chácara enquanto espaço de construção do sujeito para os meninos que aderiram ao projeto e ali vivem. Assim, a partir dessa delimitação, nosso trabalho considera como fundamental os conceitos de Alteridade e de Sujeito, e a forma como estes operam naquilo que se chamou aqui – a Chácara. O trabalho de pesquisa consistiu na reconstituição do objeto empírico – a Chácara – e sua história. O conjunto de dados que trabalhamos constituiu-se de documentos da Chácara, registros de observações e diálogos espontâneos no processo de pesquisa, entrevistas semi-estruturadas, reconstituição da história de vida dos meninos e a história oral temática para o aprofundamento de alguns pontos específicos envolvendo a trajetória dos meninos na Chácara do ingresso à saída. Tais procedimentos nos conduziram à afirmação de que a Alteridade vivenciada na Chácara é o fator determinante para a sustentação daquela proposta. No processo desta pesquisa, subsidiados fundamentalmente na proposta metodológica e teórica das representações sociais, evidenciamos que as decisões e ações dos meninos para permanecer e se envolver com a Chácara, estão sendo orientadas fundamentalmente pelo valor e sentido atribuídos por eles a esse modo de relação, definido neste estudo pela expressão da Alteridade. Evidenciamos ainda que esta particularidade se constitui no caminho para a construção do sujeito para os Meninos de Quatro Pinheiros.

## INTRODUÇÃO

A realização deste trabalho foi motivada fundamentalmente pelo nosso interesse pessoal no tema Meninos de Rua e oportunizada pelo curso de Mestrado em Sociologia com área de concentração na Sociologia das Organizações.

Sem qualquer referência a uma vinculação prática e/ou direta com a questão social denominada Meninos de Rua, o trabalho de pesquisa proposto inicialmente consistia em abordar a problemática no *locus* onde ela se expressa, ou seja, nas ruas.

Com esse propósito, no período de julho a dezembro de 1997, realizamos uma série de contatos informais com os meninos e meninas encontrados nas ruas de Curitiba que, pelas características, modo de vestir, de andar, de se expressar e de se comportar, sugeriam fazer parte da categoria.

Simultaneamente, realizamos levantamento de dados bibliográficos sobre o tema e esboçamos um projeto de pesquisa. Este propunha conhecer de maneira mais atenta as formas de organização existentes no cotidiano dos meninos de rua, fonte da qual pretendíamos extrair a questão central para nossa pesquisa.

De valor incalculável, essa experiência permitiu que nos aproximássemos de maneira mais objetiva das reais condições de vida das crianças que vivem nas ruas. Além da desmistificação e da desconstrução de conceitos e visões deturpadas que tínhamos sobre o assunto, ofereceu-nos outras perspectivas para enxergá-lo.

No entanto, o espaço e a vivência da rua não se constituíram em tema de pesquisa desta dissertação, por dois motivos.

O primeiro está relacionado às condições próprias da pesquisa. Os recursos, técnico, material, intelectual e humano disponíveis não eram compatíveis com as exigências para apreender uma realidade que se mostrava tão complexa e abrangente. Isto nos colocou em dúvida quanto à possibilidade de realizar um estudo capaz de retratar com fidelidade, precisão e coerência aquilo que conseguíamos observar.

Os encontros e a relação estabelecida com os meninos aconteciam sempre de maneira gratificante e agradável, mas não ofereciam subsídios para o estudo que pretendíamos realizar.

O ritmo de vida, a forma de se relacionarem com o tempo e com o espaço, as formas de organização para as atividades diárias, as estratégias para sobreviver são alguns dos fatores que envolvem particularidades tão complexas que dificultam a apreensão e precisão de dados a respeito, necessitando para isso recursos que naquele momento não dispúnhamos.

A vida dos meninos na rua nos parecia ser pautada pelo imprevisto, e naquele momento não percebíamos que esse fator é parte das suas estratégias de sobrevivência e que as próprias condições em que vivem é que os impelem a improvisar o tempo todo. O fato é que no período mencionado os nossos contatos aconteceram apenas de forma espontânea e assistemática e não propiciaram as condições necessárias para o estudo que pretendíamos realizar. Os projetos de reencontros visando estabelecer maior proximidade e entrosamento junto aos meninos sofreram sucessivas frustrações. Assim também ocorreu com as tentativas de reencontrá-los espontaneamente.

Embora se comportassem de maneira amistosa diante do nosso propósito de **escrever uma história sobre a vida deles**,<sup>1</sup> percebíamos que as perguntas sobre suas experiências com as famílias e com as instituições assistenciais era algo que os perturbava. Nessas ocasiões comportavam-se de forma evasiva e fugidia.

Em relação às questões da vida na rua, percebemos que obter informações não se constitui em uma atividade simples e fácil, pois elas também fazem parte das suas estratégias para sobreviver, e isso inclui mentir, forjar, omitir, manipular, inventar, desconversar e representar.

Além disso, havia outro fator que dificultava a comunicação. A grande maioria dos meninos com os quais tivemos contato vivia numa espécie de amortecimento, de alienação. A cor e o movimento dos olhos, o discurso desconexo e o ritmo da fala sugeriam que eles haviam feito uso de drogas.

---

<sup>1</sup>História sobre a vida deles: foi a maneira que encontramos para justificar nossa presença nas ruas, e o nosso desejo de conversar com eles.

Essa dificuldade para estabelecer comunicação e aproximação de forma mais objetiva com a problemática dos meninos significou o primeiro elemento desmotivador da pesquisa.

A tarefa de coletar informações mais detalhadas e precisas, tanto de caráter qualitativo quanto no âmbito quantitativo, de forma que nos permitisse traçar um quadro geral sobre as condições de vida das crianças que estavam nas ruas, mostrou-se impraticável. Os recursos disponíveis: material, instrumental, pessoal, financeiro, tempo, não garantiam minimamente que as informações que estávamos apreendendo pudessem corresponder à realidade. Desta forma a confiabilidade do nosso estudo, bem como o objetivo de elaborar um conhecimento que pudesse ser útil à causa dos meninos, estariam ameaçados.

O segundo aspecto que dificultou o prosseguimento com a pesquisa, denominamos de pessoal. A ausência de oportunidades para aprofundar as relações com os meninos não impediu nosso envolvimento emocional com os seus relatos e/ou com as cenas do seu cotidiano. Isso dificultava as nossas idas às ruas e não possibilitava manter a objetividade necessária para o estudo.

Saber pelos jornais que centenas de crianças morrem diariamente de fome e de frio nas ruas das cidades é diferente de vê-las dormindo dentro de caixas de papelão e de encontrá-las entorpecidas de drogas para inibir a fome ou para fugir da carência de cuidados, de carinho, de proteção, de respeito e de entendimento sobre a sua própria história.

Isso, além de nos sensibilizar profundamente, nos levava à reflexão quanto à utilidade de mais um estudo voltado a levantar, identificar, quantificar ou mesmo descrever tal realidade. Ao realizarmos exploração bibliográfica sobre o tema, verificamos que a partir dos anos 80 inclusive em Curitiba, houve significativo avanço e preocupação de distintas áreas em realizar estudos sobre os meninos de rua, cuja produção, ao nosso ver, é mais que suficiente para inspirar e subsidiar medidas adequadas e compatíveis às reais necessidades das crianças pobres e abandonadas.

Diante de tais situações nos deparamos com um impasse: prosseguir ou desistir.

Em meados de 1998, durante um Ciclo de Estudos sobre Experiências com Meninos de Rua, promovido pela Universidade Federal do Paraná, Fernando Francisco de Goes,<sup>2</sup> Coordenador Geral da Chácara Padre Eduardo Michelis<sup>3</sup> e alguns dos meninos que nela residem relatavam a experiência socioeducacional daquela Organização, vendiam camisetas serigrafadas, expunham cartazes com temas relativos à problemática dos meninos de rua e participavam das palestras.

Embora já tivéssemos algumas informações sobre a Chácara, a apresentação daquela experiência a princípio pareceu-nos utópica, por que não dizer fantasiosa. A clareza e a liberdade com que o grupo expressava o Projeto da Chácara, instigaram nossa curiosidade para verificar in loco:

- a) aquilo realmente acontecia?
- b) que elementos participavam da viabilização daquela experiência?
- c) haveria a possibilidade de realizar um estudo sobre aquela experiência?
- d) quais os procedimentos que poderíamos utilizar para comprovar se aquela exposição não se constituía em mais um discurso institucional?

Com essas questões, visitamos a Chácara pela primeira vez em agosto de 1998.

Após conversar com o Coordenador e com os Meninos de Quatro Pinheiros sobre a nossa intenção de realizar um estudo sobre a experiência deles, esboçamos uma proposta de pesquisa com a finalidade de apresentá-la ao orientador.

A proposta preliminar da pesquisa concentrou-se no conhecimento da natureza e dos aspectos significativos do Projeto: origem, propósitos, estrutura, dinâmica, administração, funcionamento, população, rotinas e relações. Nosso objetivo fundamental

---

<sup>2</sup>Os nomes das pessoas utilizados em todo trabalho foram registrados mediante a autorização dos mesmos; outros preferiram manter-se no anonimato ou não tendo condições para decidir quanto à autorização pelo fato de serem crianças, quando necessário, demos um nome fictício ou nos referimos apenas pela inicial do primeiro nome.

<sup>3</sup>Chácara Pe. Eduardo Michelis: Organização Não-Governamental situada no Município de Mandirituba, Região Metropolitana de Curitiba, destinada ao desenvolvimento de um Projeto Sócioeducativo idealizado e construído com a participação de meninos de rua.

neste primeiro momento foi o de conhecer aquela experiência e compreender o que fazia dela um local onde o trabalho de resgate, de reinserção e de reeducação social com meninos de rua parecia estar dando certo. A questão central que nos motivou ao estudo foi a de identificar quais os elementos que estariam sustentando a viabilização daquele projeto, ou seja, assegurando a permanência e envolvimento voluntário dos meninos. Desta forma iniciamos a realização de visitas sistemáticas à Chácara no período de outubro de 1998 a março de 1999, quando priorizamos a observação espontânea, livre, sem determinar prioridades e particularidades a serem apreendidas.

Junto com as observações realizamos contatos informais com o Coordenador Geral, os meninos, educadores, voluntários, funcionários, visitantes, familiares dos meninos e com os vizinhos da Chácara. Nessas ocasiões nosso procedimento foi o de ouvi-los expressarem livremente suas experiências, suas opiniões, seus sentimentos, seus conhecimentos e suas sugestões.

Tivemos ainda nessa fase a oportunidade de conhecer documentos primários (relatórios anuais, 1997 e 1998, Estatuto Social e Regimento Interno da Chácara) e documentos secundários (recortes de materiais jornalísticos: *Gazeta do Povo*, *O Estado do Paraná* e exemplares do Jornal *Os Meninos de Quatro Pinheiros*, produzido pelos moradores da Chácara). Para a etapa de trabalho de caracterizar aquele local permanecemos longos períodos na Chácara, em distintas oportunidades e situações, de forma que pudéssemos nos integrar ao grupo e vivenciar aquela realidade a partir do sistema de referência deles.

A tarefa, além de agradável, mostrou logo de início muitos aspectos merecedores de nossa atenção. Em especial destacamos dois deles: a origem da Chácara e a experiência prática da proposta da Chácara.

Quanto ao primeiro aspecto, explicitou-se no momento em que buscamos informações sobre as origens da Chácara, e não pudemos ignorar uma experiência que a antecedeu que é a trajetória da Associação de Moradores Profeta Elias da Vila Lindóia.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Associação dos Moradores da Vila Lindóia: Associação de Moradores relativa à Vila Lindóia, um bairro situado na Zona Sul de Curitiba, também conhecida por Comunidade Profeta Elias, cuja origem se encontra relatada no Capítulo 1 desta dissertação.

Por termos detectado a existência de uma estreita e fundamental vinculação entre esses dois campos é que o Capítulo 1 desta dissertação dedica-se a uma retrospectiva histórica dos principais momentos da trajetória dessa Associação, enfatizando especialmente aqueles que retratam o envolvimento dos moradores da referida Vila com o universo da nossa investigação: a Chácara Padre Eduardo Michelis e os ex-meninos de rua que nela vivem.

Para essa tarefa contamos especialmente com a colaboração de duas pessoas: Soila e Raul,<sup>5</sup> que gentilmente se dispuseram a fornecer informações e depoimentos sobre essa experiência.

Com tal finalidade, programamos três encontros, com a duração total de aproximadamente doze horas, ocasiões em que por meio de entrevistas abertas adotamos a orientação de não diretividade, de maneira que os entrevistados puderam manifestar livremente os detalhes dessa história, a vinculação da mesma com assunto da nossa pesquisa e o estágio atual de relacionamento entre a Vila Lindóia e a Chácara Padre Eduardo Michelis.

Além desses relatos, servimo-nos dos estudos de Nunes (1995), Rolim (1985) e Rosa (1991), tendo em vista oferecerem informações complementares à contextualização do tema.

Com esses dados construímos o Capítulo 1 desta dissertação, intitulado **TUDO COMEÇOU POR CAUSA DO TERÇO...**, composto de duas partes. A primeira denominamos de **A Associação de Moradores Profeta Elias da Vila Lindóia** em que se pode conhecer o histórico do seu surgimento o do seu desenvolvimento até o momento em que se envolve com a problemática dos Meninos de Rua de Curitiba. A segunda parte, **A Comunidade Profeta Elias e os Meninos de Rua de Curitiba: limites e alcances de uma relação ...**, oferece um relato detalhado sobre a experiência vivenciada pelo Grupo de Meninos da Associação de Moradores da Vila Lindóia e os meninos que viviam nas ruas de Curitiba e Região Metropolitana no período de 1988 a 1993.

---

<sup>5</sup>Suely e Raul são pessoas que participaram diretamente das experiências da referida Associação, em particular junto ao grupo dos Meninos de Rua de Curitiba no período de 1989 a 1993.

Simultaneamente a essa reconstrução, continuamos visitando a Chácara, colhendo informações sobre a estrutura, a dinâmica, o cotidiano e privilegiando o contato com os seus moradores, vizinhos e visitantes.

Dessas observações e desses contatos, um segundo aspecto despertou a nossa atenção. Constatamos que aquele local e aquela experiência realmente representavam uma estratégia da intervenção junto ao problema dos meninos de rua significativamente diferenciada de todos os programas governamentais e não-governamentais que esse contingente populacional tem à sua disposição em Curitiba e em todo o Estado do Paraná.

Não se pode menosprezar o fato de que o número de programas, bem como a diversificação de propostas (assistenciais, correcionais, educacionais, terapêuticas, ocupacionais, preventivas, entre outras) têm se intensificado na última década, especialmente em Curitiba. No entanto, a credibilidade e a adesão da população-alvo aos mesmos são significativamente questionáveis. Essa afirmação tem por fundamento:

- a) o real observado nas ruas, ou seja, o aumento do número de crianças pobres trabalhando, esmolando, roubando e perambulando;
- b) a despeito da Lei n.º 8.069/90, que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente, disposto de 267 artigos sobre a proteção integral à criança e ao adolescente, são inúmeras as formas de violação aos direitos dessas crianças, que também podem ser vistos diariamente nas ruas e nas manchetes dos jornais.

Esses dois fatos nos impele a pensar que os programas disponíveis de alguma maneira estão falhando quanto ao real atendimento dos anseios e das necessidades dessa população, seja porque tratam da questão sem conhecê-la adequadamente, seja porque a conhecem mas são insensíveis aos seus verdadeiros apelos. De qualquer forma, o que se revela na realidade cotidiana dessas crianças não condiz com a propaganda veiculada sobre as programações de assistência destinadas a elas.

O fato de termos direcionado nosso trabalho de pesquisa para o estudo de outra realidade não significou ruptura da nossa atenção para com os meninos que se encontram nas ruas de Curitiba. Sabemos que eles continuam expostos a perigos,

agressões, violência e riscos permanentes e de toda ordem. Como pode ser verificado mesmo empiricamente, é crescente o número de crianças que continuam vivendo e/ou trabalhando nas ruas, buscando sua subsistência própria (alimento e local para repouso). No contato com elas, sabemos que não há no momento qualquer programa social disponível na cidade que desperte o seu efetivo interesse e envolvimento de forma que tais medidas possam demonstrar, na prática, eficácia na minimização ou erradicação do problema dos meninos de rua.

A título de ilustrar essa colocação, atualmente, mais do que qualquer outro grupo, os meninos de rua de Curitiba estão sendo motivo de intensa operação policial destinada a afastar a presença deles do centro da cidade e imediações.

Por intermédio dos próprios meninos soubemos que a polícia os aborda e os obriga a entrar em microônibus do Programa Formando Cidadão que os conduz a quartéis da Polícia Militar para participar voluntariamente ou não de programas socioeducativos. Este modelo de intervenção é o motivo pelo qual encontra-se reduzido o número de crianças pobres no centro da cidade e a sua intensificação nos espaços periféricos, já que buscam esses locais para continuar a batalha pela sobrevivência e para fugir da citada operação.

São inúmeras e públicas as situações que comprometem atualmente a integridade física, emocional e moral das crianças e adolescentes que se encontram nas ruas de Curitiba. Da mesma forma, continua instigante a rejeição que eles têm pelos programas assistenciais disponíveis. Porém, pelo fato de não ser este o enfoque do presente estudo, entendemos inoportuno aprofundar considerações sobre o assunto.

A menção dessa situação justifica-se pelo fato de que tal particularidade está diretamente relacionada aos motivos que despertaram nosso interesse em realizar este trabalho de dissertação, elegendo o espaço e a experiência denominados Chácara Padre Eduardo Michelis.

Desde o início do nosso estudo percebemos que aquele projeto conta com alto grau de aceitação e adesão por parte dos meninos que ali se encontram e significa um ponto de referência considerado ideal para meninos que ainda se encontram nas ruas aguardando a oportunidade para ingressar na Chácara.

O Projeto ali desenvolvido mostra-se singular desde a sua origem, pois não se trata de um modelo surgido de uma idealização utópica que deu certo, mas de uma construção histórica que com erros e acertos está respondendo às necessidades e aos anseios de seus moradores.

Sua proposta se expressa claramente em seu Estatuto Social e em seu Regimento Interno. Ambos, compostos por sugestões apresentadas pelos Meninos de Rua a partir de seus ideais, efetivam-se na prática cotidiana daquela Organização por meio de um Projeto Pedagógico que se explicita em forma de relações e ações construídas nesses seis anos de existência da Chácara.

Além de se constituir em um local destinado a prover aos meninos abrigo e alimento, existe a preocupação de assegurar o desenvolvimento de abordagens que envolvam questões mais amplas em termos de bem-estar, educação, direitos, deveres, respeito, liberdade, dignidade, engajamento a atividades socialmente úteis, resgate de vínculos familiares e sociais, e criação de novos laços de sociabilidade dos meninos.

O cotidiano dos Meninos de Quatro Pinheiros é pautado pela interação, em que uma trama de ações e relações sociais os congregam em uma coletividade que compartilha interesses, expectativas, decisões e estratégias para a resolução de seus problemas.

Consideramos a Chácara uma estrutura social diversificada e complexa onde se pode identificar inúmeras possibilidades de estudo. Do mesmo modo, são muitos os aspectos que podem ser explorados em torno do tema que motivou a presente pesquisa, ou seja, verificar os elementos que sustentam e viabilizam aquela proposta.

Dessa maneira, delimitar um problema de pesquisa não se configurou uma tarefa fácil de realizar. No entanto, ao elegermos como ponto de partida investigar se aquela proposta era de fato real e identificar os elementos que a faziam distinta de outras instituições no que tange ao envolvimento e à aceitação por parte dos meninos de rua, não imaginávamos que o objeto desta dissertação seria constituído pela experiência vivida pelos integrantes da Comunidade Profeta Elias até aquilo que hoje

se constitui no Projeto da Chácara, tal qual representada pelos diferentes sujeitos que o compõe. Sujeitos estes que, ao se colocarem de maneira ativa e participativa em relação ao nosso trabalho, estabeleceram conosco não apenas uma relação de colaboradores, mas de criadores do conteúdo aqui exposto.

Portanto, neste estudo, não se configurou a relação sujeito objeto, porque compreendemos que a relação construída entre pesquisador e pesquisados, no período em que estudamos a Chácara, permitiu que ambas as partes se colocassem como sujeitos de um processo de desenvolvimento, de criação e de construção de conhecimento.

Diante da exigência metodológica quanto à delimitação e ao aprofundamento de uma particularidade do contexto em estudo, buscamos apreender algo que consideramos singular do ponto de vista interno da Chácara e que está associado à nossa preocupação inicial.

Após longos períodos de observação, estreito convívio, interações, empatia e flexibilidade para reformular nossas percepções e intenções sucessivas vezes, focalizamos nossa atenção no aspecto relativo à convivência entre os habitantes da Chácara, especialmente a forma como se manifesta e é vivenciada e interpretada pelos meninos no processo da construção da Chácara.

Conforme pode ser verificado, desde os ideais expressos em seu Regimento Interno até a expressão destes em suas práticas cotidianas, a natureza dessa relação é caracterizada pela constância da manifestação de: solidariedade, lealdade, direitos, deveres, cooperação, construção, coletividade, reciprocidade, reflexão, partilha, liberdade, respeito e reconhecimento da presença do outro.

Observamos que esse modo de se relacionar não se restringe ao âmbito das tarefas e/ou atividades objetivas, intencionais, rotineiras, previstas, planejadas, ordenadas, normatizadas e estruturadas, que se cumpre diariamente no interior da Chácara, entre outras: trabalho, estudo, vivência das regras, organização do espaço físico, reuniões, lazer, cursos profissionalizantes. Ele se expressa também em outras situações que promovem a interação cotidiana dos meninos: os jogos, as brincadeiras,

os gestos, as brigas, as comemorações espontâneas, os imprevistos, as improvisações, os rituais, o linguajar, as manifestações de afeto.

A observação sistemática e atenta dessa particularidade nos fez determinar como objeto da nossa pesquisa a natureza, a dinâmica dessa relação e principalmente a forma como ela é experienciada nas distintas ações que estudamos no cotidiano dos Meninos de Quatro Pinheiros. Entendemos que essa relação tem um papel fundamental para concretização e continuidade do Projeto denominado Chácara Padre Eduardo Michelis, uma vez que se expressa e se destaca de maneira significativa no discurso e nas ações dos meninos. Isto nos leva a afirmar que este modo de relação idealizado, pelos meninos, ao compor o Regimento da Chácara e vivenciado na sua trajetória ali dentro, é o elemento fundamental que os mobiliza a participarem e se envolverem com aquela proposta. Afirmamos ainda que é o valor e o sentido que os meninos atribuem a esse modo de relação que orienta a sua decisão quanto: ao ingresso, à permanência, aceitação, à adesão e ao envolvimento dos meninos naquela proposta.

Acreditamos que a importância desse aspecto para os meninos pode ser compreendida no conjunto das informações orais e documentais cedidas a esta pesquisa, em que detectamos dois momentos significativamente distintos na trajetória de vida dessas crianças, antes e após o ingresso na Chácara.

Os depoimentos e os relatos dos meninos, expressos na segunda parte do Capítulo 1 desta dissertação, revelam que a trajetória percorrida por eles antes de ingressar na Chácara é composta por um conjunto de experiências de vida, em ambientes diferenciados: família, rua, instituições. Estas experiências, como se pode verificar, não apresentam indícios que referenciem a existência dos meninos inseridos em qualquer instância da realidade social onde nasceram. O que se identifica é a ausência de oportunidades de inclusão, participação, familiaridade, segurança, proteção, partilha e de liberdade para expressar e agir enquanto ser individual e social.

Embora façam parte do passado, essas experiências estão vivas na memória dos meninos e, além de serem expressas com clareza em suas falas espontâneas, elas também servem de referência para construir o saber desses meninos sobre suas vidas.

Sobre a experiência com a família é comum entre os meninos fatos tais como: violência e maus tratos por parte dos pais ou responsáveis substitutos; vida doméstica pautada por conflitos, desavenças, alcoolismo, instabilidade, carência de alimento, de abrigo, de proteção e de afeto:

*"...eu saí de casa porque eu apanhava demais, minha mãe e meu pai bebem e a minha tia que morava junto também bebia, depois que eu saí fui morar com uma família de crentes eles tinham duas filhas, elas não apanhavam, mas eu apanhava toda hora. Esse meu pai adotivo falava que eu tinha que apanhar para eu aprender, e daí eu fugi para a rua..." (Diário de Campo, p.10).*

*"...todo dia eu apanhava, chegava em casa da rua e apanhava, minha mãe me mandava embora eu ia dormir na construção [...] uma casa abandonada, às vezes eu dormia com o cachorro [...] eu saía de casa ia pra rua cheirar. (Diário de Campo, p.16).  
...em minha casa era só briga, eu sofria muito porque meu padrasto bebia batia na minha mãe, em mim e nos meus irmãos, batia com o cinto, com pau e a minha irmã que tinha 12 anos, ele pegava e queria abusar dela sempre que estava bêbado". (Diário de Campo, p.20).*

Em se tratando das experiências com as ruas e as instituições criadas para prestar-lhes atendimento, o conteúdo da fala dos meninos é semelhante ao revelar as inúmeras situações de risco e de constrangimento a que estiveram expostos: físico, mental, moral e psiquicamente. O vício da droga e do roubo, a violência policial e a ineficácia dos órgãos assistenciais são os fatores de maior relevância:

*"... na rua eu só apanhava, da polícia, dos maloqueiros e dos guardas, na rua eu só cheirava cola e depois eu ia roubar. Uma vez eu apanhei tanto que me arrependi ter saído da minha casa ..." (Diário de Campo, 1999, p.12).*

*"... quando eu estava na rua eu roubava o tempo todo e fumava, roubava para comprar cola, eu não conseguia parar, fumar e roubar é a mesma coisa porque vicia igual a droga [...] todo dinheiro que eu roubava era pra comprar droga no capanema..." (Diário de Campo, 1999, p. 25).*

*"... o que eu mais fazia era roubar e apanhar, os policiais me chutavam e me batiam [...] eu ficava com mais raiva e aí eu roubava mais [...] eles tornavam a me pegar e me batiam de novo". (Diário de Campo, 1999, p. 20).*

*"...eu passei por muitos projetos, mas não fiquei porque parecia presídio e tinha os piá maiores que pegavam os pequenos pra bater, roubar e abusar". (Diário de Campo, 1999, p. 26).*

A característica de excluído ou de abandono evidencia-se em seus depoimentos à medida que esses revelam sucessivos e conturbados fragmentos de histórias pautadas pela descontinuidade, pela ruptura, pela não inserção, pela expulsão ou pela fuga, o que no nosso entender comprometeu o seu envolvimento, a sua permanência, a sua participação em qualquer uma das outras experiências vividas.

Como regra os meninos relatam o esfacelamento de seus vínculos com a família e/ou a nocividade impingida por ela, o descrédito para com as instituições sociais insensíveis aos seus problemas (internatos, escolas, instituições disciplinares, reeducacionais, preventivas) e às situações vivenciadas na violência e nos riscos da rua.

De certa forma, a relação que esse menino estabeleceu com a sociedade e com a cultura em que vive antes de ingressar na Chácara, restringiu-se a duas alternativas. Primeiro, construir estratégias para defender-se das constantes ameaças à sua integridade física, moral, emocional e intelectual e, segundo, criar mecanismos para sobreviver à carência de alimento, de abrigo, de respeito, de educação, de afeto, de vínculos, de dignidade, de aprovação e reconhecimento social.

Contrapondo-se a essa trajetória, encontramos na pesquisa um segundo momento na vida desses meninos em que eles aparecem como sujeitos criadores de discursos de oportunidades e de ações capazes de redirecionar e redefinir os seus papéis e os seus vínculos sociais. Associado a este desejo, estão a iniciativa e o auxílio vindos da Vila Lindóia, por intermédio da figura daqueles que não mediram esforços e atos de solidariedade para transformar os ideais dos meninos em realidade.

Entendemos que a experiência retratada no Capítulo 2 constitui fundamentalmente a mais genuína expressão da capacidade humana de superar experiências adversas quando se depara com a possibilidade de construir e vivenciar uma nova condição, neste caso o Projeto da Chácara, em especial a maneira como são idealizadas e vivenciadas as relações sociais naquele ambiente.

Pela primeira vez em sua trajetória de vida, os meninos experimentam a oportunidade de viver e partilhar seus anseios, seus ideais, suas crenças, esperanças, suas dúvidas, suas insatisfações, suas vontades, seus sonhos, seus traumas, suas frustrações, uma vez que estes podem ser expressos livremente no interior da Chácara. Além da liberdade de expressar, está a certeza de que esses elementos servem de base para a criação e sustentação daquele Projeto, uma vez que este é construído a partir do saber expresso pelos meninos. Ali esse menino pode identificar sinais da sua singularidade e sinais daquilo que realiza para compartilhar da singularidade do outro.

Nesse processo ele se depara com a possibilidade de distinguir-se, de identificar-se, de vincular-se, de trocar, de se sentir pertencendo e construindo: a Chácara, ao outro com quem interage e a si mesmo enquanto sujeito.

Com o objetivo de melhor explicitar e aprofundar essa reflexão, é que, entre as distintas particularidades que constituem a Chácara, optamos por nos deter com maior atenção às relações sociais que se constroem entre os seus moradores.

Ao buscarmos um conceito que abrangesse os elementos, bem como o sentido que atribuímos à natureza dessa relação, a qual se expressa por um conjunto de atitudes que denominamos: solidariedade, partilha, reciprocidade, cooperação, lealdade, respeito à individualidade e especificidade do outro, utilizamos o conceito de Alteridade de Hannah Arendt (1985):

"É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano, e esta inserção é um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico original. Não nos é imposta pela necessidade, como o labor, nem se rege pela utilidade, como o trabalho. Pode ser estimulada, mas nunca condicionada, pela presença dos outros em cuja companhia desejamos estar; seu ímpeto decorre do começo que vem ao mundo quando nascemos, e ao qual respondemos começando algo novo por nossa própria iniciativa". (ARENDT, 1985, 191p.)

Trata-se de uma das capacidades básicas da condição humana para que o homem encontre através da sua vivência com o outro, no discurso e na ação, a sua própria singularidade, sua própria imagem, o seu eu latente. É a possibilidade de manifestar, de partilhar, de expressar inclusive a si próprio aquilo que o distingue e aquilo que tem de comum com tudo o que existe. É a própria revelação do sujeito por meio da palavra e da ação.

"A Alteridade é sem dúvida, aspecto importante da pluralidade; é a razão pela qual todas as nossas definições são distinções e o motivo pelo qual não podemos dizer o que uma coisa é sem distingui-la de outra [...] Só o homem, porém, é capaz de exprimir essa diferença e distinguir-se; só ele é capaz de comunicar a si próprio e não apenas comunicar alguma coisa como sede, fome". (ARENDT, 1985, 189p.)

Importa ressaltar que, neste caso, distinto não significa diferente, porque na distinção o homem se distingue porém partilhando com tudo o que vive, e assim ele é singularidade e pluralidade ao mesmo tempo.

Tal revelação acontece no discurso e na ação, em que esse homem se torna igual e ao mesmo tempo se distingue do outro, manifestando-se desta forma ao mundo

não apenas fisicamente mas como homem. E esse homem, nós o definimos neste estudo como sujeito, como alguém que se defronta com o próprio desejo e que por esse fato de desejar é que se constitui em sujeito.

Em uma situação oposta àquela vivida nas experiências anteriores, na condição de alienado e excluído até mesmo do seu querer, hoje os meninos são donos dos seus desejos, dos seus destinos, são donos da construção não apenas de um espaço físico para sobreviver, mas da construção de si mesmo enquanto sujeito, do outro com quem se interage e se defronta e do mundo que o cerca.

Ainda em ARENDT (1981) reforçamos o nosso entendimento sobre esse sujeito, definindo-o como aquele que se constrói ao longo de sua existência à medida que se apropria das especificidades do mundo, disponíveis no contexto sociocultural em que vive e ao mesmo tempo participa da construção desse contexto pela sua ação. Tal definição não se encontra aqui por obrigatoriedade de explicitar o conceito do termo em questão, mas porque compreendemos ser esta a experiência mais significativa no processo de construção da Chácara. A relação que estabelecemos entre o exercício da Alteridade, presente nas múltiplas atividades cotidianas no interior da Chácara, e a construção do sujeito para os Meninos de Quatro Pinheiros é o fato de considerarmos a primeira (a Alteridade) condição para que a segunda (construção do sujeito) se efetive. Este entendimento é o motivo de termos privilegiado aprofundar o nosso estudo em torno do papel e da importância da Alteridade na sustentação do Projeto da Chácara.

Entendemos que o contexto social não se constitui apenas de elementos contidos na dimensão que se explicita de maneira clara, objetiva, consciente e intencional nas práticas cotidianas dos homens em torno das questões econômica, política, educacional e ambiental.

A construção do mundo social depende também de uma outra dimensão humana que, embora se manifeste de maneira implícita e subjetiva, encontra-se presente e influenciando igualmente em nossas práticas sociais, em nossos comportamentos e em nossos esquemas de sobrevivência. Estamos falando da presença e da atuação do imaginário, do fantástico, do senso comum, da crença, da ficção, dos sonhos, dos símbolos, das emoções e dos rituais.

Dessa maneira, em nosso trabalho de pesquisa não buscamos embasamento na lógica totalitária das teorias unidimensionais para interpretar as descobertas do nosso estudo, mas priorizamos marcos que pudessem servir para ampliar nossa capacidade de compreensão dos fatos observados levando em consideração a multiplicidade de realidades que participam da estruturação e construção da vida dos sujeitos em questão.

Assim, o presente estudo afasta-se das construções racionalizadoras e mecânicas do positivismo para aproximar-se em primeira instância do pensamento sociológico de Maffesoli (1984).

Dispensando esquemas historicistas e estruturalistas, esse autor propõe como forma, como caminho para conhecer e analisar a vida social, o pluralismo metodológico e o reconhecimento do poder cognitivo de toda experiência. Maffesoli compreende a vida social como algo inacabado, cuja essência se mostra, se expressa, se revela, especialmente nas atividades não lógicas: no lúdico, no trivial, no particular, no imprevisível, no descontínuo, no desordenado, no instável, no banal, nas representações.

Para ele, essa dimensão retrata o real, expressa a realidade social e tem poder cognitivo para construir conhecimentos e explicações sobre a vida social. Afirma também que esses elementos não podem ser ignorados ou tratados com banalidade nas interpretações da vida social, uma vez que esses atos representam uma dimensão da realidade que se encontra presente de forma significativa na sociabilização dos indivíduos, simbolizam, expressam, traduzem e revelam perfeita imagem do real que esses mesmos indivíduos decidem construir e acreditar; contar para si e para outros.

Para melhor caracterizar esse universo, o autor explicita os pontos comuns dentre esses atos:

- a) não possuem fundamentações, explicações, uma vez que não dependem de determinações causais, de continuidade, normas, ordenamentos para existir;
- b) sua existência é efêmera pois representa o presente do ser e da sociedade, não tendo portanto compromisso com o autêntico, com o dever ser, com a essência;

- c) mostram que as coerções são limitadas e que existe um espaço de autonomia para o sujeito se expressar e viver como se quer;
- d) ocorrem e podem ser vistos mais comumente no espaço urbano onde os encontros, as trocas, as discussões, os acontecimentos são mais intensos e exigem símbolos, rituais para serem guiados;
- e) participam ativamente na estruturação da vida social, uma vez que estão presentes em qualquer lugar, relação, ação e organização social;
- f) podem ocorrer independentemente do nível de racionalidade ou intenção dos atores;
- g) são necessárias para assegurar a socialização e interação entre os elementos heterogêneos e contraditórios que formam o conjunto social e igualmente necessário para a estruturação e permanência social;
- h) caminham junto com as ações lógicas e estruturadas e possuem a mesma força, eficácia e importância na estruturação e compreensão da vida individual e social.

Assim Maffesoli chama a atenção ao que ele denomina de universo do senso comum, essa dimensão humana que embora aja à sombra, tem poder cognitivo, participa do conhecimento e das explicações para a vida social servindo ainda como guia para as ações cotidianas.

Tendo por base esse entendimento, consideramos a Alteridade expressa no processo de construção da Chácara, por meio do discurso e dos atos de solidariedade, direitos, deveres, reciprocidade, partilha, lealdade, respeito a individualidade, revela-se mediante ambas as dimensões, em especial a enfatizada por Maffesoli.

Aquilo que entendemos como expressão da Alteridade encontra-se presente em todas as ações lógicas que promovem o cotidiano dos meninos, mas se expressa particularmente de forma significativa nos pequenos gestos, nos rituais, nas rotinas, nas atitudes do dia-a-dia, nos sonhos, nas crenças, nas falas espontâneas, nas fantasias e nas emoções que os Meninos de Quatro Pinheiros expressam no convívio e no comportamento que promovem.

Por tratar-se de atos comuns e significativos que participam de maneira ativa na estruturação da vida social e no processo de socialização dos meninos, a nossa atenção voltou-se especialmente a eles, no sentido de aprofundar nossas investigações explorando essa dimensão enfatizada por Maffesoli como forma de comprovar ou não as nossas suposições.

Nosso entendimento a respeito das ações humanas é o de que estas não se encontram separadas e/ou ocultas por trás do imaginário, mas sim que são orientadas por representações produzidas por esse imaginário.

Considerando que ambas as dimensões enfatizadas por Maffesoli estruturam o objeto da nossa investigação e que, portanto, este objeto insere-se num campo psicossocial, buscamos na Teoria das Representações Sociais o suporte teórico e metodológico para apreender e compreender as imagens, as idéias, as crenças, o saber que estão referenciando e orientando as percepções, os julgamentos e as ações dos Meninos de Quatro Pinheiros sobre a experiência da Alteridade na sua trajetória na Chácara. Isto porque atribuímos a essa forma de relação vivenciada atualmente o principal elemento orientador nas decisões de permanência e envolvimento dos meninos à proposta socioeducativa da Chácara. Afirmamos ainda que é por esse modo de viver as relações entre si que os meninos vislumbram a possibilidade de construir socialmente sua condição de sujeito.

O centro da referência teórica e da proposta metodológica desenvolvido por Moscovici (1991), para o conhecimento da realidade social ou parte dela, é a rejeição pelas dicotomias que pontuam os modelos clássicos monoteístas utilizados para pesquisar, conhecer e explicar o mundo social.

Moscovici<sup>6</sup> afirma que ao separar aquilo que é do indivíduo e aquilo que é do coletivo, ao catalogar métodos bons e métodos maus, ao impor noções do que é científico e assinalar o que não é científico, os modelos clássicos obscurecem, distorcem, deformam e nos impedem de ver os fenômenos sociais em sua amplitude e significado.

---

<sup>6</sup>MOSCOVICI, Serge. Des représentations collectives aux représentations sociales: éléments pour l'histoire, In: JODELET, D. (Org.). p.62. *Les représentations sociales* 2.ed. Paris : PUF, 1991, p.62-86.

Partindo de uma postura cognitivista e de um procedimento metodológico politeísta, Moscovici (1991) define as representações sociais como um saber desenvolvido no cotidiano das relações estabelecidas entre os indivíduos, grupos e sociedade. Trata-se, portanto, de um conhecimento ingênuo de um saber construído coletivamente e espontaneamente sobre vários assuntos que circulam entre as pessoas e que quando são verbalizados e compartilhados em forma de concepções, ideologias, religiões, contradições, mitos, crenças, transformam-se em referências, em hábitos, em ritos, em símbolos, em regras, em traduções e em ações práticas diante do mundo que nos cerca.

Além disso, afirma que esse saber, ao ser expresso por meio de discursos, atos e práticas sociais, revela a realidade social, explicita a forma com que os homens estão interpretando o mundo que os cerca e mostra a bússola que estão utilizando para guiar as suas ações, seus comportamentos, suas reações.

Enquanto forma de conhecimento construído e partilhado, as representações sociais são constituídas simultaneamente e conjuntamente pelas dimensões: **individual**, no qual se encontram comportamento, percepções, afeto e cognição resultantes de processos íntimos e, **social**, em que estão presentes as experiências grupais, as relações sociais e os elementos que existem em função da comunicação, das estruturas, do poder e das trocas. (MOSCOVICI, 1991).

Portanto, Moscovici reafirma a importância de se considerar o intercâmbio entre a objetividade e subjetividade na construção dessa forma de saber, sendo que é nesta reciprocidade que ele vê o caráter específico das representações sociais. Enfatiza que quando o sujeito empenha-se em entender, em dar sentido, em buscar consenso, em atribuir, significado simbólico ao mundo que o cerca, ele o faz com sentimentos, com crenças, com emoções, com valores e com paixão. No entanto, esse mesmo sujeito não existiria e nem teria tal preocupação, se não houvesse um sistema social, se ele não vivesse a experiência de coletividade, pois é a interação que lhe confere o atributo de racional e, portanto, a capacidade e a motivação para elaborar saberes.

Para Moscovici, nesse sentido, indivíduo e mundo social são sinônimos e se constroem mutuamente, um ao outro. Porém, cada qual conserva suas especificidades.

Assim, o social não se reduz a relações interpessoais e intersubjetivas, e nem se nega a reconhecer a distinção do indivíduo no coletivo.

Com tais afirmações ele explicita a sua postura, contrária à epistemologia do sujeito puro e à epistemologia do objeto puro. Seu olhar se volta sobre a relação entre os dois e afirma que o sujeito constrói o mundo e a si próprio por meio de sua atividade e da sua relação com o objeto mundo.

Ainda nessa reflexão, o autor enfatiza a distinção entre representação individual e representação construída coletivamente. A primeira não possui racionalidade pois tem como substrato a consciência do indivíduo e, portanto, ao contrário das representações sociais, são instáveis na transmissão e reprodução, são efêmeras e sem força para permanecer e se impor enquanto pensamento e linguagem, que constituem a base das representações sociais.

Em sua proposta para o estudo da vida social, salienta de início que considera impossível isolar um princípio único, um método ou uma teoria específica, para descrever e explicar os fenômenos sociais.

Desta forma, enfatiza Moscovici que é preciso lançar mão de outras teorias menos elementares e mais elásticas, mais criativas e flexíveis que ajudem a estudar os fenômenos sociais como eles se constituem e se apresentam de fato, ou seja: complexos, diversificados, instáveis, dinâmicos, processuais e mutáveis.

Recomenda ao pesquisador aproveitar as oportunidades que cada método disponível tem a oferecer. Ressalta que a elasticidade e complexidade são condições para que uma teoria perdure; seja reforçada em função da diversidade dos problemas e dos fenômenos novos que deve resolver, e assegure sua generalidade e valor prático.

Essa explicitação da teoria desenvolvida por Moscovici tem por finalidade demonstrar os pontos essenciais da teoria e do método escolhidos para fundamentar os nossos estudos sobre o papel da Alteridade na experiência na Chácara Padre Eduardo Michelis.

Quisemos também com esta exposição demonstrar a proximidade entre os princípios do pensamento de Moscovici com os princípios que norteiam as

formulações de Maffesoli descritas anteriormente e enfatizar as bases de que Denise Jodelet se utiliza para construir seu entendimento sobre as representações sociais.

Jodelet (1990) também considera as representações sociais uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, tendo com isso um objetivo prático que contribui para a construção da realidade comum a um conjunto social.

Para Jodelet, a representação social enquanto teoria ou enquanto fenômeno, diz respeito à construção de saberes, em que estão presentes simultaneamente as dimensões cognitiva, afetiva e social, cuja base é dada pela própria realidade social.

Embora esse saber se constitua a partir de experiências individuais, ele é elaborado e compartilhado socialmente dentro de um contexto social específico. Isto porque esse saber está ligado a assuntos comuns que influem na vida prática dos sujeitos que se encontram inscritos em uma realidade social e cultural definida.

Quanto ao objetivo desse modo de saber, é nos ajudar a dominar o ambiente em que vivemos, para nos identificar e resolver problemas que o mundo nos coloca, para compartilharmos o mundo com outros seres e nos situar a respeito deles. (JODELET, 1989).

A concepção de ser humano de Jodelet é a de ser social, impossível de ser conhecido sem considerar sua inserção em uma sociedade e em uma cultura, em dado momento histórico e em dadas condições políticas e econômicas. Em torno de suas práticas cotidianas, esses seres interagem, consensualmente ou não, criam sistemas, teorias, versões a respeito de aspectos da vida social, que servem de bússola para as suas ações e concorrem para a constituição da realidade social.

No contato direto com o cotidiano dos Meninos de Quatro Pinheiros observamos que os conhecimentos construídos e partilhados no dia-a-dia entre eles têm fundamentalmente as características explicitadas por Moscovici. Isto porque em seus discursos e em suas ações encontram-se presentes de forma significativa um saber que tem como referência suas experiências práticas vivenciadas antes e durante o processo de construção da Chácara.

Percebemos que nos discursos, nos hábitos, nas normas, nas histórias de vida; nas preferências, nas rejeições, nas escolhas, nas atitudes dos meninos estão contidos um número ilimitado de saberes que eles constroem, compartilham e utilizam como guia para suas práticas cotidianas. Entendemos também que nesse conjunto de modos de expressar os seus saberes encontra-se subjacente à leitura que os meninos fazem a respeito do mundo que os cerca, da Chácara e deles próprios, enquanto indivíduos e enquanto grupo social.

Para melhor conhecer, qualificar, precisar o significado real que tem a Alteridade para os Meninos de Quatro Pinheiros, escolhemos o modelo teórico e de procedimentos das representações social para nos referenciar e para nos guiar na verificação da consistência de nossas observações e suposições. Isto porque desejamos realizar tal verificação a partir do saber que os meninos possuem em torno dessas questões, uma vez que são sujeitos concretos que vivem e participam da realidade em que se encontram.

Assim, nosso plano de trabalho para aprofundar esta particularidade buscou, a partir das experiências vivenciadas e partilhadas no cotidiano dos meninos, na dinâmica de suas ações e falas, dados que possibilitassem a avaliação das seguintes questões:

- a) Quais os motivos e/ou motivações que explicam o desejo de ingresso e permanência na Chácara, e como estas motivações atuam no sentido do envolvimento dos meninos com a Chácara, não apenas enquanto lugar para viver, mas enquanto Projeto que se constrói coletivamente?
- b) Como os meninos representam as relações vivenciadas na Chácara, marcadas por obrigações e normas, por um lado, e, por outro, por liberdade e troca, e podemos sustentar que tais relações caracterizam o que definimos por Alteridade?
- c) Ao se aproximar do momento da saída da Chácara a condição de sujeito ali construída permite que os meninos se defrontem com o seu próprio projeto de autonomia?

Jodelet (1990) ainda ressalta que, ao construir a representação de um objeto, o sujeito expressa a sua relação com ele, servindo-se para tal, de elementos descritivos, simbólicos e normativos que circulam em seu meio e que se organizam como uma espécie de saber que orienta suas condutas e comunicações sociais.

Diante dessas considerações nos orientamos no sentido de verificar a partir das representações sociais as vinculações entre a natureza e forma de relação que os meninos estabelecem entre si, a qual denominamos de Alteridade, e a viabilidade daquele Projeto. Reafirmamos nossa suposição de que a permanência e envolvimento dos meninos no processo de construção do Projeto da Chácara estão intimamente ligados à possibilidade vista por eles de construir a si próprio como sujeito, tendo por referência e sustentação de seus propósitos, o exercício da Alteridade em sua trajetória na Chácara.

Justificamos a escolha deste enfoque porque, ao nosso desejo de conhecer e estudar o saber dos meninos a respeito da Alteridade em sua trajetória na Chácara, soma-se a motivação para comprovar se aquilo que denominamos Alteridade tem para os meninos o valor e o significado próximos ou iguais aos que atribuímos a esse conceito.

O contexto da Chácara nos fez percebê-la não simplesmente como um programa original de apoio socioeducacional para crianças abandonadas, mas um espaço propício para a construção social do sujeito, uma vez que se trata de um ambiente que prioriza a experiência da Alteridade e reconhece os que ali se encontram como sujeitos da sua própria história.

Dessa forma, a motivação central para explicitar aquilo que existe de mais significativo naquela experiência, é a vontade de vê-la reproduzida em outras iniciativas governamentais ou não.

Para o estudo das Representações Sociais dos Meninos de Quatro Pinheiros sobre a Alteridade vivenciada na trajetória da Chácara, a qual entendemos ser a condição para a construção do sujeito para os Meninos de Quatro Pinheiros e, portanto, o fator que define a permanência e o envolvimento destes àquela proposta, nos dispusemos, de acordo com Moscovici (1989), a evidenciar:

- a) a constituição, o conteúdo das representações sociais dos meninos, ou seja: as informações, imagens, opiniões, crenças, atitudes, o sentido que eles expressam a respeito da Alteridade na sua trajetória na Chácara;
- b) os processos que participam da formação, da origem e da reprodução dessas representações.

Para apreender a estrutura, a constituição ou o conteúdo das representações sociais dos Meninos de Quatro Pinheiros sobre o tema em questão, consideramos relevantes neste estudo todas as informações objetivas e subjetivas obtidas no período da pesquisa e que de alguma maneira entendemos estarem associadas ao objeto em estudo. Assim privilegiamos os fatos, as atitudes, o relacionamento, a organização que acontecem no cotidiano da Chácara; as conversas informais com os meninos, coordenador, educadores sobre a experiência, a análise de documentos da Chácara (Relatórios Anuais, 97/98, Regimento Interno, Estatuto Social), a análise de Recortes de Material Jornalístico (*O Estado do Paraná*, *Gazeta do Povo*) exemplares do jornal "*Os Meninos de Quatro Pinheiros*", a análise de poemas e músicas compostos pelos meninos. Tudo isso foi utilizado como material empírico para interpretações, análises e conclusões da pesquisadora.

A posse desse material permitiu a ordenação dos dados obtidos: transcrição de fitas, releitura do diário de campo e dos documentos primários e secundários.

A partir de nossos questionamentos e pressupostos e, com base na teoria escolhida para fundamentar nosso estudo, selecionamos os dados e as informações relevantes da forma a que os mesmos pudessem ser articulados aos referenciais teóricos da pesquisa.

Visando assegurar maior objetividade e coerência para as nossas observações e análises, servimo-nos ainda do recurso de entrevistas não estruturadas combinadas com a técnica de história oral temática realizada em julho de 1999. Para suplementar e/ou confirmar as informações disponíveis, selecionamos 12 (doze) meninos, portanto 50% do grupo, considerando a faixa etária de 11 a 17 anos, a capacidade de expressão e a

disposição para participar da entrevista. Aos entrevistados, solicitamos que expressassem livremente sobre os temas: Ingresso, Permanência, Chácara, Normas e Saída. Esses temas foram escolhidos para orientar as entrevistas tendo em vista representarem a reconstrução da trajetória dos sujeitos na Chácara e servirem de referência para a identificação da presença e do valor atribuído pelos meninos à Alteridade nesse processo.

A descrição pormenorizada dos procedimentos e os resultados dessa estratégia encontram-se na terceira parte do Capítulo 2 desta dissertação, sob o título: **A Alteridade nas representações sociais dos Meninos de Quatro Pinheiros:**

O conjunto desses procedimentos permitiu a análise do conteúdo das mensagens dos meninos em que estão contidos os valores, as crenças, as opiniões, as imagens e o valor atribuído por eles ao objeto da pesquisa. Essa análise constitui-se primeiramente em apreender elementos que participam da estruturação das representações sociais dos meninos e identificar o núcleo dessas representações. De acordo com Moscovici, considerou-se:

- a) a **freqüência** com que a Alteridade aparece nos discursos dos meninos ao se expressarem sobre a trajetória deles na Chácara;
- b) **valor** que atribuem à Alteridade nesse processo de construção da Chácara, ao qual associamos a construção dos meninos enquanto sujeitos;
- c) **sentido** atribuído pelos meninos à experiência da Alteridade vivida na Chácara;
- d) a **coerência** entre as informações prestadas informalmente com as obtidas por meio de entrevistas.

Com base na orientação de Jodelet (1990), esses elementos foram analisados e interpretados levando em consideração a posição socioeconômica e cultural vivenciada pelos meninos em suas experiências anteriores e atuais. Isto porque entendemos que o todo vivenciado por eles, incluindo a relação estabelecida com outros sujeitos, o lugar que ocuparam na estrutura social onde nasceram e os caminhos que percorreram em busca da sobrevivência, determinam o saber que eles constroem e partilham hoje em relação a distintos objetos que os cercam, em especial a sua trajetória na Chácara.

Segundo Jodelet (1990), na representação social estão todas as informações que o sujeito tem a respeito do objeto representado e estas são construídas a partir de elementos descritivos, simbólicos e normativos inerentes ao meio social em que vive o sujeito.

Trata-se de um referencial elaborado e organizado em forma de conhecimento prático que serve para orientar condutas e comunicações entre os indivíduos. Além disso, supre a necessidade de transformar em familiar aquilo que é desconhecido, aquilo que pode estar representando uma ameaça, uma ausência de referência. Trata-se, portanto, de uma forma de compreender fatos e idéias, de se situar diante deles e agir no ambiente a partir desse entendimento. (JODELET, 1989). No caso da presente pesquisa, nosso objetivo primeiro foi apreender e compreender os elementos que participam nas decisões dos meninos de permanecer e de se envolver com o Projeto da Chácara e, em particular, verificar se a Alteridade é representada pelos meninos conforme o sentido e o valor que atribuímos a essa experiência.

A identificação e a análise dos elementos que participam da formação, do funcionamento e da reprodução das representações sociais dos sujeitos desta pesquisa, fundamentaram-se ainda no método de Moscovici (1978), compreendendo o processo cognitivo que abrange vários momentos que vão da absorção das informações que os meninos receberam sobre o objeto em análise até a transformação dessas informações em práticas sociais – neste estudo a prática de permanecer, de se envolver e de aderir ao projeto denominado Chácara Eduardo Michellis.

Moscovici (1984) denomina de objetivação e ancoragem os processos que se referem à formação e ao funcionamento das representações sociais e enfatiza a relação que se estabelece entre o plano mental (processos psicológicos) e o plano material (fatores sociais), entre os indivíduos e grupos, isto é, o intercâmbio entre a objetividade e subjetividade no processo de construção, de reprodução e utilização prática desse saber.

A objetivação é o processo pelo qual uma idéia se transforma em produto. Isto acontece quando valores, crenças, imagens, ideologias são objetivadas e se transformam naquilo que este autor denomina de "seres da natureza".

Para que isto aconteça é necessário que existam, por um lado, idéias circulando a respeito de um objeto e, por outro lado, indivíduos e grupos, imbuídos de critérios, juízo, valores e condicionantes de um determinado meio sociocultural, criando, a partir desses condicionantes uma imagem; um conceito, um saber compreensível e familiar para si a respeito desse objeto. Trata-se de um processo que implica filtragem, triagem, ordenamento, sintetização, comunicação e partilha dos elementos que devem compor a representação do objeto. Este é o princípio da organização daquilo que Moscovici denomina de Núcleo da representação, o lugar onde se encontram a coerência, a estabilidade, a objetividade, a solidez e o significado do objeto representado, isto é, a própria representação.

Segundo Jodelet (1992), a generalidade e a estabilidade de uma representação é que lhe conferem o estatuto de referência, de guia para orientar as percepções e intervenções sobre a realidade social, e isto acontece à medida que exista comunicação, partilha e utilização desse conhecimento.

A ancoragem refere-se ao processo cognitivo propriamente dito; trata-se, portanto, da integração do objeto representado ao sistema de pensamento preexistente e as transformações ocorridas em ambos a partir dessa integração.

Ancorar, significa classificar, rotular algo que nos é estranho e que necessitamos transformar em familiar. Para isso, fazemos uma espécie de inventário de significados, de imagens que se encontram armazenados em nossa memória e escolhemos um desses elementos para comparar, mesmo que um único aspecto desse protótipo, ao objeto que estamos representando.

Assim, esse objeto pode ser rotulado, descrito, comunicado, partilhado e adquirir particularidades que o torna distinto entre outros objetos.

Esses protótipos orientadores têm de corresponder às expectativas que definem os comportamentos e ações, e serem traduzidos na significação e na utilidade conferida ao objeto representado.

Resultante das entrevistas realizadas, pudemos considerar pertinente as nossas afirmações em torno do objeto desse estudo, ou seja, o papel, o valor e o sentido da Alteridade para os meninos na trajetória da Chácara.

A análise do conteúdo dos discursos dos meninos nas citadas entrevistas revelou também que a Alteridade se constitui no principal elemento de sustentação daquele projeto, é o fator que torna a Chácara distinta de todos os outros projetos conhecidos pelos meninos.

As questões formuladas durante as entrevistas não enfocaram o tema Alteridade de maneira direta e nem mesmo foram referenciados aqueles elementos que, em conjunto, definimos por Alteridade, ou seja: a solidariedade, a partilha, os deveres, os direitos, a lealdade, o respeito à individualidade, entre outros.

O que fizemos foi solicitar aos meninos que se expressassem livremente sobre os temas: O Ingresso, a Permanência, a Chácara, as Normas e a Saída, e por meio deles verificar a presença, o papel, o valor e o sentido que os meninos atribuem à Alteridade na trajetória da Chácara, de forma que pudéssemos captar nas suas mensagens correlações com os nossos pressupostos.

Consideramos que os temas **Ingresso**, **Permanência** e **Saída** referem-se a momentos que implicam decisões e ações dos meninos, e que por isso necessitam de referências e de conceitos orientadores. Portanto, a abordagem destes temas teve como objetivo reconstituir essa trajetória e apreender nas falas dos meninos conteúdos sobre cada um desses momentos que pudessem significar elementos estruturantes, e expressões que pudessem ser entendidas como representações sociais dos meninos sobre a Alteridade.

Diante do tema **Ingresso** a expressão "liberdade de escolher" aparece com destaque como o elemento que motiva e orienta as decisões dos meninos. A **Permanência** também está na dependência daquilo que se pode entender pela vivência da Alteridade, uma vez que a condição explicitada dos meninos para permanecer está vinculada à convivência, à amizade, à liberdade de se expressar e ao vínculo que os meninos estabelecem neste lugar.

Ao solicitarmos para os meninos se expressarem sobre o tema, a **Chácara**, buscamos confirmação das observações que havíamos identificado e afirmado empiricamente com base nas atividades cotidianas e nos discursos espontâneo dos meninos. Além disso, quisemos apreender outros saberes a respeito da sua experiência que pudessem conter significados, valores, crenças e idéias sobre Alteridade vivenciada na Chácara.

Nesse momento a Chácara foi representada expressivamente pelo termo **lugar**, definido como ponto de referência para que os demais elementos se desenvolvam: "lugar que oferece a vida, lugar que ensina, lugar de ser alguém no futuro, lugar de amigos, lugar de estudo, lugar de trabalho, lugar sem violência, lugar de liberdade, lugar de interação, lugar de partilha", lugar, portanto, de Alteridade.

Além de apresentarem seus conceitos, suas definições sobre a Chácara, os meninos ainda utilizaram-se do recurso de comparação entre a Chácara e outras instituições conhecidas por eles, demonstrando com isso a própria singularidade da Chácara para eles.

Em relação ao tema **Normas**, foi tratado com o objetivo de verificar as representações dos meninos quando se deparam com limites, com deveres, com obrigações. Houve predominância da representação da Alteridade na vivência de Normas na Chácara quando esta foi identificada como um lugar onde a lei do respeito pela individualidade e especificidade do outro é percebida e aprovada pelos meninos. Demonstraram ainda o prazer pela participação na elaboração e no cumprimento das mesmas, além de atribuir o sentido de recuperação ou conquista de dignidade pelo exercício das mesmas. Aqui também a comparação entre a Chácara e outras instituições foi enfatizada por expressões, tais como: aqui não usamos droga aqui o educador é enérgico mas não bate, aqui nunca fui espancado, aqui a gente briga mas resolve o problema. Entendemos esse "aqui" como o lugar onde se tem o outro que comunica o limite no discurso e na ação, o outro que serve de referência para que os meninos se deparem com suas diferenças, com suas singularidades e com aquilo que têm de comum com tudo e com todos.

Quanto ao item **Saída**, o estudo das representações sociais dos meninos trouxe, por um lado, preocupações e questionamentos e, por outro lado, oportunizou oferecer à Chácara subsídios para refletir um aspecto que, a nosso ver, é de suma importância. A análise dos discursos dos meninos, contidos especialmente nas entrevistas, revelou a inexistência de elementos que pudessem ser identificados como representações sociais sobre a saída e nem se colocou qualquer idéia que pudesse associar a Alteridade a esse momento. Esta constatação nos impele a um conjunto de questionamentos que foram incluídos na parte três do Capítulo 2, com o propósito de contribuir com as reflexões que a Direção e Educadores da Chácara queriam realizar. Isto porque consideramos existir a necessidade da adoção de iniciativas e providências que ofereçam efetivamente aos meninos a condição para que eles idealizem e inaugurem de fato para si um lugar e uma situação de vida fora da Chácara, de forma que o processo de construção de sujeito se realize do ingresso à saída.

## **CAPÍTULO 1**

### **TUDO COMEÇOU POR CAUSA DO TERÇO...**

#### **1 A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES PROFETA ELIAS DA VILA LINDÓIA: "A COMUNIDADE PROFETA ELIAS"**

No momento em que buscávamos informações relativas à origem da Chácara, surpreendemo-nos com o fato de que tal dado poderia ser encontrado na história de um outro contexto: a Associação de Moradores Profeta Elias da Vila Lindóia, também conhecida por Comunidade Profeta Elias.

Para compreender tal vinculação, apoiamo-nos essencialmente nos relatos de duas pessoas, Raul e Soila, que, além de moradores antigos da Vila Lindóia, tiveram uma participação ativa e direta com a temática em questão.

Mediante entrevistas abertas pudemos reunir um material que nos permitiu retratar com fidelidade o surgimento e o desenvolvimento da referida Associação. Além disso, servimo-nos dos trabalhos de Maria do Carmo Rolim (1985), de Maria Arlete Rosa (1991) e de Lafaiete Santos Neves (1995) para explicitar o contexto socioeconômico e político em que tais fatos estiveram inseridos.

Assim, a presente pesquisa inicia-se com o resgate e a explanação dessa dimensão por considerá-la imprescindível para a compreensão da realidade a ser pesquisada e para a valorização das pessoas que participam da sua construção.

Com esse entendimento, iniciamos nosso trabalho afirmando que tudo começou por causa do Terço na casa do Senhor Manoel Francisco. Ao convidar seus vizinhos para rezar e conversar em sua casa, ele oportunizou a todos descobrir que, além da fé, eles tinham muitos pontos em comum e muitos momentos a compartilhar.

Movidos pela força do movimento migratório campo-cidade intensificado no Paraná em fins da década de 1970 e início dos anos 80, chega a Curitiba a família do Sr. Manoel, assim como centenas de outras famílias.

Importa lembrar que o referido movimento não aconteceu de maneira casual, espontânea e isolada, mas está inserido em um contexto mais abrangente que se fundamenta nas consequências negativas do modelo político-econômico adotado no Brasil a partir da década de 1950. Este modelo vigorava sob a orientação da política internacional do progresso e desenvolvimento econômico, instituído no período pós-Guerra. Orientada pelo modo de produção e de relação predominantemente capitalista, sua operacionalização no Brasil consistia na abertura do país aos investimentos e mercado internacionais para a implantação de indústrias, a começar pelos setores automobilístico, eletrodoméstico, maquinários, produtos químicos e siderurgia.

Entre tantas transformações que aconteceram no Brasil do ponto de vista econômico e social, a partir da expansão do processo de industrialização, destacam-se as transformações ocorridas nas áreas rurais e a intensificação do processo de urbanização.

No campo, a introdução da técnica e da mecanização modifica substancialmente as condições de trabalho e de relação de produção, afetando principalmente os não proprietários de terra: parceiros, meeiros e pequenos arrendatários.

O esfacelamento das relações de parcerias, a extinção de estabelecimentos de pequenos produtores rurais e a substituição de numeroso contingente de trabalhadores do campo pelas máquinas modernas trazem como maior consequência o desemprego para a maioria desses trabalhadores. Segundo Neves (1982), os incentivos para a modernização da agricultura, em especial o crédito agrícola, beneficiavam fundamentalmente os grandes produtores rurais, a quem eram possibilitadas a ampliação de terras, a aquisição de máquinas modernas, as compras de sementes e insumos destinados à exportação.

Em função desse quadro, tem-se que 1.250.000 pessoas, aproximadamente 250.000 famílias, considerando a média de 5 pessoas por família, que viviam no campo, deslocam-se das áreas rurais em direção aos médios e grandes centros urbanos do Estado do Paraná, outros estados, especialmente São Paulo (53%), países

limítrofes, destacando-se o Paraguai, para onde migraram cerca de 400.000 pessoas. Mas é em direção a Curitiba, e Região Metropolitana,<sup>7</sup> que o êxodo rural ocorrido no Paraná apresenta taxas mais elevadas:

"Entre 1970 e 1980 foi a região metropolitana que mais cresceu dentre as regiões metropolitanas do Brasil. Com a taxa de 5.62 % a.a (...) os municípios que mais cresceram, Colombo, Almirante Tamandaré e Piraquara, são verdadeiras cidades dormitórios, cuja força de trabalho exerce suas atividades em Curitiba". (NEVES, 1995 p. 9 e 11)

Esse movimento migratório em direção aos grandes centros urbanos não ocorreu apenas pelo fato de o trabalhador rural ter sido destituído do seu setor de trabalho e conseqüentemente ameaçado em sua sobrevivência.

O aceleração da modernização e o fomento de capital internacional para a expansão do ramo industrial no espaço urbano oportunizam a geração de oferta de emprego ao trabalhador das mais distintas qualificações profissionais.

Em Curitiba, até meados da década de 1960, o setor industrial se constituía basicamente de empresas de pequeno e médio porte, nas áreas de alimento, mineral não metálico, madeira e produção de móveis. A expansão do processo de industrialização ocorreu na segunda metade da década de 1970, com a criação da Cidade Industrial de Curitiba.

Seguindo o mesmo padrão técnico e econômico dos pólos industriais mais avançados, com indústrias de ponta, baseadas em alta tecnologia, elevados índices de produtividade e acumulação de capital, Curitiba reorienta e dinamiza esse setor e se transforma no primeiro pólo industrial do Paraná. O objetivo é atender à demanda do mercado interno e internacional. (ROSA, 1991, p. 32).

Embora tenha ocorrido considerável expansão na oferta de emprego: 24,3% no setor metal-mecânico, 23,6% no setor material elétrico, 16,6% no setor de produção de materiais plásticos e 8,7% no setor têxtil (ROLIM, 1985, p.64), as iniciativas do setor industrial não atenderam a um outro contingente de trabalhadores que buscavam em Curitiba um emprego. Oriundos da área rural, e desprovidos de qualificação

---

<sup>7</sup> A Região Metropolitana: nesse momento constituía-se dos seguintes municípios: Almirante Tamandaré, Colombo, São José dos Pinhais, Piraquara, Araucária, Rio Branco do Sul, Quatro Barras, Pinhais.

profissional e/ou grau de escolaridade para atender aos requisitos exigidos pelas indústrias, esses trabalhadores passam a exercer atividades ligadas ao setor econômico classificado na época de terciário. Este setor se expande na Capital, tendo em vista que, para sobreviver, esse contingente disponível se ocupa com a prestação de serviços essencialmente nos ramos da construção civil, madeireiro, vigilância, comércio e limpeza. (ROSA, p.33).

Além da propaganda difundida em torno da disponibilidade de empregos, outro elemento contribuiu para a intensificação e o aceleração do fluxo migratório para Curitiba: foi a mensagem difundida pelo Estado e multinacionais por meio da imprensa de que a vida na "Cidade Grande" seria melhor. Desanimados pelas dificuldades vivenciadas no campo e nas pequenas cidades do interior do Estado, os trabalhadores do campo não percebiam que os atrativos divulgados eram criados para seduzi-los a atender ao chamado da capital que necessitava de mão-de-obra desqualificada, abundante, e conseqüentemente barata, para explorar e assim acumular riquezas.

No lugar de facilidades, do acesso aos bens de serviço e de consumo, de ambientes limpos e agradáveis, de casas confortáveis e outras promessas que as fascinavam, essas famílias encontravam uma realidade significativamente diferente. As capitais brasileiras consideradas pólos de atração para esse movimento migratório, inclusive Curitiba, não foram preparadas para receber esse contingente e atender as suas necessidades básicas: trabalho, casa, comida, saúde, educação, lazer, segurança.

As desigualdades de renda e de oportunidades recebem tonalidades muito fortes e logo mostraram a quem eram destinados os benefícios, as benfeitorias, os serviços públicos, os espaços privilegiados da cidade, e quem deles estava excluído. Ao migrante coube a batalha pela sobrevivência, o desemprego, a má remuneração, as moradias precárias em áreas afastadas e de risco, além do não acesso aos benefícios, aos bens e aos serviços.

Era evidente o quadro das contradições produzido pelo sistema capitalista em todo o Brasil; e, em Curitiba, não foi diferente. O modelo de desenvolvimento econômico

era o mesmo em todo o país, distribuição de bens e serviços desiguais, cabendo às famílias da classe trabalhadora o enfrentamento do chamado processo de pauperização, e, junto dele, o retrato de miséria e de sofrimento desse contingente de migrantes.

Nesse quadro, um dos fenômenos mais evidentes em Curitiba foi a formação dos chamados "cinturões da pobreza" ao redor da cidade.

A revisão dos estudos citados anteriormente leva-nos a afirmar que não existia naquele momento uma política habitacional municipal capaz de atender à totalidade das necessidades da população pobre. Este fato aliado à falta de poder aquisitivo obriga esse contingente de migrantes a ocupar localidades distantes e periféricas da cidade para solucionar seu problema de moradia.

"[...] a partir da década de 60, foi a formação dos primeiros núcleos de favelas, áreas públicas, litigiosas ou irregulares, desprovidas de qualquer infra-estrutura (água, luz, iluminação, ruas, saneamento) ocupadas por trabalhadores de baixa renda. Esse processo acentua-se expressivamente a partir da década de 70 e 80 com êxodo rural [...]" (ROSA, 1991, p.37)

Nesse mesmo estudo (1991), verificou-se que a maioria das favelas concentrava-se no setor sul da cidade. Devido à implantação da via estrutural e da zona industrial na região sudeste, ocorreu valorização do solo nesta região, enquanto a região sul, pelas precárias condições de infra-estrutura e de serviços urbanos básicos (água, luz, transporte), era desvalorizada e, portanto, atraiu o fluxo de famílias, cuja condição de pauperização já não permitia buscar outra alternativa.

Essa também é uma parte da história do Sr. Manoel Francisco e de seus vizinhos, quando no início da década de 1970 chegaram à Vila do Atalho, mais tarde denominada de Vila Lindóia.

Inicialmente, ali se agruparam famílias pobres de Curitiba que, não possuindo condições socioeconômicas para serem incluídas no planejamento urbano da época eram empurradas para as áreas periféricas. Juntando-se a essas famílias, em 1974 chegam na Vila os primeiros migrantes vindos do campo ou de cidades de pequeno porte de todo o interior do Brasil, que também não encontrando alternativas para moradia nos espaços privilegiado na capital paranaense buscam a solução para esse problema na Vila Lindóia.

"Em estudo realizados pela Prefeitura Municipal de Curitiba-PMC, constatou-se que, além do êxodo rural, outros fatores determinam a formação de favelas da cidade, havendo "um contingente de favelados naturais de Curitiba e migrantes mais antigos que foram expulsos de suas residências, tanto pela valorização dos terrenos e a especulação imobiliária que vai atingindo os bairros da cidade, como pela perda do poder aquisitivo de seus salários". (ROSA, 1981, p.39)

Rosa evidencia em seu estudo que as principais dificuldades enfrentadas pelos moradores da periferia estavam relacionadas à infra-estrutura básica. A exemplo disso, demonstra que o sistema de coleta e tratamento de esgotos atendia 39,6% da população de Curitiba em 1984, cuja abrangência atingia apenas um raio de três quilômetros a partir do centro da cidade.

As dificuldades cotidianas impostas pela precariedade do local, bem como pelos fatores socioeconômicos, nem sempre permitiam que a convivência entre essas pessoas fosse pacífica e/ou harmoniosa. Faltava-lhes tudo: moradia, alimento, segurança, bens e serviços sociais. Com frequência havia problemas relacionados a roubos, brigas e até mesmo morte. Sabe-se, por exemplo, que eram comuns desavenças por causa da torneira d'água.

Mesmo diante de tantos problemas, no relato de Soila pudemos identificar que havia por parte de algumas pessoas a preocupação e o desejo de encontrar uma maneira que oportunizasse a aproximação entre os habitantes daquela comunidade. Com essa intenção, o Sr. Manoel criou em sua casa um espaço para reunir pessoas interessadas em rezar o Terço, conversar e refletir sobre os seus problemas comuns.

O processo de reflexão era inspirado na leitura de textos bíblicos fornecidos por freis da Ordem dos Carmelitas, Romualdo, Chico e Edmilson, que visitavam frequentemente o local levando mensagens da Teologia da Libertação. Especialmente nas histórias de Moisés e do Profeta Elias, o grupo encontrava elementos e situações da época vividas por esses personagens semelhantes e compatíveis com aquilo que as classes populares brasileiras experienciavam nos dias atuais, em especial a questão da necessidade de organização pela posse da terra. Esse era o assunto que despertava maior interesse no grupo. O fato de esses moradores serem constantemente molestados e agredidos por agentes de órgãos oficiais designados para expulsá-los das áreas onde construíam barracos para abrigar suas famílias, impunha-lhes a necessidade de

encontrar uma forma para adquirir, ou melhor, regularizar a posse de um pedaço de terra onde pudessem residir livres da violência dessas intervenções.

Essa preocupação específica com a posse, ou melhor, a regulamentação dos terrenos que ocupavam estava ligada ao fato de que por serem distantes do centro da cidade, desprovidos de infra-estrutura tratava-se geralmente de terrenos adquiridos de maneira irregular e clandestina. O agravante naquele momento não era a invasão em terras alheias, mas livrar-se das armadilhas preparadas por vendedores de loteamentos que, "de má-fé, ofereciam vantagens pela compra de terrenos, inexistentes juridicamente [...] aqueles trabalhadores que vindos do interior do estado, com pouca experiência de vida na cidade e poucos recursos financeiros, juntavam todas as economias de vários anos para comprar um lugar onde morar". (ROSA, 1991, p.40)

O Terço continuava, e a exemplo do Sr. Manoel outros moradores ofereceram suas casas para as reuniões. Essa alternância de local para orar e refletir sobre suas vidas recebe o nome de "Círculo do Terço".

Além do problema relativo à posse e legalização dos terrenos que ocupavam, o grupo de moradores da Vila Lindóia discutia também uma maneira de se organizar, em função da premência de conseguir melhoria das condições de habitabilidade no espaço que ocupavam: eles não tinham água, transporte, energia elétrica, iluminação, esgoto, escola, posto médico.

Nesta perspectiva, ao trocarem experiência com grupos de outras áreas da cidade que vivenciavam situações semelhantes, e também ao contar inicialmente com o auxílio da Ordem dos Carmelitas<sup>8</sup> que se dispunha a apoiá-los, esclarecê-los e assessorá-los em suas causas, esses moradores sabiam que havia necessidade de criar um organismo formal, ou seja, um instrumento legítimo para expressar aos canais

---

<sup>8</sup>Foi exatamente nesse contexto que, em fins de 1977, se inicia o processo de resistência e de luta, com a formação das Associações de Moradores e Amigos de Bairro de Curitiba, representando um marco no processo de transformação das favelas em vilas, caracterizando-se por alterações significativas no âmbito das relações de enfrentamento dos moradores da favela com à PMC/Estado quanto às políticas referentes à habitação, serviços e equipamentos públicos..."(ROSA, 1991, p. 40)

competentes suas necessidades, seus direitos e suas reivindicações pela melhoria das condições de vida.

Assim, nasce em 1980 a Associação de Moradores Profeta Elias da Vila Lindóia, com sede construída em sistema de mutirão, tendo como seu primeiro presidente o Sr. Salustiano de Oliveira. Devidamente formalizada, a Associação serviu de canal para que seus criadores estabelecessem contatos com entidades voltadas a apoiar populações marginalizadas, tais como: A Comissão Pastoral da Justiça e Paz, Pastoral de Favelas, Movimento de Associação de Bairros.

Rolim (1985), em seu estudo compreende que esse tipo de colaboração é uma das características da organização dos movimentos associativos daquela época, uma vez que estes "sofriam a influência de agentes externos". Estes agentes, na condição de indivíduos, grupos, profissionais liberais e instituições como a igreja, possuíam papel fundamental para que tais movimentos ganhassem força e ocupassem espaços junto à sociedade civil, uma vez que ofereciam aos movimentos "saber técnico" importante para a mobilização de recursos. (ROLIM, 1985, p.38-39)

A Associação de Moradores da Vila Lindóia tinha uma luta comum que envolvia a todos: crianças, jovens, adultos, idosos. Era a luta pela posse da terra. Esse era o foco central da preocupação, do trabalho e da união dos moradores. Porém, pelo alto grau de envolvimento das pessoas na luta pelas causas cotidianas e pelo grau de dificuldades que surgiam na Vila, elas viram-se obrigadas a criar estratégias que viabilizassem a reflexão, a organização e o bom andamento de questões ligadas também aos seus interesses específicos. A exemplo disso, criam-se Grupo de Jovens, Grupo de Mães, Grupo de Liturgia, Grupo de Terço, Grupo de Meninas e Grupo de Meninos. Pela vinculação desses dois últimos grupos citados com o tema principal da nossa dissertação, eles merecerão maior destaque no relato sobre as suas particularidades, seu funcionamento, seus objetivos e suas ações.

O Grupo de Meninas nasceu decorrente da preocupação de seus pais em deixá-las em casa sozinhas, ociosas enquanto eles saíam para o trabalho. Um dos principais temores das famílias era o de que essas meninas fossem para as ruas e

estabelecessem contato com situações nocivas ou contrárias àquilo que os pais almejavam para elas. Posto isso, Tereza Lopes e Noeli Oliveira, jovens moradoras da Vila, foram solicitadas pela comunidade para organizar atividades que orientassem e ocupassem o tempo das meninas do bairro.

Sem qualquer referência pedagógica formal, dispunham do bom senso e de suas experiências de vida para cumprir o papel a elas atribuído. Criavam oportunidades para conversar sobre temas de interesse feminino, sobre valores morais, religiosos e ensinavam a pintura em panos de prato com o objetivo de incentivá-las a produzir um tipo de colaboração para com as despesas da família. Para comprar o material necessário ao trabalho (tintas, pincéis, sacos e outros), o grupo arrecadava e vendia roupas usadas.

Importa ressaltar que todo esse processo contou particularmente com a presença de freis da Ordem dos Carmelitas. Eles se revezavam, conforme exigências da Ordem, mas permaneciam junto com a comunidade, para orientá-la e apoiá-la naquilo que fosse necessário.

Por volta de 1982, a Associação de Moradores tomou a iniciativa de construir um espaço para abrigar esses religiosos dentro da comunidade, visto que era cada vez mais freqüente a permanência desses no local e *"também porque a intenção dos Carmelitas era a de inserir-se na comunidade para poder melhor auxiliar os moradores"*. (Depoimento/Raul). A esse abrigo deu-se o nome de "A Casa dos Freis".

Em 1984 chegaram à comunidade os freis Fernando Francisco, Euclides e Osny, sendo os primeiros a residir na casa construída pelos moradores da Vila. O frei Euclides se envolvia mais com as questões teológicas, os freis Osny e Fernando, além de atuarem no encaminhamento das questões gerais da Associação dos Moradores, se preocupavam especialmente com o desenvolvimento e a formação das crianças e dos adolescentes da comunidade, uma vez que careciam da educação formal. Dessa demanda, os freis Fernando e Euclides organizaram o Grupo de Meninos da Associação dos Moradores Profeta Elias da Vila Lindóia.

Devido ao vínculo dos freis Fernando e Euclides com a Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Paraná, enquanto estagiários do Projeto Repensando a Escola, a comunidade recebia as primeiras referências sobre a pedagogia de Paulo Freire e de Celestino Frenet. Com tal subsídio e experiências, esse freis intensificaram e aprofundaram junto aos meninos atividades "socioeducativas", preferencialmente aquelas que pudessem estimular reflexões sobre situações vivenciadas direta ou indiretamente por eles em seu cotidiano e que oportunizassem o exercício do convívio fraterno, da partilhada interação, do cooperativismo e da afetividade. Entre outras, a atividade que se tornou mais significativa para os meninos consistiu na criação do Grupo de Fantoques.

Os bonequinhos e os cenários eram confeccionados pelos próprios meninos. As histórias, criadas a partir de reflexões de textos bíblicos, retratavam a realidade dos meninos pobres e traziam como enfoque especial a questão do movimento e da luta do povo pela posse da terra. Para isso, inspiravam-se especialmente nos personagens bíblicos Moisés, Rute e o Profeta Elias.

A partir dessas experiências todas as pessoas responsáveis pelas atividades infanto-juvenis receberam da própria comunidade a denominação de educadores.

Durante certo período o trabalho com as crianças foi realizado separadamente, meninos de um lado e meninas do outro. Porém, com o passar do tempo, sentindo a necessidade de avaliações, os educadores identificaram essa separação como algo incoerente com o propósito do trabalho que vinham realizando: integrar, conviver, compartilhar, unir. No entanto, essa maneira de organizar o trabalho com as crianças, agrupando-as por sexo, era compatível com a vontade, com os valores, com os tabus e com os preconceitos dos familiares daquelas crianças. Por isso, a reflexão dos educadores é levada aos pais e, após aprovação dos mesmos, os dois grupos se unem possibilitando assim criar o "Grupo de Teatro Vivo". Essa junção propicia, além de outros benefícios, a minimização e a dissolução de desavenças e/ou rivalidades entre jovens e entre adultos da comunidade.

Aproveitando áreas desabitadas próximas da comunidade da Vila Lindóia, os educadores incentivam atividades teatrais ao ar livre que possibilitassem encenar e discutir, entre outros assuntos, a História do Brasil, a situação dos Sem-Terra, a condição do Negro e do Índio em nossa sociedade.

Para que não houvesse interrupção desse trabalho em campo e para incentivar a partilha entre os meninos, cada criança devia levar um legume ou uma verdura, que, ao serem reunidos e cozidos, davam origem a um "sopão" servido para todos.

Ao retornarem, reuniam-se na Casa dos Freis para avaliar as atividades do dia dialogando, desenhando e refletindo. Inicialmente, as peças teatrais eram apresentadas apenas no seio da comunidade nas datas comemorativas ou para outros grupos afins, quando solicitado. Em 1987, na programação de abertura da Campanha da Fraternidade, organizada pela Paróquia Nossa Senhora da Conceição, constava a apresentação do grupo trazendo como tema "A discriminação enfrentada pela criança pobre". O comentário sobre a discriminação sofrida dentro das escolas suscitou um situação de tensão com representantes de uma escola que estavam presentes. Uma das professoras exigia do grupo de teatro uma retratação, "um pedido de perdão". Esse episódio foi presenciado por Raul, nosso entrevistado, que na época tinha 13 anos e fazia parte do elenco.

Usando esse tema e outros similares como fonte de expansão ou agentes de denúncia sobre as condições em que viviam, o grupo de crianças e jovens da Vila Lindóia apresentava-se em universidades, escolas particulares, associações profissionais e outros locais que se interessavam pelas suas histórias e pelas situações relativas à sua comunidade: desemprego, relação da polícia com a Vila, eleições municipais, entre outras.

Sempre que possível, o Grupo de Meninos e Meninas participava também nas discussões e decisões da Associação de Moradores. Esse envolvimento, somado às suas reflexões específicas, contribuiu para o despertar do senso crítico nesses jovens. Nessa mesma época eles se sentiam indignados frente aos métodos educacionais das

escolas formais que freqüentavam. Alguns, a exemplo da grande maioria das crianças pobres, desistiam da escola; outros levavam suas críticas para o seio dessas instituições tentando colaborar na revisão e no redirecionamento das propostas pedagógicas, operacionalizadas pelas mesmas.

Paralelo a esse dinâmica, um grupo de pais fortalece o grupo de educadores à medida que se dispõe a ensinar às crianças e aos jovens ofícios de pintor, marceneiro, mecânico, pedreiro, entre outros, de acordo com aquilo que sabiam e julgavam importante repassar aos filhos.

Esse movimento em torno das crianças cresce e outros cursos profissionalizantes acontecem naquela comunidade: crochê, macramê, serigrafia, cerâmica, com a intenção de ocupar e incentivar os jovens a colaborar com a renda familiar. A "Casa dos Freis" é o espaço onde esses cursos acontecem inicialmente. Porém, pelo fato de ter aumentado o número de crianças e jovens interessados pelas atividades, nesta ocasião em torno de cento e vinte, eles próprios tomam a iniciativa de promover a "Campanha do Tijolo e do Material de Construção", e constroem uma casa de aproximadamente 70m<sup>2</sup> onde se realizariam os cursos. Além disso, providenciaram um forno de barro destinado ao curso de argila e cerâmica, o qual denominaram "Forno Esperança dos Menores da Comunidade Profeta Elias". Esses projetos contavam com subsídios financeiros de organismos governamentais ou não, entre eles: Pastoral de Favelas, Fundação Fé e Alegria, Visão Mundial e Secretaria Municipal da Criança.

Além de recursos para aquisição de material e equipamentos, conseguiram remuneração para os educadores Raul Correia, Luís Martins, Sueli, Manoel Francisco Filho e Josué Lopes, que até então exerciam suas atividades voluntariamente.

As atividades e preocupações desse grupo de meninos não se restringiram ao seu universo pessoal. No ano de 1986, a Campanha da Fraternidade trazia como tema: Terra de Deus, Terra de Irmãos. Além de arrecadarem donativos para os sem-terras, eles prepararam peças teatrais e confeccionaram cartazes simbolizando a vida e a luta deste movimento.

Da mesma maneira, sensibilizaram-se com uma das questões sociais de maior destaque daquele momento: os meninos de rua.<sup>9</sup>

Ao participarem de eventos promovidos pelas Comunidades Eclesiais de Base e pelo Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, que surgia naquele momento no cenário nacional, tomaram conhecimento da situação e condições de vida daquelas crianças. Dessa realidade retiraram a idéia para confeccionar quinze cartazes que expressavam a via-sacra de Jesus, para compará-la ao sofrimento das crianças e dos adolescentes abandonados que vivem e morrem nas ruas. Esse trabalho, ao ser conhecido pela Prefeitura Municipal de Curitiba, é reproduzido e enviado aos órgãos oficiais que trabalhavam com crianças. Desta maneira, o trabalho do grupo da Comunidade Profeta Elias se transforma em referência para diversos setores da sociedade refletirem sobre os seus conceitos e sobre as suas práticas em relação às crianças abandonadas.

Em 1987, o grupo de meninos da Vila Lindóia integra uma passeata promovida pelo Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua que contou com aproximadamente 250 participantes, que saíram às ruas para expor e denunciar à sociedade a condição das crianças pobres e abandonadas de Curitiba e Região Metropolitana.

Com essa mesma finalidade, os meninos da Vila Lindóia constroem uma televisão popular, utilizando-se de uma caixa de papelão cujas medidas, formas e detalhes

<sup>9</sup>**Meninos de Rua:** 1 - É o termo habitualmente utilizado para denominar o problema social que explicita a situação de meninos e meninas pobres que buscam nas ruas um modo de sobreviver, sendo que dos 80 (oitenta) milhões de crianças vivendo tal situação em todo o mundo, 20 (vinte) milhões encontram-se no Brasil (MARTINS, 1996, 35p). Em 1993, através de pesquisa realizada pelo Setor de Ciências Humanas da UFPR, com o auxílio de membros do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua e da Comunidade Profeta Elias, entrevistou-se em Curitiba 1.154 crianças e adolescentes em situação de rua, além de identificar outras 87 (oitenta e sete) que não se dispuseram a responder ao questionário.(GOMIDE, 1996, 109p)

2 - Embora o Estatuto da Criança e do Adolescente considere criança a pessoa até doze anos de idade incompleta, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade, e, embora nos estudos sobre crianças em situação de rua tenhamos encontrado uma série de tipologias e classificações a respeito das mesmas, nessa dissertação nos reportaremos a elas simplesmente por os meninos, ou por as crianças, independente de sexo, idade ou tipologia. Isto porque adotamos a definição utilizada pelas Nações Unidas (ICCB, 1985, p.2) para nos referirmos à população com a qual o grupo da Vila Lindóia se envolveu: "uma criança de rua é qualquer menino ou menina que não alcançou a idade adulta e para quem a rua (no senso mais amplo da palavra, incluindo casas desabitadas, terrenos baldios, etc.) tornou-se sua moradia habitual e/ou fonte de sobrevivência; e que não tem a proteção, supervisão ou orientação de um adulto responsável".

imitavam um aparelho de TV. Eles apresentavam desenhos, contavam histórias de suas vidas e da vida das crianças que estavam na rua. Essa TV atingiu alto grau de aperfeiçoamento quando foi incrementada com recursos sonoros obtidos pela gravação de diálogos e inclusão de músicas.

Atentos a algumas experiências que despontavam em outros grandes centros urbanos, como, por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro, surge a idéia de formar na Vila Lindóia um grupo de educadores de rua para realizar um trabalho conhecido por Abordagem de Rua.<sup>10</sup>

O primeiro grupo constituído foi composto por Fernando Gois, José Carlos, Luís Antônio, Aparecido, Marlene, Marcos, Luis Carlos e Raul.

Identificando-se como Educadores de Rua da Comunidade Profeta Elias, esse grupo deslocava-se até o centro da cidade para conhecer mais de perto a realidade dos meninos de rua. Destituídos de qualquer proposta de intervenção imediata, não tinham preocupação em impor soluções para os meninos que encontrassem na rua.

Num primeiro momento a intervenção consistia em conhecer a extensão do problema. Só depois de alguns contatos com os meninos é que surgiram o desejo e a expectativa de "tirá-los da rua, devolvê-los à família e à comunidade":

*"A gente tinha medo deles, porque o rádio e a TV só se referiam a eles como trombadinhas, marginais, delinqüentes, violentos. O Fernando (Frei) era o nosso escudo, ele não tinha medo. Quando íamos para a rua, nós conseguíamos facilmente identificar os meninos, pois tinham as características semelhantes às nossas: vestimentas, cabelos etc. Quando passávamos por eles ficávamos olhando pra eles e eles pra nós, um grupo com medo do outro". (Depoimento/Raul)*

Embora o conhecimento daquela situação provocasse um conflito entre aquilo que podiam refletir a partir de suas próprias vidas e aquilo que a mídia criava e difundia para a sociedade, o grupo da Vila Lindóia não recuou, e a oportunidade foi criada. Raul conta que o primeiro encontro se deu em um domingo à noite.

---

<sup>10</sup>Abordagem de rua: na proposta do grupo da Vila Lindóia esse trabalho constituiu em, inicialmente, ir às ruas para ouvir, observar, estabelecer contatos e amizades com os meninos de rua para verificar se poderiam auxiliá-los em alguma situação. Com o desenrolar da relação estabelecida este trabalho de abordagem assume caráter sociopedagógico, como poderá ser visto nos relatos a seguir.

Apresentaram-se para alguns meninos de rua como grupo de uma Associação de Bairro, disposto a fazer amizade com eles, conversar, ouvi-los, trocar experiências, jogar capoeira, tocar pandeiro, lanchar. Havia uma preocupação do grupo da Vila Lindóia em identificar-se como um grupo distinto de outros grupos que também se apresentavam como educadores de rua naquela época.

Temerosos com a violência de uns e resistentes à mera curiosidade e especulação de outros, as crianças e adolescentes que estavam nas ruas haviam constituído uma barreira em torno de seu mundo. Portanto, os encontros denominados de **abordagem de rua**, que inicialmente ocorriam sistematicamente aos domingos, de 19 às 23 horas, só puderam ser expandidos também para as quartas-feiras, no mesmo horário, à medida que a amizade proposta pelo grupo da Vila Lindóia podia ser comprovada com a presença e com atitudes de respeito e de solidariedade diante daquela situação. Desta maneira, puderam criar gradativamente vínculos de confiança e conhecer mais de perto o cotidiano, a organização, os valores, os anseios e as estratégias de vida dos meninos de rua de Curitiba.

Com esse perfil de trabalho, a equipe formada por moradores (jovens e adultos) da Vila Lindóia e religiosos da Ordem dos Carmelitas fica conhecida não apenas pelos meninos de rua, mas também pela população de Curitiba, como Equipe de Educadores de Rua da Comunidade Profeta Elias ou Educadores de Rua da Vila Lindóia.

Conforme sugestão dada por Raul, as informações referentes a essa experiência poderiam ser ampliadas e enriquecidas se, além dele e da Soila, localizássemos e ouvíssemos outras pessoas envolvidas com essa experiência, ou seja, educadores e meninos de rua, que viveram aquele momento.

Desta forma, as situações descritas na sequência contam também com depoimentos e relatos coletados junto a outro integrante do grupo de educadores, o Fernando, e junto a especialmente três meninos integrantes do grupo que moravam na rua naquela época. Além disso, pudemos obter dados complementares mediante relatórios a respeito dessa experiência que se encontram arquivados na Chácara.

O produto dessas entrevistas e do acesso a documentos cedidos por esses colaboradores, permitiu que retratássemos de forma mais abrangente e precisa a relação estabelecida entre a Comunidade da Vila Lindóia e os Meninos de Rua, bem como os limites e alcances desta experiência. Da extensão e do valor que atribuímos a esse material originou-se a segunda parte do primeiro capítulo desta dissertação.

## **2 A COMUNIDADE PROFETA ELIAS E OS MENINOS DE RUA: LIMITES E ALCANCES DE UMA RELAÇÃO VOLTADA À CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SUJEITO**

À medida que os vínculos iam se estreitando, as resistências e as defesas dos meninos de rua diminuía no sentido de falarem a respeito de suas vidas aos educadores da Vila Lindóia. Revelavam de maneira fragmentada três experiências muito significativas vivenciadas em suas curtas trajetórias de vida: com a família, com as instituições assistenciais e com a rua. Pela estreita vinculação dessas informações e depoimentos com a questão central desta dissertação, consideramos de fundamental importância referenciá-las e retratá-las com o máximo de precisão que as informações fornecidas nos possibilitou.

Para facilitar a exposição, fizemos um espécie de parêntese dentro deste trabalho e agrupamos as informações relativas a essas experiências. Tal procedimento foi utilizado como recurso didático, porque na prática a exposição não aconteceu dessa maneira. As revelações sobre as trajetórias e experiências dos meninos foram feitas aos Educadores da Vila Lindóia gradativamente, à medida que o trabalho de Abordagem de Rua se desenvolvia. Importa ressaltar aqui que a dinâmica e as especificidades desse trabalho de abordagem encontram-se descritas após o relato das informações referidas acima.

Quanto às suas origens, os meninos contavam uma história semelhante a dos jovens educadores da Vila Lindóia. Também faziam parte de famílias pobres, migrantes, vindas do campo e/ou interior do Estado que procuravam a Capital com o

objetivo de melhorar de vida. A diferença estava no fato de que as famílias dos meninos que estavam nas ruas não haviam resistido aos embates provocados pela miséria socioeconômica e cultural a que foram submetidas e, por desestruturarem-se ou por não conseguir cumprir com a sua função de provedora, haviam passado da condição de marginais a marginalizantes, ou seja: colocando seus filhos na rua.

A maioria dessas famílias, segundo os meninos, residia em favelas de Curitiba: Vila Pinto, Parolim, Sítio Cercado, Cidade Industrial, Novo Mundo, Hauer, Boqueirão, Uberaba, Pinheirinho, São Braz, Mossunguê, Alto Boqueirão, Campo Comprido, e outras em municípios da Região Metropolitana de Curitiba – Almirante Tamandaré, Colombo, Pinhais, São José dos Pinhais, Piraquara, Araucária, Campina Grande do Sul, Rio Branco do Sul, Araucária, Cerro Azul.

Em ambos os casos tratava-se de famílias em situação de absoluta miséria e fragilidade em sua estrutura e dinâmica. Algumas sem qualificações para o trabalho urbano e/ou para as ofertas que as inserissem no mercado formal de trabalho, buscavam o sustento por meio de "bicos", biscates e subempregos que nem sempre permitiam o ganho para garantir a subsistência de seus membros. Outras viviam em situação de mendicância, coletando lixo, vendendo papéis, sendo estas as que enfrentavam situações ainda mais difíceis e impossibilitadoras para educar e cuidar dos filhos.

"[...] o que podemos observar realmente hoje, com ênfase nas camadas populares, é uma erosão na capacidade da família em termos de aglutinação e regulação dos indivíduos para a vida em sociedade". (MACEDO, 1994)

Esse panorama era o denominador comum entre os meninos de rua para explicar o início de seu envolvimento com as ruas.

A exemplo de seus familiares e às vezes pressionadas por eles, as crianças que se encontravam nas ruas tinham em comum o fato de terem sido lançadas prematuramente ao trabalho precário para auxiliar no sustento da família, algumas crianças haviam sido obrigadas a abandonar a escola e outras jamais haviam ingressado nela. Vendiam doces, agulheiros, jornais, flores, carregavam sacolas,

esmolavam, guardavam carros, engraxavam sapatos, independentemente do horário, das condições e da idade. Na realidade os papéis se invertiam à medida que a função de provedor do lar era atribuída em muitos casos aos filhos.

Conforme exposto na primeira parte desta capítulo, os Meninos de Rua possuem muitas características que os assemelham e os diferenciam em termos de: idade, sexo, relação familiar, relação com a rua, relação com a sociedade. À época que nos referimos, os educadores Vila Lindóia distinguiam facilmente os meninos que estavam nas ruas para lutar pela sobrevivência e que mantinham o vínculo com suas famílias (tinham uma casa, uma comunidade e uma unidade familiar de referência e em alguns casos ainda vínculo com a escola), daqueles que constituíam um outro contingente que já não possuía tais vinculações. A rua havia se transformado para esses em sua casa, sua escola, seu ambiente de lazer e de convívio. Nela eles trabalhavam, brincavam, perambulavam, esmolavam, comiam, dormiam e se expunham às mais distintas situações de risco: drogas, abusos, violências, roubo, exploração e prostituição.

É para esse grupo, em especial, que os Educadores de Rua da Vila Lindóia concentravam seus esforços e destinavam suas ações, uma vez que a situação deste grupo exigia maiores preocupações.

Em menor número havia os meninos que apresentavam o drama do total desamparo provocado pela inexistência ou destruturação familiar. Era comum relatarem casos de ausência, desconhecimento, morte ou abandono de genitores, especialmente o pai. Em algumas situações, a experiência familiar tinha ocorrido com figuras substitutas: tios, avós, conhecidos, empregadores, irmãos adultos, padrastos, madrastras.

*"muitos meninos já não tinha vínculo, nem visitavam a família, a maioria saía de casa por agressões, explorações, vergonha dos pais por causa do alcoolismo e da prostituição".  
(Depoimento/R )*

A alegação desses para permanecerem nas ruas era a de que a "violência enfrentada em casa era maior". Gradativamente e na maioria dos casos, rompiam

radicalmente com suas famílias ao ponto de não saber onde localizá-las. Os depoimentos ilustram a situação:

*"antes de sair para a rua eu morava com minha mãe, irmã, um cunhado e um primo com quem eu cuidava de carro. O cunhado estabelecia quantidade de R\$ 20,00 se não trouxesse, batia, batia na irmã também se ela ia ajudar a gente. Passei ir para casa só quando tinha dinheiro, a mãe apoiava meu cunhado bater, daí combinei com o primo sair. Nos fomos para o sinaleiro. Ficava dois meses e ia em casa porque tinha saudades mas sempre dava briga e daí eu não queria mais". (Depoimento/A., 7:2, dez/98)*

*"eu sofria muito em casa, morava minha mãe, meu pai, meu irmão, meus pais eram alcoólatras, batiam muito eu sai de casa fui pra rua. Encontrei o J. e a I. eles me levaram morar com eles eu ia para igreja com eles, mas deu briga com as filhas deles e eles me bateram [...] Um dia encontrei meu irmão e o padrasto fui com eles para a casa, meu padrasto e a mãe sempre bebendo se separaram, fui morar com meu avô mas ele só me batia fui morar em Itapoá [...]" (Depoimento/P., 4:1, out/98)*

O assunto relacionado à família era motivo de esquivamento por parte dos meninos. Nossos entrevistados contam que os meninos se expressavam com dificuldade, com tristeza e de forma confusa sobre as suas famílias. Nessas ocasiões, os Educadores sabiam que deveriam adotar posturas que não os ferissem ainda mais:

*"a gente sabia que isso os machucava, então não perguntava, só quando eles queriam falar eles falavam".*

A despeito das imagens negativas que traziam consigo sobre suas famílias, eles nunca se referiam a elas com indiferença. Oscilando entre os sentimento de amor e ódio, ressentimento e saudade eles não ocultavam o vazio e a dor causados pela ruptura desse vínculo.

Desprovidos de dados concretos para analisar e construir para si mesmo uma explicação em torno da problemática que envolvia as condições socioeconômica-culturais de suas famílias, os meninos não compreendiam que elas também estavam alijadas de seus direitos mais elementares. Entre esses direitos estava o de prover uma estrutura e dinâmica familiar dentro dos moldes convencionais: pai provedor, mãe socializadora e filhos na escola, conforme determina a Lei n.º 8.069/90 Estatuto da Criança e do Adolescente.

Talvez a dor pudesse ser minorada, se eles tivessem a compreensão de que o desgaste e/ou esfacelamento dos vínculos entre eles e suas famílias não dependiam unicamente da boa vontade de filhos e pais.

Compreendendo esses fatores ou não, eles tinham uma certeza: da ausência de uma estrutura familiar que garantisse as condições para o seu sustento e seu retorno. Muitos deles sabiam inclusive que não havia nem mesmo a figura de um pai ou de uma mãe esperando por eles em algum lugar. Para uns essas figuras nunca existiram, para outros existiram mas desapareceram, à medida que o grupo familiar se desfez devido às condições de fragilidade social antes mesmo de cumprir seus compromissos materiais, morais, afetivos e culturais para com suas crianças.

Essa condição produzia, como consequência direta, o enfrentamento simultâneo de outros dois grandes problemas para os meninos: conseguir sobreviver no hostil e violento espaço das ruas ou suportar os maus tratos e seus efeitos dentro das Instituições Sociais com as quais tiveram contato.

Buscando nas Instituições Assistenciais aquilo que não conseguiam encontrar em suas unidades familiares e/ou na sua comunidade de origem, ou seja, condições para sobreviver física, psíquica e socialmente, os Meninos de Rua de Curitiba deparavam-se com uma condição totalmente adversa. A começar pelas regras estabelecidas para o ingresso, permanência e elegibilidade para atendimentos, as Instituições evidenciaram distanciamento entre elas e a problemática, a história e os dramas dos meninos.

Suas queixas variavam entre a excessiva preocupação das instituições com a burocracia: registros, formulários, classificações até as mais distintas formas de violência física e/ou psíquica, efetivadas pelo espancamento, torturas, abusos, estupros, adestramentos e isolamento.

São diversificados e às vezes estarrecedores, os relatos das crianças e adolescentes sobre as experiências em suas trajetórias por Delegacias de Menores, Centros de Triagens, Abrigos, Internatos, Orfanatos, enfim, as organizações prestadoras de serviços a essa população, especialmente aquelas que vigoravam no período em questão. Criadas com propósitos de: acompanhar, orientar, reeducar, reintegrar e recolher as crianças pobres e abandonadas, elas revelavam na sua prática diária total dissociação com a teoria expressa em seus planos, projetos e planejamentos.

Nos relatos e desabafos dos meninos, podia-se naquela época, e ainda hoje quando os ouvimos, detectar algo como revolta e constrangimento diante do fato de se sentirem apenas alvo da curiosidade e do exercício do controle e do autoritarismo das instituições. Os meninos alegavam não poder fazer perguntas, questionar, mas eram sempre obrigados a responder até mesmo às questões para as quais não possuíam respostas:

*"- Por que vocês perguntam coisas que eu não gosto de responder, que me machucam? Vocês sabem que eu tenho família mas que não gostam de mim, vocês sabem que eu estou na rua, que eu uso droga. Essas perguntas eu não gosto." (Relatório histórico da Chácara.)*

Sintonizada com as Instituições Sociais, a polícia realizava uma operação chamada "arrastão". Consistia na detenção e posterior encaminhamento dos meninos de rua ao CEDIT<sup>11</sup> (Centro de Estudos e Diagnósticos e Indicação de Tratamento) ou para a Delegacia de Menores conhecida entre os Meninos por DM.

Compatibilizada com o regime político e o modelo socioeconômico da época, essa ação tinha como objetivo defender o meio social com o isolamento, punição e correção dos perturbadores da ordem: *"a Curitiba bela e justa tinha que esconder, guardar os pivetes, deixar a cidade limpa"*. (Depoimento/R.)

Integrando esse mesmo regime, encontravam-se as instituições fechadas (orfanatos, internatos) onde o que se oferecia na maioria delas eram instalações precárias, fome, massificação, medicação indevida, rotinas automatizadas e desrespeito de toda ordem. Aliada a atitudes autoritárias, ambivalentes e omissas, encontrava-se a incompetência profissional e humana sustentada por métodos ultrapassados que não permitiam a leitura e a intervenção real a respeito dos apelos dos meninos.

Acontecia também de os meninos recorrerem a outras instâncias da sociedade para solicitar auxílio e deparar-se com o descaso e a omissão de seus representantes.

O depoimento seguinte ilustra o desespero de um dos meninos diante dessa situação:

---

<sup>11</sup>CEDIT: Unidade Oficial do Estado do Paraná, responsável por programas e medidas preventivas, sócio-terápicas e ressocializantes ao "abandonado e infrator".

*"Eu já procurei ajuda do promotor, juiz, padre, bispo, Freira e ninguém quis me ajudar. Mas pode deixar eu vou me entregar para a policia, vou para o CEDIT, vou ficar lá numa boa, e seu eu não morrer lá, quando eu voltar, vou acabar com essa cidade." (Relatório histórico da Chácara.)*

No período de inverno, havia um fato que era especialmente curioso para os Educadores da Vila Lindóia. Essa estação do ano coloca muitas vezes em risco a própria vida dos meninos, quer pelo frio, quer pelas doenças que a falta de agasalhos e de alimentos pode causar. Esses problemas em muitos casos se resolvia migrando para cidades mais quentes para fugir do frio de Curitiba e, após o final da estação, retornavam.

Com essa atitude demonstravam o descrédito, o temor e a rejeição pela assistência oferecida nas instituições. Fugir em vez de procurá-las no auge do inverno, poderia ser interpretado pelos ouvidos mais atentos como uma silenciosa estratégia que os meninos utilizavam para denunciar as normas rígidas, os abusos, e os atos de violência e de desrespeito à sua integridade, cometidos dentro dessas instituições.

O que se detectava naquela época, e ainda hoje se detecta, é que através da palavra ou da atitude de rejeitar os programas assistenciais e educativos que lhes são oferecidos, os meninos de rua revelam que **não suportam permanecer em lugares onde a sua realidade, seu saber, seus valores, suas necessidades, suas angústias e sua identidade não sejam reconhecidos e respeitados.**

No caso dos meninos em questão, sabemos que qualquer Instituição de Assistência com as quais tiveram contato é representada como um local omisso, autoritário e repressivo que só colaborou para reforçar a sua condição de marginalizado e alienado. Dessa experiência, duas outras apareciam como subprodutos: as respostas que os meninos ofereciam às instituições e ao meio social que, por consequência, implicavam na segunda, ou seja, a adoção de críticas severas e medidas punitivas contra os meninos por parte dessas mesmas instituições e também da sociedade em geral.

*"[...]a criança de rua tem como principal agente socializador e imensamente preponderante a sociedade como "o outro autoritário", que, com sua discriminação contra ela e com seus mecanismos pauperizantes, entra brutalmente em sua psique e dinamiza os impulsos da criança, que vai construindo a golpes, o "outro generalizado que dirigirá suas atividades e condutas contra as expectativas da mesma sociedade". (GRACIANI, 1997, p.1134-4)*

A título de ilustração, citamos duas experiências que podem ser entendidas como comuns à maioria dos meninos.

A primeira refere-se a A. que tinha 10 (dez) anos de idade quando foi detido na Delegacia de Menores e como "lição" foi obrigado a permanecer com a cabeça dentro de um vaso sanitário enquanto um policial urinava sobre ela e dava descarga em seguida.

*"Ainda bem, ele não aprendeu essa lição. Hoje, com 18 anos exerce a função de Educador na Chácara, tendo como principais características, na visão dos meninos, a paciência, a solidariedade e a compreensão". (Comentário da Pesquisadora)*

W. traz consigo a lembrança de ter sido obrigado a comer bucho quase todos os dias em que permaneceu em uma instituição, pelo fato de ter expressado não gostar de comer aquela carne quando esta lhe foi servida pela primeira vez. Para "aprender" ele teria que comê-la até gostar. A forma que encontrava para lidar com essa "lição" era provocar vômito logo após o almoço. Com medo de morrer, fugiu. Em seguida foi recolhido e encaminhado a outra instituição onde viveu a seguinte experiência:

*"um dia me senti doente, achei que tinha sido picado por uma cobra no meu pé, quando chegamos no hospital viram que era bicho de pé, levei seis ripadas na mão quando cheguei, sempre que a gente fazia coisa errada apanhava na mão com uma ripa com pontinhas finas que doía e ardia." (Depoimento/W. Diário de Campo, p. 40)*

Com essas referências qualquer instituição era representada sempre pelos meninos como um local omissivo, repressivo, autoritário que se impunha pela força e com o qual eles só conseguiam na maior parte das vezes relacionar-se de forma agressiva e resistente. Caso contrário não teriam sobrevivido.

As marcas que traziam desses locais enfatizavam a condição de marginalizado, excluído e alienado nos meninos de rua. Como resultado, tinha-se o agravamento de outras duas situações: as respostas que os meninos ofereciam ao meio social e às próprias instituições, e o reforço dos estereótipos e das representações negativas que a sociedade construía a respeito deles, o que de certa forma servia para justificar as omissões e as ações contra esse segmento.

A vida na rua também não apresentava nada de novo para os meninos: era só frustração, medo e abandono

A luta pela sobrevivência no espaço das ruas exigia a criação e a adoção de estratégias muito particulares no sentido de: alimentar-se, abrigar-se, agrupar-se e defender-se das mais diferentes situações de riscos às quais estavam expostos.

Para conseguir dinheiro, vendiam, esmolavam, trocavam, roubavam, se prostituíam, engraxavam e atendiam traficantes.

O cotidiano era marcado pela imprevisibilidade e imediatismo. Portanto, não havia tempo nem espaço demarcado e preestabelecido para nada. Andavam sem planejar onde comer, onde dormir, onde furtar. Seus valores, seu relógio e ritmo, estavam longe de ser considerados "padrão". Brincavam, perambulavam, passeavam, conversavam e viviam prioritariamente em grupo ou em duplas: ora encontravam-se caminhando na Rua XV, ora poderiam estar no Largo da Ordem, nas imediações da Rodoferroviária ou em qualquer terminal de transporte coletivo.

Também não tinham muita preocupação com o tempo: horário, dias da semana, mês, ano, a não ser quando algum evento programado na cidade pudesse interessá-los como parte de seus planos.

Possuíam comportamentos e linguagem próprios e eram absolutamente "despojados" em relação aos objetos pessoais. Por não disporem de abrigos definidos, às vezes guardavam roupas nos bueiros das calçadas ou simplesmente abandonavam os agasalhos em qualquer lugar quando as condições climáticas dispensava seu uso. A aparência pessoal revelava o estado de miséria, de falta de higiene e da auto-estima. Ficar sujo ou trocar de roupa parecia não fazer qualquer diferença.

Para dormir, usavam os mocós<sup>12</sup> que serviam também de esconderijo, a rodoviária, bancos de praças, ou proteção das marquises e das caixas de papelão.

A faixa etária com a qual os Educadores da Vila Lindóia se envolvia variava entre 13 a 17 anos, embora existissem crianças com idades inferiores, inclusive bebês, e adultos de rua que se juntavam aos meninos.

---

<sup>12</sup>Mocós: refere-se a locais tais como: casas abandonadas, terrenos baldios, utilizados pelos meninos de rua para se esconder e se abrigar

Quanto ao sexo, a grande maioria era constituída de crianças do sexo masculino. Os Educadores da Vila Lindóia destinaram suas atividades fundamentalmente aos meninos, mas não deixaram de atender e apoiar demandas emergenciais das meninas.

Tal direcionamento não foi determinado por preferência pessoal, mas pela dificuldade na época para contar com a participação de mulheres no grupo de Educadores. Esta também é a razão pela qual os relatos e os depoimentos aqui expressos reportam-se quase que exclusivamente aos meninos.

As crianças que estavam nas ruas queixavam-se em geral da fome, do frio, da falta de família, dos maus tratos que recebiam da polícia e das Instituições Sociais de Assistência aos Meninos de Rua. Da sociedade curitibana, havia basicamente três tipos de comportamento em relação aos meninos: os cristãos, que se sensibilizavam e ofereciam esmolas, doações de roupas e alimentos; os indiferentes e os hostis que, imbuídos de atitudes policialescas, colaboravam para complicar a vida dos meninos nas ruas.

Entre outros depoimentos que chocavam o grupo de educadores está o de uma menina de 9 anos que revelava a estratégia dela e de suas companheiras para defender-se dos assédios e dos abusos sexuais advindos de policiais, vigias noturnos e transeuntes. Elas cortavam os cabelos e vestiam roupas largas masculinas para ocultar os traços femininos.

Apesar das condições em que viviam, eram extrovertidos, bem humorados, gostavam de pagode, de brincadeiras, de música e de atividades que propiciasse descontração.

Quanto à droga, não se podia negar a forte influência desse fato na vida dos meninos de rua. Num total de aproximadamente quarenta meninos que participavam sistematicamente dos trabalhos propostos pelos educadores da Vila Lindóia, apenas dois comprovavam dispensar seu uso.

As drogas mais consumidas eram fumo, inalantes, cola de sapateiro, álcool, solventes e em menor grau a maconha e a cocaína. Havia também a combinação de drogas. Segundo os meninos, a motivação para o vício estava ligada a diversas situações, entre elas: inibir a fome, diminuir o desconforto causado pelo frio, fugir do medo das adversidades da rua e encorajar-se para o delito e o esquecer os problemas. A iniciação com as drogas se dava por intermédio de outros meninos (dentro ou fora de Instituições)

ou nas ocasiões em que prestavam serviços para adultos que lhes ofereciam em troca dinheiro, proteção e drogas.

Possuíam organização para tudo: dormir, comer, fugir, trabalhar, roubar, partilhar os produtos ganhos, roubados ou esmolados. Na totalidade dividiam-se em dois grandes grupos: o grupo da Praça Rui Barbosa e o grupo da Rua XV. Ambos contavam com esquema de proteção fornecido por adultos de rua que "ajudava na organização do trabalho", que em grande parte consistia em roubar, cuidar de carros e comercializar drogas.

Esses adultos "vendiam segurança às lojas". Os donos faziam espécies de doações para que eles não os incomodassem. Os grupos viviam em constantes conflitos: disputas de lideranças, espaços nos mocós e áreas de atuação:

*"O encontro entre eles só acontecia durante a abordagem de rua. No domingo nós chegávamos na Praça Rui Barbosa e já fazíamos a primeira abordagem, depois levávamos os meninos para a Rua XV. Cada grupo tinha sua organização própria, seu mocó e se eles se reunissem sem a nossa presença dava briga." (Depoimento/Raul)*

Os pais dos meninos da Vila Lindóia preocupavam-se com aquele trabalho. No entanto, diante da persistência dos filhos, quatro pais aceitaram fazer parte do grupo de educadores e os demais desistiram de querer impedir os filhos de continuar sendo educadores.

A situação presenciada nas ruas expressava ao grupo da Vila Lindóia o auge das desigualdades e das injustiças construídas socialmente ao longo dos tempos. Retratando o modelo de distribuição de riquezas social que nega e viola os direitos de muitos para garantir os privilégios de poucos, a realidade dos meninos de rua mostrava aos jovens da Vila Lindóia que suas histórias eram limítrofes.

*"[...] quando a gente se encontrava com os meninos na rua XV, ali perto da Boca Maldita, ou no Largo da Ordem, ficava claro as desigualdades, porque os play boys de um lado com os carros e as motocas deles e nós do outro." (Depoimento/Raul)*

O trabalho de rua implicava despesas com deslocamento do grupo de Educadores da Vila Lindóia para o centro da cidade e com o lanche que eles faziam questão de oferecer aos meninos de rua; além disso, após aproximadamente seis meses, o número de participantes de ambas as partes havia crescido. Por iniciativa dos próprios meninos de rua, os dois grupos se juntavam para a coleta e venda de papéis com o objetivo de garantir aqueles momentos de domingo e das quartas-feiras.

Marcavam encontros e lanches nos mocós ou nos próprios calçadões da rua XV. Em muitas ocasiões, essas confraternizações, assim como seus shows de capoeira, eram interrompidos pela chegada da polícia.

*"Aconteceu muito da polícia interromper quatro, cinco vezes o trabalho de abordagem numa única noite. Já estava claro para todos que no momento da abordagem não tinha cola, tanto que a polícia jamais conseguiu pegar drogas." (Depoimento/Raul)*

Os policiais justificavam a perseguição alegando que os educadores estavam incitando os meninos a roubar e que a capoeira era uma luta, uma arte marcial, uma forma de organizar gangs.

A abordagem de rua enquanto atividade de cunho sociopedagógico, planejava e realizava atividades esportivas, recreativas, discussão e reflexão de temas de interesse dos meninos de rua. Priorizavam-se os assuntos que oportunizassem a criação de propostas capazes de gerar soluções para minimizar seus problemas. Assim, também, estimulavam-se atitudes que pudessem levá-los à superação ou libertação de danos e seqüelas provocados pela vida que levavam. Preocupava-se ainda durante a abordagem em favorecer encontros entre os meninos de rua que permaneciam no centro da cidade e meninos de rua que permaneciam em outros pontos da cidade e Região Metropolitana. O objetivo era o de incentivar a troca de experiências, a organização, a solidariedade e o aprofundamento das reflexões sobre os problemas que diziam respeito às condições de vida deles.

*"A gente não sabia muito o que dizer mas tinha vontade de dizer algo como, por exemplo, o porque estavam ali, porque seus pais vieram para capital, a gente não tinha as coisas bem claras mas queria que eles entendessem, alguma coisa da vida deles e da nossa vida também." (Depoimento/Raul)*

Em um desses encontros, os meninos fizeram uma observação que impôs aos educadores uma reflexão sobre a necessidade de redirecionar o trabalho em execução:

*"Vocês estão na nossa casa (rua), conhecem nossa vida, nossos espaços. Agora a gente quer conhecer a casa de vocês, onde vocês vivem. Ai o bicho pegou! A gente via que ainda não havia se libertado do estigma (estereótipo?) O que os meios de comunicação vendiam era forte na gente." (Depoimento/Raul)*

As crianças de rua pediam um lugar para lavar suas roupas, para tomar banho e, às vezes, dormir, se proteger do frio. Os educadores sabiam que não adiantaria medidas paliativas e por isso pensavam que havia necessidade de se construir uma

alternativa que desse respostas concretas e efetivas aos meninos. Enquanto isso não fosse possível, decidiu-se atender aos apelos dos meninos na própria Comunidade Profeta Elias. Algumas famílias acreditavam inclusive que a Vila poderia assumir os meninos de rua, levando-os para suas casas, adotando-os, porém a realidade mostrava-se adversa a tal propósito.

*"A gente recebia e acomodava eles na antiga Casa dos Freis. Nesta época o Fernando havia se desligado da Ordem porque havia optado pela causa dos meninos. Se ele ficasse na Ordem tinha que obedecer o fato de não poder ficar muito tempo num lugar, eles tinham que mudar sempre para outra comunidade. No ano anterior a Ordem já havia mandado o Fernando para outro lugar, mas a comunidade se organizou e pediu mais um ano, que quando venceu não teve mais jeito e o Fernando optou pela comunidade e pelos meninos." (Depoimento/Raul)*

Na época em que realizava a abordagem de rua, Fernando considerava essa estratégia insuficiente para conhecer com profundidade o pensar, o sentir e o agir desses meninos. Por isso, a partir de 1988, decidiu permanecer mais tempo nas ruas, envolver-se mais de perto com o cotidiano dos meninos, perceber com maior clareza as dificuldades, as necessidades e os anseios deles. Fernando compartilhou tudo: a fome, o frio, o medo, a hostilidade, o preconceito, a rejeição, a perseguição e a prisão.

A frequência dos meninos de rua na "Casa dos Freis" tornava-se mais assídua, assim como o número de participantes crescia. A casa ficou pequena e as famílias da Comunidade abriram suas portas para recebê-los, abrigá-los, atendê-los: *"eles queriam comer, dormir, lavar roupas, conversar, e no dia seguinte iam embora"*. (Depoimento/Soila)

Apesar de toda dificuldade socioeconômica dessas famílias, havia por parte delas o desejo de assumir a responsabilidade dos cuidados dos meninos de rua, isto porque não tinham ainda noção da extensão do problema.

Nesse contexto, o Grupo de Teatro Vivo da Vila Lindóia ganha novos atores e novos personagens. Os temas e os cenários que até então retratavam problemas específicos daquela comunidade, cedem lugar para expor e tornar público a situação das crianças de rua.

Naquele momento, além das causas específicas, os meninos e educadores procuravam estar presentes em manifestações políticas de ordem geral organizadas por

outros segmentos sociais: Movimento Racial, Movimento dos Sem-Terra, Movimento Gay, Movimento da Mulher, Movimentos de Favelas.

Cabe ressaltar que todo constrangimento vivenciado pelos meninos de rua conforme relatamos era mantido fora das manchetes dos jornais até o fim do regime militar, quando, então, os movimentos populares começam a trazer à luz denúncias sobre o sofrimento dessas crianças, principalmente dentro das unidades governamentais.

Em Curitiba, à medida que o trabalho de abordagem de rua se desenvolve, o grupo de Educadores da Vila Lindóia torna-se conhecido e conquista o apoio de setores estudantis, religiosos, políticos, bem como de organizações não-governamentais que se constituíam naquele momento, especialmente para acompanhar, denunciar e apoiar questões ligadas aos meninos de rua. Efetivamente, as organizações que se envolveram com o trabalho dos Educadores da Vila Lindóia foram: Pastoral da Criança, Fundação Fé e Alegria e o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua.

Com a finalidade de apoiar as atividades da Comunidade Profeta Elias várias entidades se mobilizaram destinando recursos para a compra de material e outras despesas com o trabalho educativo e para a festa de Natal com os meninos de rua. Destacam-se Colégio Divina Providência, Visão Mundial e Fundação Fé e Alegria.

Dessa aproximação, o trabalho de Abordagem de Rua que vinha sendo realizado, ganha reforço com a adesão de pessoas vinculadas às Organizações citadas. É um momento em que diversos setores da sociedade se unem para reivindicar e pressionar instâncias oficiais para criação de políticas sociais voltadas ao atendimento das necessidades dos meninos e também para propor a (re)formulação de leis que instituem e garantam a defesa de seus direitos. Pontos de destaque: o Estatuto da Criança e do Adolescente, com 267 artigos constituindo princípios orientadores, princípios éticos e políticos para presidir a ação da Sociedade, do Estado, em relação à infância, e o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua, que se propunha servir de um canal de fortalecimento e de troca de experiências, para a organização dos meninos e meninas de rua.

Em outubro de 1990, realiza-se um Encontro de Meninos e Meninas de Rua na Vila Lindóia, organizado pelo grupo de Educadores de Rua com o objetivo de

comemorar a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente e de divulgar uma peça teatral intitulada: "Estatuto, nossa luta, nosso fruto". O evento contou com a presença de grupos de meninos e de educadores de rua do Rio de Janeiro e São Paulo.

O trabalho de abordagem era continuado. Aquele propósito inicial de "apenas conhecer de perto e ver o que poderiam fazer" adquire um sentido mais amplo. À medida que o trabalho se torna público e reconhecido, os meninos da Comunidade Profeta Elias são convidados a participar das propostas para formação dos Conselhos Estadual, Municipal e Tutelar instituídos pelo Conselho Nacional de Bem-Estar Social, conforme exigido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

O relacionamento e os objetivos entre educadores e meninos se estreitavam e assim as discussões em torno da busca de respostas concretas, bem como de medidas práticas efetivas para aqueles que quisessem sair das ruas, já estavam fortalecidas.

*"A coisa já estava assim, o Fernando já estava praticamente vivendo nas ruas com os meninos, já dormia com eles. Por outro lado, os meninos questionavam: – E daí? Nós já estamos organizados, para onde vamos?" (Depoimento/Raul)*

Diante disso, os educadores decidiram pela realização de um levantamento para verificar quem, quando, onde, como e em que condições se poderia pensar num projeto que pudesse representar uma proposta alternativa que trouxesse resposta àquela situação. Os meninos de rua declaravam não estar interessadas em esmolas, em medidas paliativas e nem nas soluções convencionais existentes.

Podia-se perceber que era forte a resistência dos meninos em buscar atendimento junto aos programas assistenciais da época. Da mesma maneira não cogitavam qualquer possibilidade de retomar o vínculo familiar e já não acreditavam que nas ruas encontrariam soluções para seus impasses. Esses três fatores mereceram maior atenção e reflexões de nossa parte neste momento, porque é da falência dessas três instâncias que surge a idéia de um projeto alternativo.

Além dos fatores intrínsecos à vida dos meninos, impelindo-os a buscar uma saída concreta da situação em que estavam, o momento era propício para uma maior

conscientização deles e da sociedade devido à intensificação da mobilização nacional que aconteceu a partir dos anos 80 em torno da questão. Estudos são realizados, situações gerais e específicas sobre a realidade em que viviam são denunciadas e entre tantas discussões aparecia a urgência em reformular os paradigmas e o referencial teórico-metodológico em torno da assistência destinada a essa parcela da população.

Desta feita, o resultado do levantamento de idéias e opiniões dos meninos de rua, com o objetivo de encontrar respostas para a situação, trouxe os seguintes resultados:

- a) os meninos queriam um local afastado do centro da cidade, onde pudessem conviver com a natureza (terra, agricultura, animais) e a simplicidade, conforme as remotas origens de um grande número deles – o campo;
- b) expressavam o sonho de viver em um ambiente semelhante ao familiar que, além de abrigo e comida, lhes possibilitasse restabelecer vínculos afetivos, resgatar seus laços familiares, conviver com a comunidade e participar da Sociedade;
- c) revelaram os propósitos para abandonar os vícios adquiridos nas ruas, especialmente do roubo e da droga. No lugar destes ficariam o propósito e o empenho para estudar e para aprender ofícios que lhes possibilitassem garantir a autonomia e a (re)inserção social futura.

Tais interesses ficavam evidentes no envolvimento efetivo dos meninos na construção de um projeto socioeducativo esboçado pelos educadores, e que tinha por base a interação, a vida comunitária, o trabalho e o estudo como metas para atingir os objetivos almejados pelos meninos.

Quanto à estrutura e funcionamento do espaço idealizado para viver, os meninos não esgotavam suas capacidades para propor o que seria construído na área, as funções que teriam e a quem serviria.

Da mesma maneira, os envolvidos participavam ativamente da elaboração de um plano básico para a ocupação do tempo de acordo com as atividades e rotinas que privilegiavam: trabalho, estudo, recreação, lazer, organizações e atividades domésticas.

Para concluir esse momento, os meninos apresentaram idéias para a formulação da proposta de maior relevância para eles. Trata-se de uma espécie de esboço de Regimento Interno, no qual se traçou um perfil de normas e regulamentos que pretendiam colocar em prática no cotidiano a ser vivenciado no lugar que idealizavam. Embora feito de maneira rudimentar, o regulamento expressava claramente o desejo de respeito à individualidade, à dignidade e à autonomia.

Estabelecia-se nesse esboço os mecanismos que regulariam o ingresso, a permanência, a convivência entre si, com a família, com a comunidade vizinha e sociedade em geral incluindo os meninos que continuavam na rua.

O ponto de partida para exposição de suas idéias era a repetição incansável da frase: "tem que ser diferente dos outros lugares por onde passamos".

Assim, os meninos de rua se depararam com a oportunidade de reconstruir suas vidas por meio de novos vínculos sociais, construídos e interpretados a partir de suas próprias reflexões, discussões, proposições e decisões. Embora não sendo tarefa fácil construir um lugar, a Chácara representava, por um lado, a oportunidade de experimentar e vivenciar uma nova condição social; por outro, o desejo de refazer suas vidas. Isso levou-os aceitar o desafio que a "construção" representava.

Sabiam pela própria vivência, que as Organizações, cujos modelos lhes eram conhecidos, não apresentavam nenhuma alternativa nova. Assim também, suas frágeis estruturas familiares, cujos vínculos há muito encontravam-se desgastados, dificilmente consistiriam em possibilidade para eles. Quanto às ruas, embora significassem naquele momento a única alternativa ainda possível para sua sobrevivência, estavam longe de se constituir em um espaço de vida desejado.

Com efeito, eles sabiam que nesses lugares passaram pela experiência de um excesso [...] excesso de arbitrariedade, de punição, de pancadas, de ódio destruidor, de votos de morte ou ainda, simplesmente, a expressão de indiferença dos pais (os primeiros educadores), que os fizeram viver numa situação de carência afetiva insuportável. Assim, não tiveram a possibilidade de se "confrontar com os limites e

interdições explicadas e aceitáveis, indispensáveis à socialização e estruturação do sujeito [...]" (ENRIQUEZ, E. 1989, p.59.60)<sup>13</sup>

Junto aos excessos, estão as ausências, os vazios, as fugas e as exclusões que da mesma maneira, participaram da alienação e marginalização desse menino em relação à sociedade em que vive, e que, portanto, comprometeu a construção de uma identidade de sujeito. A condição de sujeito, segundo Arendt (1981) implica a apropriação das especificidades humanas presentes no contexto sociocultural-histórico e na participação da construção deste mesmo contexto.

Dessa maneira, alguns detalhes considerados fundamentais para que o local a ser construído pudesse ir além de um simples espaço físico que os abrigasse, começaram a ser pensados pelos meninos e pelos Educadores de Rua que faziam frente a essa proposta.

Por tudo que rejeitavam e por tudo que idealizavam, os meninos mostravam nas entrelinhas de seus discursos e depoimentos que desejavam um espaço que tivesse a função de estruturar-lhes a personalidade, valorizando a sua condição de sujeito, reconhecendo sua condição social, e que tomassem essa condição como princípio educativo no sentido de assegurar-lhes nesse projeto a oportunidade de reconstrução da vida, e de construção da sua identidade social.

Assim, do espaço de morte representado pela violência da rua e pela ausência da palavra estruturante nas instituições que conheciam, incluindo a família, os meninos voltam agora com o auxílio dos Educadores da Comunidade Profeta Elias para a construção de um espaço de vida.

Como construir esse espaço do ponto de vista simbólico? Quais seriam as regras? A que obedecer? Quais os limites e as interdições? A busca de resposta a essas questões, cremos ter sido o elemento mobilizador para a reflexão que lhes apontava o caminho para a organização que desejavam.

É nesse contexto que a idéia da Chácara Padre Eduardo Michelis floresceu,

---

<sup>13</sup>Sobre a questão do vínculo: ENRIQUEZ, E. O papel da morte nas Instituições. IN: Kaes, R. (Org.) A instituição e as instituições. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989

dando origem a um projeto que foi encaminhado a diversas instituições financiadoras, nacionais e internacionais, e divulgado à sociedade curitibana com o objetivo de solicitar apoio financeiro para sua viabilização

O primeiro aceno de que o sonho poderia tornar-se realidade, aconteceu em 1991 com a compra de uma área rural no Município de Mandirituba (PR)<sup>14</sup>, possibilitada pelo apoio financeiro da Congregação das Irmãs da Divina Providência. (Alemanha)<sup>15</sup> e da empresária Rosi Pinheiro Lima – Curitiba.

A partir disso, campanhas e eventos foram realizados, com o auxílio de membros da Fundação Fé e Alegria, Irmãos Maristas de Curitiba, Pastoral do Menor, Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua e pessoas da comunidade, especialmente os Educadores da Vila Lindóia, tendo em vista arrecadar recursos financeiros para o atendimento dos projetos iniciais: registro e escritura do imóvel, limpeza do terreno, construção da primeira casa.

Considerando os propósitos da nossa dissertação, entendemos que a tarefa de localizar e reconstruir a história sobre a origem da Chácara nos permite agora abordar no capítulo seguinte a experiência vivenciada pelos ex-meninos de rua e pessoas que os auxiliam na viabilização do projeto da Chácara.

---

<sup>14</sup>Mandirituba: Município vizinho de Curitiba, que pertence à Região Metropolitana, situado a 35 km da Capital, BR 116, sentido Porto Alegre.

<sup>15</sup>Congregação das Irmãs da Divina Providência. Ordem religiosa com sede na cidade de Münster - Alemanha, fundada em 1842 pelo Padre Eduardo Michelis, com o objetivo de prestar assistência a crianças pobres, especialmente as abandonadas e órfãs.



## **CAPÍTULO 2**

### **A CHÁCARA PADRE EDUARDO MICHELIS**

#### **1 IDENTIFICAÇÃO**

Conhecida também pelos nomes "Chácara dos Meninos de Quatro Pinheiros", "Chácara do Fernando", "Chácara dos Meninos", "Creche dos Meninos", "Fundação Profeta Elias", esta organização recebeu o nome de Chácara Padre Eduardo Michelis, em homenagem ao fundador da Congregação das Irmãs da Divina Providência (Alemanha). Conforme exposto no capítulo anterior, esta instituição foi a primeira a manifestar efetivo apoio ao projeto idealizado pelos meninos de rua de Curitiba quando encaminhou recursos financeiros para a compra da área onde se encontra instalada a Chácara.

Por receber tantas denominações, será referenciada neste estudo simplesmente por "a Chácara". Situada no município de Mandirituba, Região Metropolitana de Curitiba, perfaz atualmente uma área de 9 alqueires localizada em uma comunidade rural conhecida por Quatro Pinheiros, que se encontra a uma distância de 45 km de Curitiba, mais especificamente no km 144 da BR 116.

Tem como ponto de referência aos interessados em conhecê-la uma banca de frutas com o nome de "Banca do Eloi" e uma placa sinalizadora indicando "Os Meninos de Quatro Pinheiros". A locomoção pode ser feita por meios próprios ou pela utilização do ônibus metropolitano Areia Branca.

Embora a área onde se encontra instalada tenha sido adquirida e escriturada em 26 de junho de 1991, sua fundação é comemorada em 21 de janeiro de 1993, dia em que se iniciou a construção da primeira casa que serviria de residência (lar) aos meninos.

A Chácara se constitui juridicamente na unidade executora de uma Organização Não-Governamental destinada a "prestar assistência e educação integral a meninos e meninas das classes populares, principalmente as de rua, num processo participativo e libertador que as faça agentes de sua própria promoção"(artigo 01 – Estatuto Social).

Os trâmites para a compra da área foram realizados por Fernando Goes, acompanhado por outros educadores da Comunidade Profeta Elias. Inicialmente foi possível a aquisição de seis alqueires e, posteriormente, mediante outras fontes de apoio, foram adquiridos mais três alqueires. Hoje totalizando nove alqueires, a área encontra-se ocupada fundamentalmente por: quatro casas-lares, lavanderia, biblioteca, salão de atividades manuais, consultório médico e odontológico, escritório, marcenaria, campo de futebol, apiário, açude, estábulo, granja de frangos, chiqueiro, estábulo e pelo cultivo de produtos agrícolas, hortaliças, plantas medicinais e frutas.

Imediatamente após a compra da primeira parte da área, houve uma preocupação especial por parte dos Educadores de Rua no sentido de cuidar dos aspectos legais para a operacionalização do projeto.

Eles desejavam garantir dois pontos fundamentais:

1. a utilização daquele espaço unicamente para a causa dos meninos de rua;
2. a criação de um organismo, autônomo e independente da Associação dos Moradores da Vila Lindóia, capaz de gerir questões de ordem específicas do projeto que se iniciava.

Para que isso fosse viabilizado, constituiu-se na mesma data de compra das terras uma Organização Não-Governamental com fins basicamente sociopedagógicos, que recebeu o nome de Fundação Educacional Meninos e Meninas de Rua Profeta Elias, que foi inscrita no CGC – MF sob o número 40.284.796/0001-76.

Simultaneamente, elabora-se o seu Estatuto Social, em cujo Capítulo I podemos verificar todos os aspectos ligados à sua finalidade e aos critérios para elegibilidade dos assistidos. Especifica claramente que o atendimento será dado em forma de apoio socioeducativo a meninos e meninas de rua especialmente àqueles em



situação de risco e/ou de abandono, com idade de 6 (seis) a 17 (dezesete) anos, e, em casos excepcionais, menores de 6 (seis) anos. A idade limite para permanência é a de 17 (dezesete) anos, com exceção daqueles que tiverem interesse em continuar na Fundação desempenhando algum trabalho. Até o momento, por falta de viabilidade estrutural e de pessoal, não conta com meninas residindo no local.

No Capítulo II, o Estatuto apresenta dados relativos à estrutura e funcionamento administrativo da Chácara com as respectivas funções e competências, e no Capítulo III apresenta constituição e atribuições do corpo funcional.

O Capítulo IV traz os assuntos relativos ao patrimônio (dotação inicial, auxílios e rendimentos) e o Capítulo V volta-se à constituição de receita e despesas. O VI e último Capítulo explicita as disposições finais – no caso de dissolução, abuso de poder, demonstração de receita/despesas, prestação de conta, aplicação de recursos e proibição quanto à vinculação política e ideológica.

Importa salientar que o fato de se ter criado uma Organização independente da Associação de Moradores da Vila Lindóia não significou uma ruptura dos moradores da Vila Lindóia com o projeto da Chácara. Como poderá ser visto em toda a extensão desta dissertação, a história de vida dessas pessoas se entrelaça com a história de vida dos meninos, de tal forma que parece construir um tecido de relações sociais claramente estruturado na solidariedade, na reciprocidade e no reconhecimento do outro.

Embora as terras tenham sido adquiridas em 1991, os meninos de rua tiveram que esperar por mais dois anos para ir morar na Chácara. Isto aconteceu porque foi necessário esse espaço de tempo para arrecadar recursos financeiros e materiais para a construção de um local que os abrigasse.

Em 21 de janeiro de 1993, com recursos materiais e financeiros arrecadados, em especial, junto à Construtora Balarotti, torna-se possível iniciar a construção da primeira casa a servir de residência para os meninos. Junto com ela e com base nas sugestões expressas pelos meninos de rua, elaborou-se em caráter formal o Regimento Interno da Chácara com o intuito de reforçar e oficializar as propostas para o funcionamento e a organização daquele local.

No Capítulo I, que trata da identificação, sede e características afins, utiliza-se o termo "Projeto de Casas-lares" para identificar a Chácara e expressa as mesmas finalidades contidas no Estatuto Social: "dar assistência e educação integral a meninos e meninas das classes populares, principalmente as de rua, na faixa etária de 06 (seis) a 17 (dezesete) anos e, em casos excepcionais, a crianças de 06 (seis) anos num processo participativo e libertador que os faça agentes de sua própria promoção" (Art. 1º).

Seu objetivo geral encontra-se no Art. 2 do Capítulo 2, e consiste em "resgatar a cidadania dos meninos e meninas de rua através de um processo pedagógico-educativo, a partir da atividade agrícola e profissionalizante". Para atingi-lo, estabelece oito metas específicas contidas no Art. 3º, que consiste em:

- Proporcionar aos meninos e meninas, principalmente aos de rua, assistência globalizante, em local semelhante ao de um lar;
- Propiciar, através dos lares, alternativa de vida digna às crianças e adolescentes, principalmente aos de rua, de ambos os sexos;
- Favorecer a individualidade e o processo de identidade, visando a um crescimento socioemocional e cognitivo satisfatório;
- Favorecer a convivência comunitária nas atividades;
- Incentivar atividades ocupacionais e sociais;
- Proporcionar, através do estudo e trabalho, condições de os meninos e meninas se desenvolverem, se tornarem independentes e serem agentes de sua própria história;
- Incentivar atividades esportivas e de lazer, favorecendo um crescimento saudável;
- Desenvolver trabalho junto às famílias dos meninos e meninas moradores da Chácara, visando maior conhecimento, aproximação e contribuição delas na educação dos filhos.

No que se refere à composição e competência da Estrutura Administrativa da Chácara, consideramos importante a exposição integral dos Capítulos e Artigos que

constituem o Título II do referido documento. Isto porque identificamos uma ligação entre esses propósitos e os enfoques priorizados em nosso trabalho de pesquisa, em especial as nossas suposições quanto às motivações para a permanência, para a adesão e para o envolvimento dos meninos com a proposta da Chácara.

A tais motivações vinculamos diretamente as relações sociais que se constroem no cotidiano dos meninos na Chácara e as possibilidades vislumbradas por eles para (re)construir suas identidades enquanto sujeito social. Sendo assim, apresentamos essa Estrutura.

## **Título II**

### **Da Estrutura Administrativa**

Art. 4.º – A estrutura administrativa da Chácara Padre Eduardo Michelis é formada por:

1. Coordenador
2. Vice-coordenador
3. Tesoureiro
4. Educadores
5. Crianças e Adolescentes
6. Estagiários

Entendemos que a presença de crianças e adolescentes nesse artigo é o principal aspecto merecedor de ressalva, isto porque consideramos a oficialização desse envolvimento a primeira condição para acreditarmos na legitimidade de todo o projeto.

Creemos ainda que esse aspecto tenha representado o primeiro sinal de esperança, visto pelos meninos, quanto à possibilidade de substituir os estigmas que a sociedade lhes atribui: trombadinha, elemento de alta periculosidade, delinqüente, marginal, pivete, pela realização de si enquanto sujeito social.

No âmbito das competências, o Regimento define:

**Art. 5.º – Ao Coordenador**

- 1.º Representar a Chácara ativa e passivamente junto à Escola, Comunidade, Sociedade e o Governo;
- 2.º Cumprir e fazer cumprir o presente Regimento Interno;
- 3.º Coordenar junto aos educadores, crianças e adolescentes todo o processo educativo da Chácara;
- 4.º Zelar pelo patrimônio, nome e imagem da Chácara;
- 5.º Deliberar em conjunto com a Diretoria da Fundação, educadores, crianças e adolescentes o ingresso de novos meninos e meninas, estagiários e educadores na Chácara.

A simples leitura do Artigo que define suas competências enquanto Coordenador da Chácara jamais poderá oferecer uma idéia daquilo que Fernando Francisco de Gois realmente realiza incansavelmente dentro da Chácara.

Considerado o principal incentivador para a concretização do ideal dos meninos, Fernando é citado por todos os moradores da Chácara e por todas as pessoas que o conhecem como aquele que sempre esteve presente nas ruas, na dura realidade e nos sonhos dos meninos.

Atendendo por Pai, Fer, Ferpa, Véio, Veião, Fernando continua ainda hoje representando o ponto de apoio para uns, o ponto de referência para outros e tudo para a grande maioria dos Meninos de Quatro Pinheiros. Auxiliado por uma equipe de colaboradores ele continua escutando, conhecendo e possibilitando aos meninos a viabilização do projeto idealizado nas ruas e nos mocós de Curitiba. Permanece em tempo integral na Chácara, sendo a sua presença indispensável para o andamento das atividades de um modo geral.

**Art. 6.º- ao Vice-coordenador:**

- 1.º Auxiliar o coordenador em suas funções;
- 2.º Substituir o coordenador em suas faltas e impedimentos;
- 3.º Cumprir e fazer cumprir o presente Regimento Interno.

**Art. 7.º - ao Tesoureiro:**

- 1.º Preparar o expediente da tesouraria para a assinatura do coordenador e tesoureiro da Fundação;
- 2.º Efetuar os pagamentos regulares, de preferência através de cheques;
- 3.º Manter em dia e em ordem os registros de receitas e despesas para fins de contabilidade;
- 4.º Cumprir e fazer cumprir o presente regimento interno.

Quanto a esses dois membros da Administração, Vice-coordenador e Tesoureiro, não foi possível estabelecermos contatos mais significativos durante o tempo de pesquisa, tendo em vista incompatibilidade de horários. Isto, porém, não significou a ausência de apoio da parte deles, uma vez que mesmo de forma indireta forneceram informações complementares ao nosso trabalho.

Em se tratando da sobrevivência da Chácara existe uma quantidade significativa de colaboradores e de articulações com outras entidades que contribuem para a manutenção e expansão do projeto.

Além disso, algumas ações voltadas à autogestão, conforme exposto na segunda parte deste Capítulo, também contribuem para esse fim.

**Art. 8.º - aos Educadores:**

Os Educadores da Chácara Pe. Eduardo Michelis são todos os funcionários contratados pela Fundação, residem e exercem atividades pedagógicas e gerais junto com os meninos e meninas. É da competência dos educadores:

- 1.º Participar, junto com os meninos e meninas, de todas as atividades desenvolvidas na Chácara;
- 2.º Zelar pela higiene, alimentação, saúde e educação dos meninos e meninas;
- 3.º Ser solidário, compreensivo, participativo, versátil e amigo dos meninos e meninas;
- 4.º Estabelecer regras e limites do grupo em conjunto com os meninos, meninas, coordenação, e primar pelo seu cumprimento;
- 5.º Ter sempre presente o objetivo do trabalho na Chácara;

- 6.º Zelar pelo patrimônio, nome e imagem da Chácara;
- 7.º Avaliar com os meninos e meninas e coordenação o processo pedagógico desenvolvida na Chácara;
- 8.º Ter presente que os meninos e meninas são sujeitos de direitos;
- 9.º Desenvolver no grupo o sentimento de solidariedade e respeito mútuo;
- 10.º Cumprir e fazer cumprir este Regimento.

O grupo de Educadores da Chácara é composto por seis pessoas que permanecem ininterruptamente naquele espaço acompanhando todas as atividades desenvolvidas pelos meninos, no interior ou no exterior da Chácara: higiene pessoal, atividades da casa, estudos, trabalhos da Chácara, saídas da Chácara, passeios, contato com familiares, entre outros. Além desse acompanhamento participam do planejamento, das discussões, da operacionalização, da avaliação e dos estudos relativos ao projeto da Chácara e ao bem-estar dos meninos que nela residem.

Esse grupo se constitui de quatro pessoas moradoras da Vila Lindóia, que só retornam aos seus lares nos fins de semana, por uma (01) religiosa da Congregação Religiosa da Divina Providência e um jovem ex-morador da Chácara, que após ter completado 18 anos demonstrou capacidade e interesse para desempenhar essa função.

O papel dessas pessoas é de fundamental importância para o alcance dos objetivos da Fundação. Para o exercício de suas funções, não é exigida escolaridade ou qualquer formação específica. No entanto, pudemos presenciar que em suas ações cotidianas é exigido muito além disso: consciência sobre a trajetória dos meninos, compreensão das seqüelas que os meninos trazem em suas bagagens e que marcam sua história pessoal; esforço para ajudar esses meninos a ultrapassar os limites e os bloqueios impostos por suas experiências anteriores, oferecer aos meninos um modelo de referência, um perfil de humano no qual ele possa se espelhar para se (re)construir.

Quanto às Crianças e Adolescentes, o Regimento lhes atribui os seguintes direitos e deveres:

Art. 9.º – As Crianças e Adolescentes moradores da Chácara têm como direitos:

- vida;
- saúde;
- moradia (lar);
- alimentação;
- educação;
- convivência familiar;
- cidadania;
- lazer;
- igualdade;
- ser criança;
- solidariedade;
- amor;
- segurança;
- ser respeitado;
- acolhida;
- convivência comunitária;
- prazer;
- desenvolvimento espiritual;

**Art. 10.º- As Crianças e Adolescentes moradores da Chácara têm como deveres:**

- respeitar o próximo;
- ajudar uns aos outros;
- estudar;
- viver em comunidade;
- trabalhar;
- viver em grupo;
- colaborar;
- agradecer;

- conviver com a família;
- compartilhar com o grupo;
- compartilhar com a comunidade;
- viver com higiene;
- crescer e amadurecer como cidadão;
- cuidar de si;
- compreender a si e ao próximo;
- viver a solidariedade;
- ensinar os outros.

**Parágrafo Único – Os meninos e meninas residentes na Chácara deverão conhecer, cumprir e fazer cumprir o presente regimento.**

Acreditamos que nos artigos 9.º e 10.º do Capítulo V, encontram-se as bases para todas as perspectivas desse projeto no sentido de consolidar a idéia da experiência da Alteridade e da (re)construção do sujeito para os Meninos de Quatro Pinheiros.

Do conjunto de situações passíveis de serem estudadas no contexto da Chácara, nossa atenção privilegiou o valor e o significado atribuídos pelos meninos a essa forma de vivência, que ao nosso olhar se expressou como Alteridade.

Assim, considerações mais aprofundadas em torno do conjunto dos elementos que compõem esses dois artigos serão feitas na etapa seguinte deste trabalho, em que constam a trajetória e detalhes dessa vivência, construída e reconstruída incessantemente no cotidiano da Chácara, no modo peculiar de os meninos se manifestarem por meio de discursos e ações, entre si e com os demais.

**Art. 11.º – aos estagiários:**

- 1.º Os estagiários são todas as pessoas voluntárias, não remuneradas, que exercerão atividades pedagógicas com um espírito aberto para compreender a realidade vivenciada pelos meninos e meninas e colaborar para o desenvolvimento dos mesmos;



- 2.º Só exercerão a função de estagiários após uma avaliação da coordenação, dos meninos, e dos educadores;
- 3.º Deverão cumprir e fazer cumprir o presente Regimento Interno.

No momento da pesquisa, tivemos a oportunidade de estabelecer contatos com dois jovens estrangeiros desenvolvendo tal atividade. Um do sexo masculino, vindo da Alemanha para desenvolver trabalho social em substituição ao serviço militar em seu país (Franki), e outra do sexo feminino, vinda da Suíça (Sabine), para estagiar (curso Pedagogia) na Chácara.

É comum a presença de estagiários, universitários de diferentes cursos, interessados em conhecer a dinâmica e a estrutura da Organização. Além dos estudantes de Curitiba, a parceria que a Fundação estabelece com a ABAI (Associação Brasileira de Amparo à Infância) oportuniza a estudantes da Suíça e da Alemanha o deslocamento daqueles países para conhecer a obra e aprender a trabalhar essa realidade com os próprios meninos. No período de permanência, que é variável, colocam-se à disposição para colaborar em qualquer atividade, entre elas: organizar as casas, trabalhar na agricultura, visitar as famílias dos meninos, ensinar ofícios, ensinar a língua inglesa e computação aos meninos interessados.

Dessa maneira envolvem-se efetivamente com as distintas instâncias do Projeto. Há casos de estagiários estrangeiros que permanecem ininterruptamente pelo período de dois anos na Chácara. Outros retornam ao país de origem após determinado período, mas geralmente voltam para a Chácara por diversas vezes para prosseguir com a experiência.

#### Art. 12.º- Da entrada de novos meninos e meninas

A Chácara receberá Crianças e Adolescentes somente nas seguintes condições:

- 1.º Através de Educadores da própria Fundação que convivem durante um certo período com meninos e meninas no centro da cidade, dentro de um processo informal e gradativo de entrada;
- 2.º Crianças e Adolescentes de periferia que necessitem do atendimento previsto nos artigos 1.º e 2.º, parágrafos 1.º, 2.º e 3.º do Estatuto da Fundação;



- 3.º Os novos integrantes da Chácara deverão conhecer, cumprir e fazer cumprir este Regimento Interno.

Esse artigo exige que façamos uma exposição quanto ao trabalho de Abordagem de Rua comentado no Capítulo 1 desta dissertação.

No momento inicial de funcionamento da Chácara, pela exigência da presença de pessoas para trabalhar e acolher ao primeiro grupo de meninos de rua, os Educadores da Vila Lindóia deixaram o trabalho das ruas para atender a essa demanda. Por sua vez, esse trabalho não se interrompeu porque contou com representantes do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua para assumi-lo e mantê-lo em funcionamento.

A partir de 1997, a abordagem de rua tem acrescido às suas características e ao grupo que a realizava, a participação de meninos moradores da Chácara, fato que persiste até os dias atuais.

Art. 13.º - Do desligamento dos meninos e meninas

Os meninos e meninas serão desligados da Chácara quando:

- 1.º Completarem 17 (dezessete) anos e/ou estiverem preparados para viver na sociedade de forma independente;
- 2.º Todo jovem maior de 18 (dezoito) anos, desejando, poderá permanecer na Chácara desde que exerça uma atividade educacional na mesma.

Art. 14.º - Das medidas socioeducativas

Em caso de não cumprimento de algum item do presente Regimento, serão seguidos os seguintes procedimentos:

- 1.º O fato será avaliado por todos os membros da Chácara, inclusive pelos meninos e meninas e serão levantadas propostas educativas de superação do problema da melhor forma possível;
- 2.º Em casos graves, será realizado o procedimento indicado no parágrafo 1.º deste artigo e após, será encaminhado o problema e a proposta para a Diretoria da Fundação que avaliará e tomará as medidas necessárias.

**Art. 15.º - Das Atividades:**

As atividades a serem desenvolvidas na Chácara seguirão a Proposta Pedagógica elaborada para este fim.

Essa Proposta está contida em um conjunto de documentos, que se expressam em forma de relatórios anuais, elaborados desde 1993. As experiências retratadas ali possuem a conotação de um processo socioeducativo que vem sendo (re)construído ao longo desses seis anos de existência da Chácara. Na segunda parte deste Capítulo, intitulada **A Vida na Chácara e a (re)construção social do sujeito**, as atividades desenvolvidas neste local serão demonstradas com detalhes o que permitirá explicitar a Proposta Pedagógica que as referencia e fundamenta.

**DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS**

**Art. 16.º –** Os casos omissos neste regimento serão em primeira instância resolvidos pela Coordenação da Chácara e em segunda instância pela Diretoria da Fundação.

Além dos membros que compõem a Estrutura Administrativa explicitada no Regimento, os Meninos de Quatro Pinheiros contam com o apoio direto e indireto de um número expressivo de pessoas que se dispõem a auxiliá-los nas mais distintas situações. São profissionais das áreas de pedagogia, psicologia, assistência social, medicina, odontologia, engenharia e religiosos que se fazem presentes voluntariamente e sistematicamente para atender às necessidades dos meninos.

O apoio vindo da comunidade não se restringe à prestação de serviços no local. Ele se expressa também por meio de outras práticas. São pessoas isoladas, empresas, escolas, colégios, grupos de escoteiros, clube de serviços, que visitam o local e colaboram com a doação de roupas, alimentos, material escolar, material para os consultórios médico e odontológico e outros equipamentos. Conta-se, ainda, com setores educacionais, em especial da UFPR, que promovem estudos, debates, discussões, avaliações, cursos de formação para educadores, com o objetivo de cooperar com o fortalecimento do projeto e da prática da Fundação.

No momento, encontra-se em plena atividade um curso de formação especialmente destinado aos Educadores da Chácara. Aos meninos, está sendo operacionalizado um projeto desenvolvido em parceria por psicólogos e musicoterapeuta, direcionado ao resgate da auto-estima.

Os Meninos de Quatro Pinheiros são queridos pela comunidade em geral. Nos fins de semana pode-se verificar a visita de grupos ou pessoas que permanecem algum tempo na Chácara, lanchando, brincando, conversando, assistindo à televisão com os meninos.

Quanto aos recursos de ordem material para manutenção do projeto, além das atividades internas destinadas à auto-sustentação, conta-se com o apoio de diversos setores públicos e privados que, em forma de colaboração ou de parcerias, contribuem para a viabilização da manutenção da Chácara

Entre as instituições não-governamentais, encontram-se: Rotary Clube, Associação Brasileira de Assistência à Infância, Congregação das Irmãs da Divina Providência, Associação dos Amigos das Crianças do Brasil.

No que se refere às instituições governamentais, encontram-se, entre outras, Prefeitura Municipal de Mandirituba, Prefeitura Municipal de Curitiba, Programa Federal Brasil Criança, UNICEF.

O Regimento Interno demonstra o cuidado para com a preservação das duas instâncias de vida do um ser humano: individual e social. Nele estão explícitas as bases para a construções de padrões sociais que gradativamente vêm influenciando no (re)direcionamento e na (re)orientação das relações que os meninos desenvolvem consigo mesmo, entre si e com a sociedade em geral.

Detectamos neste documento, promessas e possibilidades para um aprendizado voltado ao agir, ao decidir, ao escolher e ao respeito à liberdade e individualidade de cada um enquanto pessoa e enquanto integrante de um grupo social.

Ainda, tendo por base os objetivos geral e específicos explicitados nesse Regimento e considerando as necessidades e as expectativas dos meninos, expressas no citado levantamento realizado 1990 nas ruas de Curitiba, o projeto pedagógico da

Chácara, segundo o Coordenador Geral, identifica-se essencialmente com as propostas de Paulo Freire e Vicent Frenet.

Nessa perspectiva, ele é construído e reconstruído a partir dos valores e anseios dos meninos e expresso nas atividades e interações que ocorrem no cotidiano da Chácara, a partir da prática da interação, da compreensão, da participação, da humanização, da solidariedade, da mobilização, da convivência, de amizade, de partilha, de lealdade. É esse conjunto de valores que torna singular o Projeto e a ação das pessoas envolvidas, isto porque elas não se limitam apenas a participar da construção dessa proposta mas se constroem a si mesmas no exercício dela, dentro do cotidiano da Chácara.

Todos participam de todo processo, de todas as particularidades, de todas as decisões e ações que envolvem o complexo denominado Chácara Padre Eduardo Michelis. Independentemente da forma como essa participação se expressa; direta ou indiretamente; em maior ou em menor grau, o trabalho prioriza as ações coletivas, a interação social.

Segundo enfatiza Fernando, *"tudo é feito em grupo, pelo grupo e para o grupo, respeitando a possibilidade, compreensão e o tempo de cada um"*.

Antes de iniciarmos a construção da segunda parte deste Capítulo, **A Vida na Chácara e a (re)construção social do sujeito**, abrimos um parênteses para expor uma das primeiras surpresas que tivemos ao entrar em contato com a Chácara com o propósito de estudá-la.

Ao solicitarmos do coordenador autorização para realizar o presente estudo obtivemos a seguinte resposta: *"Olha, Maria Helena, você tem que conversar com os meninos, conviver um tanto com eles e ver..."*

A citação desse diálogo tem o objetivo de demonstrar sua importância na realização do nosso trabalho, uma vez que a ausência de barreiras entre nós e os meninos nos permitiu pensar e agir livremente dentro desse contexto.

Reconhecemos que o valor atribuído por nós ao fato descrito está condicionado a experiências anteriores em nossa prática como Assistente Social que

oportunizou o contato com outros sistemas de organização. Nestes, a vida daqueles que dependem desses sistemas é administrada e controlada no sentido de exigir da parte deles distanciamento ou rupturas com o mundo externo, ou seja, com pessoas que possam ter acesso ao que realmente acontece com seus assistidos por trás de seus portões. Ao serem abordados, os internos não respondem. Alguns por temer represálias da Instituição, outros por já terem perdido a capacidade para dar respostas ao mundo.

Em maior ou menor grau, as instituições sociais voltadas à assistência das crianças pobres e abandonadas são retratadas na obra de Goffman (1987), quando ele as define como Sistemas Fechados em função da barreira que elas constroem entre os seus internos e o mundo exterior, condenando-os a uma vida separada da sociedade, uma vida fechada, confinada e formalmente administrada.

Nessas instituições, o indivíduo perde toda e qualquer possibilidade de assumir posições ou de decidir sobre a sua ação e, portanto, jamais se coloca como sujeito, mas sim como assujeitado. Nelas, o indivíduo sabe que a condição para ser aceito está no abandono do seu próprio EU, está no aceitar ser despersonalizado, ser mutilado e, portanto, morto para o seu mundo individual.

Goffman (1987) qualifica essa ação institucional de "mutilação do eu", "aniquilamento do eu", "mortificação do eu". Essa particularidade acontece mediante ações e táticas voltadas especialmente ao controle desse indivíduo. Para isso, a trajetória dele na instituição é pautada por intervenções administrativas que têm por finalidade "ajustar" o indivíduo a padrões de comportamento que implicam automaticamente o distanciamento deste do meio social. O que importa é a defesa desse meio, e para isso é preciso isolamento e punição daqueles que estiverem perturbando a ordem. Para que isto se efetive, é necessária a adoção de medidas que promovam:

- a) rompimento com o passado: família, comunidade, sociedade, valores e até com próprio nome;
- b) obediência; aceitação de rotinas e tarefas indesejáveis e estranhas a ele; aceitação de papéis com os quais não se identifica;

- c) violações da individualidade (contaminações), seja através de dimensão física ou moral;
- d) impossibilitar/reprimir reações.

Tendo como referência o interacionismo simbólico, Goffman afirma que o desenvolvimento do EU é um processo que só ocorre em relação, em interação social. Parte do pressuposto de que os indivíduos se comportam com base no significado que vem das interações sociais. O significado é constantemente modificado por um processo contínuo de interpretação dos indivíduos que participam da interação. Portanto o "eu generalizado" identifica-se no outro, como resultado da interação.

Servimo-nos dessa breve referência para refletir o papel dessas instituições na vida das crianças que necessitam delas. Ao impor suas diretrizes e práticas voltadas ao isolamento, à padronização, ao desaculturação, seqüestram dessas crianças a possibilidade de se constituírem sujeitos; reforçam nelas a condição de excluído, de alienado, de assujeitado.

Mesmo nas ruas quando solicitávamos aos meninos para falar a respeito das suas experiências dentro das instituições, ou quando queríamos compreender o porquê de dormirem nas ruas e não nos abrigos disponíveis, nós não obtivemos respostas convincentes. O que obtivemos na maioria das vezes como resposta foi o silêncio dos meninos, ou então, a repetição de "clichês" que provavelmente foram incutidos por esses sistemas: "nóis somos caso perdido," "porque nós não obedece", porque nós não presta", porque a gente não se comporta".

Desta forma, surpreendemo-nos com o despojamento dos moradores da Chácara, responsáveis e meninos, para colocar à nossa disposição seus documentos, seus relatos, seus depoimentos, suas visões de mundo.

Para concluir, salientamos o aspecto de que na Chácara não tem portões e nem muros que a separe do mundo exterior.



## 2 A VIDA NA CHÁCARA E A (RE)CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SUJEITO

Embora no conjunto de dados coletados para compor esta dissertação, **A Vida na Chácara**, apareça sem qualquer destaque especial, esta parte do trabalho representa para nós como pesquisadora a de maior importância.

Isto se deve ao fato de que para a caracterização e descrição daquilo que se verifica atualmente na Chácara, bem como para o relato das experiências que compõem a sua história, colocamo-nos face a face com todos os sujeitos responsáveis diretos pela construção desse projeto.

Para a elaboração desta parte contamos com a cooperação de um número significativo de pessoas que, direta ou indiretamente, se relacionam com o universo desta investigação, em particular os meninos que vivem na Chácara.

Nossos contatos preliminares se realizaram com o Fernando Francisco de Goes, Coordenador Geral da Chácara e a partir daí tivemos a oportunidade de conhecer os meninos que lá residem, a equipe de educadores da Chácara, alguns membros da Coordenação Executiva, Conselho Fiscal, do Conselho Consultivo, familiares, professores, amigos dos meninos, funcionários, voluntários e vizinhos da Chácara.

Além da proximidade com essas pessoas, a Coordenação ainda favoreceu o acesso a documentos em que se encontram registrados dados e informações sobre o processo de construção da vida na Chácara: Estatuto Social, Regimento Interno, Relatório Anuais de 1997 e 1998, recortes de material jornalístico da *Gazeta do Povo* e de *O Estado do Paraná*, exemplares do jornal *Os Meninos de Quatro Pinheiros*, desenhos, poemas e fotografias produzidos pelos meninos.

Ao iniciarmos nossas visitas à Chácara e os contatos com as pessoas e documentos, adotamos como procedimento registrar tudo em diário de campo sem nos preocupar com a organização de uma estrutura lógica para as anotações. Realizávamos a classificação e ordenação dos dados à medida que a elaboração do nosso trabalho exigia.



De início, pensamos em separar o que fosse histórico, isto é, que fizesse parte do passado e aquilo que descreveríamos entendendo como presente. No entanto, percebemos que tal procedimento não seria fiel à maneira utilizada pelas pessoas que participaram deste estudo para se expressarem sobre a Chácara.

Nas respostas, nos relatos e nos depoimentos não há dissociação entre o que aconteceu e acontece, entre o que existe e o que se fez para que existisse. Seja por se tratar de um processo iniciado recentemente, ou seja por uma experiência vivida de maneira intensa, é uma característica dos sujeitos dessa pesquisa não se reportarem aos fatos da Chácara de maneira isolada ou fragmentada.

Tomando por referência essa forma de exposição é que elaboramos esta parte da dissertação subdividindo-a em seis subitens: As Casas: Estrutura e Dinâmica; As Normas, A Convivência e os Relacionamentos, O Trabalho, A Educação Escolar, As Atividades Socioculturais e Recreativa.

## 2.1 AS CASAS: ESTRUTURA E DINÂMICA

*"Nada foi feito na Chácara sem a opinião dos meninos, o local onde seria construído, a planta de como seria a casa.... Podia pegar grupo de pais e educadores apenas para fazer, mas e quando fossem morar lá, dariam valor? Porque não sofreram, não ajudaram a fazer, o sentido era ensinar os meninos a valorizar..." (Depoimento/Raul)*

Com este pensamento, em 1993, deu-se início à construção da primeira casa na base de mutirões compostos por jovens e pais da Comunidade Profeta Elias, integrantes da Fundação Iniciativa, da Pastoral do Menor e meninos de rua.

No período de férias escolares, janeiro e fevereiro, um grupo composto por Educadores da Comunidade Profeta Elias, meninos de rua e dois carpinteiros, deslocavam-se todas as segundas-feiras até a área da Chácara para iniciar o projeto: roçar, plantar, construir a casa, retornando para seus lares apenas nos fins de semana.

Durante o período de cinco dias, abrigavam-se em duas peças cedidas por um chacreiro vizinho. Ali se pode realizar a primeira experiência de convívio estreito entre os meninos de rua e meninos da Vila Lindóia:

*"Era um grande esforço, porque nossos hábitos eram diferentes, a gente tinha mãe, banho todo dia, comida na hora, cama certa pra dormir, os meninos já não tinham isso".  
(Depoimento/Raul)*

Durante o dia as tarefas, à noite a conversa, a avaliação do dia vivido e a programação para o dia seguinte. Quando alguém deixava de cumprir a tarefa, não se discutia no decorrer do dia, durante os trabalhos, mas à noite, após o jantar refletia-se sobre a participação, a atitude de cada um.

*"a gente respeitava limites, valores e vícios de cada um também. O cigarro era comum, todos fumavam juntos, quando acabava todos ficavam sem fumar e para quem não fumava a gente levava leite condensado porque os que não fumavam também ajudavam".  
(Depoimento Raul)*

A sexta-feira era o dia da "celebração". Fernando deslocava-se até o local para uma espécie de avaliação da semana e reprogramação dos trabalhos para a semana seguinte.

Em todas as discussões lembrava-se das desigualdades sociais, dos projetos oficiais que não serviam às causas e às necessidades dos excluídos. Desta forma, planejavam não repetir esse modelo na Chácara. No início a participação prática dos meninos de rua não foi tão intensa pela ausência de acomodações para grupos numerosos. Porém, os que não participavam diretamente eram ouvidos e respeitados da mesma maneira em seus anseios e sugestões.

Durante o período de conclusão dessa casa, o trabalho de abordagem de rua não foi interrompido; ele estava lá, nas ruas, agora com outro propósito: construir a proposta pedagógica que nortearia as ações da Chácara.

O projeto arquitetônico da primeira casa levou em consideração, por exemplo, o fato de que a palavra "casa" para aquelas crianças possuía a conotação de problema. Lembrava a eles um espaço pequeno, onde não cabem todos os moradores durante o dia e que, com frequência, se constitui num lugar de violência dos pais entre si ou deles para com seus filhos. Acionava, ainda, lembranças e imagens de um espaço de consumo de drogas, de álcool, ou lugar de prostituição. (Relatório 1997, p.5).

Tais imagens impediam que essas crianças tivessem lembrança e referências positivas a respeito da casa. Eles queriam um lugar para abrigá-los, mas tinha que ser

"muito diferente" das casas que conheciam e daquilo que tinham como referencial de casa. Eles descartavam também os modelos que pudessem se assemelhar às estruturas institucionais, geralmente caracterizados por arquiteturas sombrias, impessoais, desprovidas de motivações para o estabelecimento de interações, criação de vínculos, vivência de afeto e de sociabilidade.

Fernando conta que eles faziam questão de que a casa fosse de tijolo, pois acreditavam que a casa de material faria com que os visitantes os respeitassem mais:

*"quando os meninos chegam aqui eles chegam muito fragilizados, traumatizados por todo desrespeito que receberam, então naquela época eles tinham essa idéia de que quem mora em casa de material é respeitado, o que de certa forma é verdade, porque a polícia não derruba casa de material, só que não deu, né, porque esta casa foi o Balarotti quem forneceu o material e eles deram madeira, mas deu tudo certo, eles se sentiram felizes da mesma maneira". (Depoimento/Fernando)*

O grupo pioneiro, composto por 12 (doze) meninos servia de estímulo àqueles que ainda se encontravam nas ruas e nos anos seguintes outras duas casas foram providenciadas para poder ampliar o número de meninos interessados. As construções, os recursos, as idealizações, se fizeram nos mesmos moldes da primeira casa, com a diferença de que havia a participação de um número maior de meninos na atividade. Quando mencionam essas experiências, eles o fazem com empolgação. Nas entrelinhas de seus discursos, percebe-se a grande preocupação deles com aqueles que ainda se encontram nas ruas e o desejo de que aqueles também possam desfrutar da experiência que vivem.

*"Nós estamos construindo outras casa pra outros meninos de rua. Esses meninos precisam ser ajudados, vai ser muito bom para os meninos, para dar um futuro para os meninos de rua. Nós precisamos dar uma força para eles. Os meninos de rua precisam ser muito ajudados por todos". (Depoimento/O. 11 anos)*

Atualmente, uma quarta casa encontra-se em fase de término de construção para receber novos moradores que estão inscritos aguardando o momento de ingressar.

É com alegria e expectativa que os meninos da Chácara participam dessa construção. Comentam sobre ela e sobre a possibilidade da vinda de novos amigos da seguinte maneira:



Casa 1



Casa 2

*"Nós estamos fazendo a quarta casa para meninos novos que vão chegar na Chácara. Nós temos meninos antigos que moram há um, dois e cinco anos na Chácara. Alguns já foram embora daqui, mas com os 23 meninos está super bom. De vez em quando alguns brigam um com os outros, mas o chefe não deixa existir briga na Chácara. A quarta casa, se Deus quiser, vai ser muito boa, com a chegada dos meninos novos. Meninos que vêm da rua, que não têm famílias para cuidar deles. Mas quando terminar a casa nova alguns meninos vão ter vida boa, como nós temos aqui na Chácara. Aqui nós estudamos e fazemos um curso de elétrica de carros. Daqui a alguns meses o curso vai dar futuro para nós, se Deus quiser". (Depoimento/M. L. - 14 anos)*

*"Esta quarta casa será grande por causa do número de meninos. Esta casa será muito importante para Chácara. Já fizemos abordagem com alguns meninos e eles já aceitaram a proposta da Chácara. Se Deus quiser, tudo vai dar certo. Com a quarta casa nós vamos ajudar muito os meninos de rua. Construímos a quarta casa com a ajuda de muitas pessoas que tiveram um bom coração para a doação dos materiais. Foram escolhidas algumas pessoas da comunidade e alguns meninos da casa para construir a nova casa. Pretendemos nos entrosar muito bem com os meninos. Alguns meninos da primeira casa querem colaborar na construção da quarta casa. Com certeza, alguns meninos vão ter dificuldades nos primeiros dias, como todos os meninos das primeiras casas tiveram. Mas os educadores vão fazer de tudo para que corra tudo muito bem na quarta casa. Problemas eles vão ter, porque em qualquer família têm, e a Chácara vai fazer o possível para que mude a vida desses meninos, que já passaram pela mesma vida que nós e que vão ter a mesma oportunidade que nós tivemos. É com certeza vão abraçar essa oportunidade que nós tivemos. E não vão deixar escapar a chance de ser alguém no futuro". (Depoimento/M. C. - 17 anos)*

Nas três casas que se encontram em funcionamento, duas são ocupadas por meninos e educadores e a outra está sendo utilizada para abrigar estagiários estrangeiros e visitantes.

A primeira casa construída abriga atualmente um grupo de 13 meninos com faixa etária entre 14 e 17 anos. É uma casa de madeira e sua distribuição se deu conforme o projeto dos meninos, é composta por três quartos, sala de estar e de refeições, cozinha, banheiro e varanda. Junto com esse grupo de meninos reside o Coordenador Geral e Educador Fernando.

A mobília é simples e composta pelo estritamente necessário para funcionamento. A decoração da sala é feita por quadros que lembram a causa dos meninos de rua; por imagens de Nossa Senhora Aparecida e Sagrado Coração de Maria sempre acompanhadas por um vasinho de flores, por fotografias dos meninos e lembretes de atividades da semana e de normas da Chácara que podem estar sendo esquecidas em determinados momentos.

Nos quartos a decoração é feita essencialmente por cartazes que apresentam uma variedade de imagens: Jesus, paisagens, pássaros, emblemas de times de futebol, placas com os nomes dos meninos e cartazes de filmes. Na parte interna dos guarda-roupas, fotos de familiares, amigos e recortes de revistas em especial "as garotas".



Na lateral direita e externa dessa casa encontra-se uma dispensa onde são organizados e guardados os gêneros alimentícios, e, próximo dela, uma horta. Ao lado esquerdo, também externamente, está construído o escritório da Chácara.

Na segunda casa, reside um grupo de 11 (onze) meninos, com idades entre 06 (seis) e 12 (doze) anos, acompanhados por um educador da Chácara.

Esta casa é de alvenaria e apresenta basicamente a mesma estrutura e decoração da casa descrita anteriormente. Como detalhe especial traz em sua fachada um poema que foi produzido durante a passeata (citada no Capítulo 1) realizada em 1987 em Curitiba, promovida pelo Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua:

***Poema dos Meninos e Meninas de Rua de Curitiba***

|                                       |                                   |
|---------------------------------------|-----------------------------------|
| <i>Para vocês, academia;</i>          | <i>Para nós, delegacia;</i>       |
| <i>Para vocês, escola;</i>            | <i>Para nós, pedir esmola;</i>    |
| <i>Para vocês, avião;</i>             | <i>Para nós, camburão;</i>        |
| <i>Para vocês, piscina;</i>           | <i>Para nós, chacina;</i>         |
| <i>Para vocês, coca-cola;</i>         | <i>Para nós, cheirar cola;</i>    |
| <i>Para vocês, carro do ano;</i>      | <i>Para nós, resto de pano;</i>   |
| <i>Para vocês, televisão;</i>         | <i>Para nós, valetão;</i>         |
| <i>Para vocês, apartamento;</i>       | <i>Para nós, acampamento;</i>     |
| <i>Para vocês, vida bela;</i>         | <i>Para nós, favela;</i>          |
| <i>Para vocês, ir a lua;</i>          | <i>Para nós, morar na rua;</i>    |
| <i>Para vocês, forró;</i>             | <i>Para nós, mocó;</i>            |
| <i>Para vocês, tá bom felicidade;</i> | <i>Para nós, igualdade;</i>       |
| <i>Para vocês, imobiliária;</i>       | <i>Para nós, reforma agrária;</i> |
| <i>Nós também amamos a vida.</i>      | <i>Nós também queremos viver.</i> |

Ao redor dessas duas casas, flores variadas estão plantadas.

A casa três, como é conhecida pelos moradores da Chácara, é utilizada fundamentalmente para abrigar estagiários de outros países que, conforme exposto no início deste Capítulo, permanecem por longos períodos na Chácara. O espaço utilizado por eles restringe-se aos dois quartos e banheiro porque a sala é ocupada com a instalação de 10 (dez) computadores destinados a cursos de informática aos meninos.

A quarta casa, em fase de acabamento, foi projetada para ser habitada por 25 meninos que ainda se encontram nas ruas e, conforme presenciamos, telefonam diariamente para saber se já podem ir para a Chácara.

Além dessas estruturas, outros compartimentos foram providenciados no sentido de atender às distintas necessidades cotidianas dos moradores: lavandeira, biblioteca, sala de estudos, salas de cursos, marcenaria, consultórios médico e odontológico.

Todos esses espaços são organizados por educadores, voluntários e meninos.

Cada uma das casas possui um educador responsável que permanece ininterruptamente. Para auxiliá-lo, equipes de meninos se revezam, semanalmente, para limpeza, organização geral e para atender às solicitações dos habitantes. O preparo do alimento conta ainda com o auxílio de uma (1) cozinheira, funcionária da Fundação. Os cuidados com pertences particulares fica a cargo do próprio dono: brinquedo, material escolar, aparelhos sonoros e organização de armário.

## 2.2 AS NORMAS

Além de planejar a ocupação e construção de espaço físico para abrigar-se, os meninos também se mobilizavam para a elaboração de uma proposta de Regimento Interno. Esboçado de forma rudimentar, ainda nas ruas, em 1989, este documento foi oficializado em 1993, sendo o que prevalece nos dias atuais. Assim como os demais projetos da Chácara, esse regimento não é um documento acabado estanke, mas a sua versão é (re)construída no dia-a-dia da Chácara, de acordo com as necessidades apresentadas.

De acordo com o exposto no início deste Capítulo, o Regimento serve para estabelecer padrões de rotinas e de funcionamento daquela Organização, ao prever: seus objetivos, os critérios para ingresso e permanência, as atribuições de cada integrante, os direitos, os deveres e o modo de convivência. Dois pontos desse documento foram particularmente enfatizados pelos educadores da Chácara durante os nossos contatos.

Isto porque referem-se aos aspectos mais bem definidos pelos meninos e educadores no período em que foram idealizados.

O primeiro diz respeito às normas para o ingresso e a permanência na Chácara e o outro, às normas estabelecidas aos relacionamentos (entre si e com educadores, funcionários, visitante, vizinhos e com a comunidade em geral, incluindo os meninos de rua).

### 2.2.1 Normas para Ingresso e Permanência

Para reger suas decisões relativas à Chácara propunham que estas se constituíssem baseados no princípio da liberdade de ir e vir. O ingresso na Chácara ficaria condicionado ao intermédio e encaminhamento dos educadores da rua, sem pressões. Após um trabalho de apresentação e sensibilização para o projeto, a decisão ficaria a critério dos meninos. Da mesma maneira, a opção pela permanência seria feita livremente, sem imposições. No entanto, deveria significar para aqueles que optassem por permanecer, o reconhecimento e o respeito por três aspectos fundamentais. No depoimento de Raul, eles aparecem na seguinte ordem:

- 1) Droga – "a compreensão existirá, mas não a convivência, quem quiser ficar tem que buscar força para superar isso".
- 2) Estudar – "se não estudar fica convidado a sair da Chácara".
- 3) Conviver em Grupo – "não precisa pensar igual, mas tem que respeitar as decisões e os desejos da maioria, do grupo".

No início (1993), os Educadores de Rua encaminhavam os meninos à Comunidade Profeta Elias para uma espécie de estágio. Permaneciam na Vila por duas semanas para ver se conseguiam distanciar-se da droga e de outros vícios de rua; atualmente, isso já não é possível porque, segundo Fernando, a Vila Lindóia deixou de ser referência para os meninos devido à presença de traficantes e de drogas no local.

O trabalho de abordagem de rua realizado atualmente, segundo esse educador, é mais consistente, mais estruturado e condizente com a realidade pois possui outras características. A equipe de Educadores de Rua atual é composta por 2 (dois) "Educadores da Chácara" e por 3 (três) meninos que residem na casa há mais tempo e que são indicados para esse trabalho por afinidade e firmeza em relação ao Projeto.

Anderson, um dos Educadores que participa e coordena o trabalho de abordagem, nos oferece o seguinte depoimento:

*"hoje, no trabalho de rua, a gente[...] a gente cuida para não se queimar com os meninos, cuida com as palavras não faz muita pergunta [...] após o contato, apresenta o grupo, chama o menino para que pelo menos venha conhecer, observar [...] lá na rua é difícil conversar, drogados, eles esquecem o que falam e o que ouvem [...] agora estamos espalhando a notícia de um jogo de futebol na Chácara, a gente vai falando até que eles cobrem isso[...]" (Depoimento/Anderson)*

O ingresso fica a critério dos educadores que no atual trabalho de abordagem de rua procuram avaliar as intenções, as pretensões e as disposições dos meninos em relação a Chácara. No entanto, a decisão é do próprio interessado. A este são oferecidos esclarecimentos e informações detalhadas sobre a Proposta da Chácara, incluindo a apresentação de álbum fotográfico. Esse mesmo educador avalia que não é fácil a tarefa de demonstrar aos meninos de rua que a Chácara tem um projeto distinto de outros que ele conhece e resiste pertencer.

*"eles olham as fotos e reconhecem os amigos, irmãos, primos,[...] comendo, brincando, jogando, trabalhando, vão tirando imagem de que aqui é uma Instituição[...]nos moldes que ele conhece[...]"(Depoimento/Anderson)*

O Coordenador Geral tem como filosofia de que aquilo que a Chácara oferece, a alimentação, o respeito, o estudo, o afeto, a ocupação, o futebol, o aprendizado, a conversa, o grupo, tem que ser suficiente para competir com a maior dificuldade que o menino enfrenta para se definir por permanecer na Chácara: a abstinência das drogas. A Chácara não dispõe de qualquer tipo de recurso específico para tratamento dos dependentes. Conta-se com a distância das ruas, com o apoio dos educadores e a disposição do menino.

N., um ex-menino de rua, morou na Chácara no período de 1993 a 1998. Hoje, casado, reside e trabalha em Mandirituba. Recorda que embora reconhecesse que na Chácara ele tinha amigos, trabalho, escola, pessoas que visitavam o local, que lhes davam atenção e apoio, ele retornou às ruas nove vezes durante esse período, por causa da droga:

*"a dependência era grande, a droga era meu cobertor, meu alimento, eu roubava para comprar drogas[...] não foi fácil, é um trabalho bem difícil, o básico para largar a droga é o amor e isso eu tive, recebi na Chácara e venci". (Depoimento/N)*

Nesse relato podemos observar que a passagem de uma condição para outra não é tão simples e tão fácil como às vezes as pessoas não envolvidas diretamente supõem.

Além do vício da droga, existem as estratégias de organização e outros hábitos adquiridos nas ruas que são incompatíveis com o Projeto da Chácara. Incorporados à vida de cada um, não se constitui em uma tarefa simples prestar efetivo apoio para que esse menino redirecione e redimensione sua condição.

Os educadores contam que é comum os meninos permanecerem aproximadamente uma semana sem usar drogas e depois disso, por não suportar a abstinência, retornarem às ruas. No início das atividades a Chácara não dispunha de recursos e experiências para enfrentar a situação. Contava-se com o tempo, o apoio dos educadores e o estímulo destes aos meninos quanto à autodeterminação e o envolvimento com as tarefas da Chácara. Períodos de abstinência iam sendo ampliados gradativamente, e assim a distância entre menino e droga também aumentava. *"Hoje quem chega tem a seu favor a referência dos meninos que estão aqui, eles contam como fizeram para enfrentar essa dificuldade e apóiam os momentos de crise dos novos"*. (Depoimento/Fernando)

Quanto aos outros hábitos e esquemas adquiridos na rua referem-se, por exemplo, às questões ligadas à higiene pessoal, organização dos espaços, disciplina, violência, obediência, ao respeito aos limites e individualidade do outro, enfim à prática do reconhecimento do outro em seu mundo. *"Na rua os meninos se ajudam mas isso se dá por questão ligadas aos interesses próprios, dá aqui pra pegar ali"*

Quando um menino ingressa na Chácara, é difícil trabalhar com ele, por exemplo, hábitos de higiene, limpeza, comportamento à mesa, uso de sanitários, preservação e manutenção de objetos de uso comum ou pessoal. Com o passar do tempo, o próprio grupo que se encontra na Chácara vai levando o menino ao crescimento:

*"No início é difícil pois os meninos têm um ritmo totalmente diferente na rua, mas como são eles mesmos que ajudam a estabelecer as normas do funcionamento da Chácara, acabam participando, cumprindo suas obrigações e até cobram a responsabilidade dos seus companheiros"*. (Depoimento/Anderson).

A liderança pela força e o poder físico nas ruas é um fato. Quem tem força física exerce o papel de mandante ou de protetor. Na Chácara busca-se compreender que é preciso tempo, esforço e apoio dos educadores para auxiliar os meninos a substituir essa referência pela idéia de construir, de ser solidário, participativo, integrativo, socializador.

Mesmo manifestando o desejo de construir e/ou participar de um projeto e um lugar com bases nesses princípios não era e continua não sendo fácil para o menino assumir a responsabilidade de romper com os hábitos da rua, ou melhor, refletir sobre esse aprendizado para redefinir seus propósitos de vida, sua conduta perante a sociedade de maneira que possa desfrutar dos benefícios que isso pode trazer a ele.

O grupo pioneiro era composto por meninos que trocavam o dia pela noite, não aderiam aos quartos, dormiam todos juntos na sala, entre a porta e a janela. Para dormir, eles estavam acostumados aos mocós, aos espaços debaixo de viadutos e marquises, aos bancos de praças ou dentro de caixas de papelão.

*"na rua tem o esquema da cama de gato pra não sentir frio e por segurança se entrelaçam, um dorme sobre o joelho do outro e na cama não dá para fazer isso". (Depoimento/Raul)*

Era comum permanecerem diante de fogueiras até o amanhecer e depois dormir até 14 horas da tarde.

Após o período de aproximadamente duas semanas ocorreu uma situação que, no entender dos educadores, representou uma mudança. Os meninos menores foram para os quartos, separam-se dos meninos maiores e assim "abriram mão dos líderes". Na análise de Raul houve uma quebra desse vínculo de protetor e protegido, característico das ruas.

Os meninos falavam alto, gritavam, porque estavam ainda condicionados à situações de rua onde barulho dificulta a audição, e eles tinham de gritar se quisessem ser ouvidos e se habituaram a essa forma de expressão. O vocabulário, composto basicamente por palavrões e xingamentos, dificultava a comunicação. Os conflitos eram constantes e intensos, pois estavam acostumados a resolver toda e qualquer situação por esse procedimento.

A direção da Chácara não se preocupou em estabelecer cronologicamente um período de adaptação para os meninos, pois reconhece que cada um tem seu tempo e seu ritmo próprio. Conforme o relato do Educador Anderson:

*"[...]é praxe respeitar a posição do menino, o horário dele acordar, o modo de trabalhar, a sua individualidade. A horário de levantar é 07 horas, com o tempo ele se conscientiza, a gente vai incluindo nos trabalhos aos poucos, ele vai observando a organização, recebendo as normas aos poucos". (Depoimento/Anderson)*

Esse mesmo Educador é ainda da opinião de que a pessoa aprende pelo exemplo, e que isso na Chácara é da alçada do Educador, que deverá obedecer às Normas e ter a responsabilidade de servir de exemplo e de referência. Além disso, acredita que a maior referência, o principal modelo são os ex-meninos de rua que se encontram na Chácara há mais tempo envolvidos com aquela Organização. Para Anderson, esta referência tem sido responsável pela inserção de novos meninos ao grupo.

*"todo o trabalho é desenvolvido em grupo, em conjunto, os maiores participam mais porque aos pequenos falta força física para executar trabalho por exemplo, torcer uma roupa ou habilidade para passar uma roupa, mas é com os grandes que os pequenos aprendem". (Depoimento/Assistente Social)*

A permanência hoje fica condicionada também a esse trabalho da abordagem de rua, visando auxiliar o menino na decisão e adaptação ao Projeto Chácara. Assim, antes de ingressar ele dispõe de uma série de referências, de informações que podem ser úteis para a sua tomada de decisão.

A Chácara tem passado por alternância populacional desde o início de suas atividades, em função de entradas, saídas definitivas e/ou com retornos de meninos, mas isso não tem alterado significativamente o número de moradores. Não há qualquer razão para extrapolar sua capacidade de atendimento, hoje 24 meninos, e nenhuma razão para impedir o ingresso de novos moradores quando isso é viável.

Quanto à idade mínima para ingresso na Chácara, ficou definido 6 (seis) anos, "e em casos excepcionais, crianças menores de 6 (seis) anos", conforme artigo 2º do Estatuto Social.

Atualmente já existem precedentes em relação a esse artigo. Isto porque ao localizarem nas ruas crianças com grau de parentesco muito próximo a alguns dos

meninos que residem na Chácara, a equipe de Educadores as acolhe principalmente em função de querer preservar vínculos familiares. Neste caso, aos meninos mais velhos compete cuidar dos mais novos.

Quanto ao momento de desligamento da Chácara, embora se tenha estabelecido 17 anos, para alguns isso não se cogita, eles querem ser Educadores, isto é, permanecer na Chácara, para outros o desligamento é uma possibilidade. Alguns, querem casar, construir famílias, outros trabalhar, e alguns apontam profissões das mais distintas: caminhoneiros, jogador de futebol, médico, construtor, no entanto, isto não se mostra de maneira efetiva. A tendência maior é ficar na Chácara:

*"Nosso objetivo enquanto educador é o resgate da auto-estima, mostrar que se ele quiser, ele pode participar de tudo. Fazemos ele entender que tem direito igual a qualquer pessoa, embora a luta seja desigual ele pode buscar a igualdade, à medida do possível".  
(Depoimento/Anderson)*

No parágrafo 3º do artigo 2º do Estatuto Social, consta que após essa idade "poderão permanecer ligados à Fundação os adolescentes que tiverem interesse de desempenhar alguma função dentro da mesma". A exemplo disso, mencionamos o jovem Adilson, hoje com 21 anos, que faz parte da equipe de Educadores da Chácara. Sua história serve de modelo para outros meninos.

Ele saiu de casa aos 05 (cinco) anos e morou nas ruas 10 (dez) anos. Adilson conta que sempre amou e sentiu falta de sua família, que roubava para presentear-lá, para levar comida e dinheiro para ela. Ele diz que "todo menino de rua tem sonho de ter uma casa, carinho, viver longe da droga". Afirma ter usado cola pela primeira vez aos 07 (sete) anos, descobriu que conseguia "mais coragem para roubar e ficar mais esperto com a polícia e com os "pescoços" (nome dado ao delator). Além disso, diz ter tido experiência com anjos, com Deus, com grandes pássaros e com a lua onde visualizava São Jorge lutando com dragões. Aprendeu diferenciar experiências resultantes de distintas drogas.

Relata que aos 12 (doze) anos já distinguia também os tratamentos policiais por meio de choques, afogamentos, torturas e cacetetes, "fui preso, umas cinquenta vezes". Da mesma forma, não conseguia permanecer em nenhuma instituição por mais

de 10 (dez) dias. Fugia. Aos 15 (quinze) anos, conheceu o Fernando e a Chácara. Conta que:

*"houve tempo aqui que não tinha nem comida e eu enfrentei essa barra, preferi ficar aqui. A diferença é que aqui a gente tem liberdade até para ir embora. O Fernando não obriga, aqui não tem polícia para trazer, a gente vem por vontade própria".*

Adilson é o exemplo típico do bom menino. Diz que tem muita vontade de ajudar as pessoas. Quando morava na rua ele roubava também para alimentar os meninos pequenos e mendigos.

Hoje, na função de Educador ele cuida de um grupo de meninos, auxilia na limpeza da casa, na feitura da comida, nos trabalhos escolares. Para ele, a Chácara é tudo. Aos 18 (dezoito) anos saiu, retornou para a família, trabalhou em Curitiba, mas diz não ter suportado viver longe do Fernando e dos meninos.

*"Voltei porque senti muita saudade da piazada, as crianças precisam de mim e o Fernando também".*

O estabelecimento e o exercício das normas é grupal, e inclui: estabelecê-las, respeitá-las e cobrar o seu cumprimento.

As decisões, os projetos, as sugestões, tudo enfim, é discutido em grupo. Tudo é constituído a partir dos interesses dos meninos, somados às possibilidades da Fundação. A cobrança das faltas é feita pelo grupo e a pena depende da infração. Quando alguém deixa de cumprir com tarefas que possam prejudicar ao grupo, a pena é, por exemplo, ter que fazer outra tarefa em dobro.

A punição mais temida é o **tesourão**. Refere-se ao impedimento ao faltoso de desfrutar por determinado tempo de atividades que lhe dê prazer, entre outras: passeios, televisão, futebol, viagem, ingerir doces e refrigerantes.

Diante da recusa de ir à escola ninguém apanha, mas fica na Biblioteca estudando ou curtindo a raiva.

A punição mais severa é em relação às desavenças em que a força física é utilizada em grau de desigualdade. Nesses casos o Educador interfere energicamente e se preciso usa também o mesmo peso e também a mesma medida com o agressor.



## 2.2.2 Normas para a Convivência

Ficou delineado ainda nas ruas que a convivência entre os moradores da Chácara deveria ter como base a solidariedade, o cooperativismo, a participação, o respeito, mútuo e a individualidade. A relação com a vizinhança da Chácara, com a comunidade, em geral, com familiares seria pontuada pela manifestação do compromisso que estavam assumindo com a própria transformação. Em relação aos seus familiares, haveria o empenho especial para localizá-los e para restabelecer os vínculos de cordialidade e afetividade rompidos para alguns e apenas desgastados para outros.

### 2.2.2.1 A convivência na Chácara

A convivência na Chácara envolve as normas e as regras sugeridas pelos meninos para orientar o comportamento e o relacionamento entre si, com Educadores, funcionários e voluntários.

A construção dessas normas tem, por um lado, o desejo de um ambiente pautado pelo respeito, pela solidariedade, pela dignidade, pela democracia e pela interação e, por outro, o desejo de registrar aquilo que também não desejavam para o ambiente da Chácara.

A despeito de seus ideais, os dados e depoimentos a seguir mostram que o redirecionamento para uma nova condição de vida para os meninos de rua não se constitui apenas do desejo deles e de quem se envolve com a problemática deles. Exige paciência de ambas as partes para a construção de um novo projeto de vida.

A convivência entre os meninos da Chácara e entre eles e educadores, funcionários e estagiários, é um dos aspectos que merece maior atenção, tendo em vista ser nesta particularidade que se observa aquilo que talvez seja o principal ponto que diferencie aquela Proposta dos demais programas e instituições voltadas à problemática desse segmento.



O cotidiano é essencialmente construído sob princípios de coletividade, interação, solidariedade, partilha, respeito mútuo.

Entre os meninos, não é difícil presenciar brigas, xingamentos, gestos, expressões e linguajar alterados que lembram o típico menino de rua. No entanto, eles estão sempre juntos: na hora de ir para a escola, nas refeições, no trabalho, no lazer, nas brincadeiras e nas reflexões quanto à importância de construírem e manterem relacionamento harmonioso entre eles.

Nos intervalos dos seus deveres eles estão sempre brincando e nestas atividades percebemos uma certa preferência por aquelas que possuem muitas regras, como, por exemplo, o futebol, o jogo das cinco-marias e bolinhas de gude.

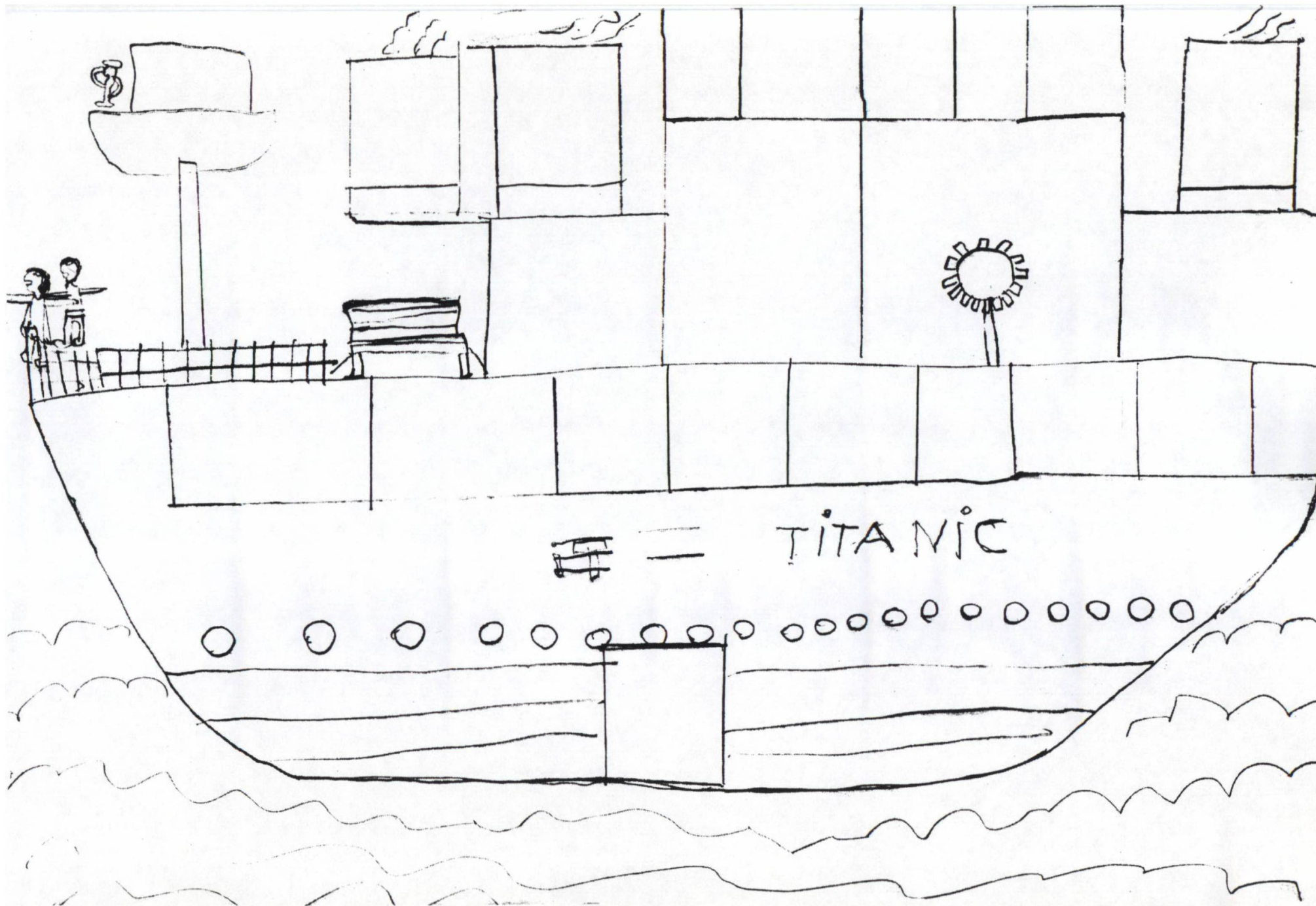
W., de 12 (doze) anos, revela que existem brincadeiras que dominam o grupo em determinados momentos:

*"tem época que a gente só quer futebol, outras só bolinha de gude, outras brincadeiras de mato, agora por exemplo é a época das Cinco Marias".(Depoimento/W. - 12 anos)*

Outra atividade em que a interação entre eles se faz de maneira significativa é a televisão. São capazes de assistir a um mesmo filme cinco vezes, como é o caso do "Titanic". A primeira vez em que estivemos na Chácara, os meninos assistiam a esse filme e demonstraram algo que ainda não conhecíamos. Um grupo de cinco meninos repetiam trechos dos discursos e da trilha sonora. Tão envolvidos estavam que não se deram conta de nossa presença. Esta só foi percebida por eles quando também começamos a cantarolar trechos do tema principal. Concluída a sessão, recebemos de dois garotos, desenhos, inspirados no filme.

A fogueira é outra atividade bastante apreciada. Permanecem muitas horas brincando com o fogo, assando pinhão, milho, esquentando água, levantando faíscas, jogando tições à distância.

A brincadeira de luta corporal é também freqüente. Uma mistura de capoeira com luta livre, leva os meninos a passarem horas rolando pelo chão, medindo força, chorando e rindo. De qualquer maneira, o movimento que eles criam é intenso.



Gostam de cantar, encenando bandas de rock, duplas sertanejas e cantores famosos. Para isso vale improvisar microfones e instrumentos musicais. O Karaokê ajuda a ensaiar os passos e os ritmos de Rap, Reggae, Pagode, Funk.

O tema do filme Titanic é uma espécie de hino. Todos sabem cantar e cantam juntos. Aliás a música romântica é também muito cotada nos seus shows. Às vezes se reúnem em um dos quartos onde passam horas cantando, representando e dançando.

Além das brincadeiras entre si, outras atividades e envolvimento pessoais permitem a produção de vínculos sociais no interior da Chácara: trabalho, estudo, atividades socioculturais, tarefas domésticas (já descritas).

Tais atividades e envolvimento implica a experiência de um tipo de vivência que os meninos não tinham ainda experimentado nem na família, nem na rua, nem em outras instituições.

As atividades de trabalho, de lazer e culturais, aliadas ao respeito e à ordem faz da Chácara um lugar onde se pode experimentar o espaço da liberdade e da não violência. Para que isso ocorra é necessário grande esforço principalmente por parte dos educadores, dos quais é exigido:

- a) consciência da problemática que permeia a história desses meninos;
- b) disposição para enfrentar o desafio de ajudar os meninos a superar dificuldades de toda ordem;
- c) doar-se sem paternalismos, olhar os meninos como sujeito de desejos, de direitos e de deveres.

Entendemos que isto significa um esforço quase que extra-humano, uma vez que eles não possuíam qualquer referência teórica ou prática anterior para desenvolver tal proposta. Esta tem que se construir no cotidiano da Chácara, desfrutando dos acertos e pagando pelos erros.

O relacionamento dos meninos com o Fernando é peculiar. Sendo tratado às vezes como um irmão mais velho, em outras como um pai, os meninos estão sempre à sua volta: conversando, pedindo coisas, queixando-se, exigindo arbítrio para suas brigas, buscando respostas ou simplesmente brincando com ele. A liberdade de expressão neste

relacionamento também é gratificante de ser presenciado. O Coordenador também é exigido, suas ordens são questionadas ou revidadas, mas o respeito e o afeto são sempre evidenciados: na palavra, na atitude, no toque, no carinho que se expressa. Os limites também são trabalhados por esse Educador. Ele está sempre refletindo e avaliando junto com os meninos: as suas atitudes e as deles. Os meninos o consideram o ponto de equilíbrio e de sustentação para que os seus ideais se viabilizem.

Durante nosso convívio com o grupo, verificamos que a dependência que os meninos têm da figura do Fernando é algo que precisa ser reavaliado dentro da Chácara. Ouvi de muitos meninos expressões, tais como: "sem o Fernando eu não seria ninguém"; "se o Fernando não existisse eu não sei o que seria de mim"; "eu tenho muito medo do Fernando morrer"; "o Fernando para mim é tudo".

Além disso, observamos que o poder de decisões e adoção de atitudes mais enérgicas diante das faltas cometidas pelos meninos concentra-se na pessoa deste educador. Para os meninos, a última palavra é do Fernando.

O relacionamento entre os meninos e demais educadores se expressa de forma menos íntima, com mais reservas, porém, igualmente construtivo. Os meninos sabem que podem contar com essas pessoas para orientá-los e auxiliá-los na realização das atividades rotineiras da casa e demais atividades que envolvem o seu cotidiano: trabalho, educação, social, lazer, relacionamentos. A equipe denominada educadores se faz presente no local sistematicamente. Independente de remuneração e outros benefícios, assumem tarefas e responsabilidades de maneira que as premissas teóricas que norteiam a proposta sociopedagógica da Chácara possam ser concretizadas.

Não apenas isso. Mediante essa orientação e auxílio eles participam efetivamente na construção da Chácara enquanto espaço socialmente estruturado e possibilitam o nascimento do sujeito para os meninos.

A presença desses no cotidiano dos meninos é fundamental para que os limites criados pela coletividade da Chácara sejam reconhecidos e respeitados. Assim, estabelecem o outro da Alteridade e o reconhecimento fundamental da condição humana, de que só é possível viver quando se tem no outro aquele que limita, mas

também aquele com quem interage, com quem compartilha. Ou seja, o reconhecimento de que o vínculo estabelecido entre os moradores da Chácara representa a construção simbólica. É o acesso à esfera do simbólico, o elemento estruturante que podem experimentar agora e é daí que retiram o dever e as obrigações para consigo e para com o outro. Se até então eram objetos da violência da rua e das instituições, agora na Chácara podem tornarem-se seres de palavra, condição essencial da Alteridade. (ARENDT, H. 1983. 336p).

Todas as segundas-feiras no período da manhã, a equipe de educadores se reúne para avaliar o trabalho da semana anterior e planejar as atividades da semana vindoura. Para eles, todas as atividades devem oportunizar o convívio grupal de forma que a solidariedade e a partilha possam ser expressas e vivenciadas.

*"Primamos por atividades em grupo, que oportunizem a convivência fraterna: jogos, brincadeiras, trabalhos em grupo, gincanas, e desta forma criando oportunidade para todos, principalmente para aqueles que apresentam dificuldades".*

Da mesma maneira, o estímulo ao debate, à reflexão e à criação de regras próprias é oferecido, de maneira que a liberdade possa ser uma experiência com base no respeito, na afetividade e na responsabilidade (em relação a si e ao outro). Tudo se resolve pelo grupo, com o grupo e para o grupo. Diante de problemas, no tocante ao descumprimento das normas, o grupo avalia, busca solução, seja ela penalizar, seja ajudar o infrator:

*"A solidariedade se constrói na partilha, na experiência da gratuidade, vencendo o egoísmo, a competição, a exclusão, e abrindo novos horizontes. Isto requer atividades em pequenos grupos, onde todos os participantes possam ouvir, falar, discutir as propostas e apontar caminhos de soluções, sempre a favor do próximo". (texto sobre a metodologia da Chácara)*

A equipe de educadores relembra algumas das dificuldades que os meninos enfrentaram para superar seus embates do passado e adaptar-se à proposta da Chácara.

Sabine, uma jovem estudante da Suíça esteve em estágio na Chácara, durante três meses em 1994. Quando chegou, sentia muita dificuldade em criar situações que oportunizasse a integração entre os meninos; "eles não pensavam no grupo, no bem-estar comum". Em 1998, ela retornou para mais um estágio e acha que "as coisas hoje são diferentes":

*"eu lembro que eles pegavam toda comida para si, não obedeciam regras, horários, às vezes 04 horas da tarde já haviam comido tudo que havia na Chácara, era difícil falar em futuro, eles não entendiam a linguagem do plantar hoje para comer amanhã, só sabiam viver aquele dia".*

Frank, outro estagiário, vindo da Alemanha, exemplifica isso relatando que, em 1994, ele incentivava o trabalho de marcenaria com o objetivo de incentivar os meninos a fazer os móveis da casa. Desta forma, ele esperava que os menino valorizassem o produto do próprio trabalho e assim conservassem os referidos móveis. Era um hábito dos meninos, caso precisassem de madeira e não a encontrasse disponível à sua volta, desmontarem suas próprias camas mesmo que a necessidade fosse a de queimar essa madeira em uma fogueira.

O Educador atribui isso ao fato de que na rua ele não tem posse de nada, nem de sua própria camiseta, que pode ser dele hoje e amanhã roubada ou perdida.

*"Hoje, tais situações ainda podem ocorrer porém em grau incomparavelmente menor. Pode acontecer por exemplo do menino pegar talheres para brincar e esquecer no mato, ganhar um brinquedo e jogá-lo no momento seguinte, mas há uma distância grande entre isso e as atitudes descritas".*

O Educador Anderson considera os meninos extremamente cooperativos entre si e salienta que partilhar é algo que acontece de maneira natural entre eles.

*"se faz pipoca, guarda para o outro que não está no momento, divide tudo com o grupo, se tem uma maçã divide com todos".*

Frank relembra as dificuldades de alguns meninos quando chegam à Chácara, em relação à partilha:

*"alguns talvez pela fome sofrida nas ruas, às vezes aparecem como egoístas, "esganiçados", comem tudo, não querem repartir, mas depois de algum tempo, quando eles se sentem mais seguros de que tem comida para todos isso se acalma e ele, a exemplo dos que estão aqui, divide o que é seu".*

A relação de proteção entre mais velhos e mais novos também é um fato comum entre os meninos. Segundo o Frank, é um sistema de rua que se repete na Chácara, porém os educadores orientam para que ocorra em outro nível. Para ele, é um desafio conseguir ajudar os meninos a substituir o relacionamento baseado na força física e na violência pela lei do diálogo, da compreensão. O Educador nos

explica que eles repetem o comportamento que aprenderam na rua, na família e nas instituições por onde passaram.

*"é muito bom a gente ver depois de um tempo os maiores pegam os pequenos para fazer trabalhos juntos, o grande animando, ensinando o pequeno a fazer as coisas, é bom também quando a gente vê os mais antigos ensinando as normas para os mais novos, eles sabem que aqui não precisa montar esquema de proteção porque estão entre amigos, entre iguais". (Depoimento/Frank)*

O Educador Anderson reafirma o que colocou anteriormente dizendo que, em relação às normas, os limites devem ser mostrados e colocados na vivência e no tempo de cada um. Sua opinião é a de que o seu papel deve ser o de "dar uma referência para os meninos sobre o que é ser uma pessoa, ser exemplo e para isso a gente mostra a responsabilidade e o respeito às normas na prática."

#### 2.2.2.2 A convivência com os vizinhos

Os vizinhos da Chácara são os moradores da Comunidade Rural de Quatro Pinheiros.

A relação da Chácara com a comunidade vizinha pode ser definida hoje como interativa e benéfica para ambas as partes, mas isso também faz parte de um processo que preconiza a superação de padrões de comportamento e atitudes considerados anti-sociais, adquiridos pelos meninos em experiências anteriores:

*"A comunidade, de típico comportamento interiorano, sentiu-se agredida com o comportamento dos meninos naquela época. Eles falavam palavrões, não se comunicavam com as pessoas da comunidade, não davam bom dia, nem boa tarde. Andavam em grupo, como na rua e de cabeça baixa. Esse comportamento dos meninos foi discutido com a direção da Chácara, onde se chegou à conclusão de que a comunidade deveria acolher os meninos em seu seio. A partir disso a comunidade começou a frequentar a Chácara e convidou os meninos para participar das novenas, terços, cultos, festas etc. assim, a comunidade começou a ajudar na formação dos meninos, ouvindo mais da vida dos meninos, assim os meninos passaram a conhecer melhor a comunidade, sentir comunidade, e após isso não paravam de dizer bom dia, boa tarde e boa noite aos que encontravam nas ruas de Quatro Pinheiros". (Relatório 1997, p.5)*

As dificuldades com a vizinhança puderam ser trabalhadas principalmente pela colaboração da ABAI – Associação Brasileira de Amparo à Infância, do grupo de Escoteiros de Curitiba e das Igrejas Católicas e Evangélicas de Quatro Pinheiros. Mediante contatos individuais e/ou conjuntos com a comunidade vizinha

intermediaram e auxiliaram na abertura de oportunidades para que a Fundação esclarecesse sobre o projeto, convidasse a comunidade a participar, conhecer de perto e apoiar.

Fernando relata que, em 1993, os meninos entravam em todas as igrejas da vizinhança, faziam algazarras e isso ofendia as pessoas, *"eles queriam conhecer e às vezes eles achavam tudo engraçado, diferente dos seus hábitos das suas experiências. Muitos meninos nem sabiam o que era uma igreja, um culto religioso..."*

Em 1994, o comportamento já era diferente. Eles circulavam pela comunidade buscando madrinhas, queriam ser batizados, visitados e presenteados.

Em contato com os vizinhos, durante nossa pesquisa, pudemos perceber que, quando estes se referem à Chácara e aos meninos, o fazem com respeito e admiração. As situações descritas acima, por exemplo, são lembradas pelos vizinhos com bom humor.

Gradativamente, a Chácara vem conquistando a simpatia e o envolvimento da comunidade circunvizinha. Além da abertura para aceitar o convívio próximo com os meninos, fato que de início foi rejeitado, a comunidade de Quatro Pinheiros visita os meninos, compra produtos gerados nas suas plantações e participa de serviços voltados à melhoria das condições da estrutura da Chácara. Um exemplo típico desse envolvimento é a participação desses vizinhos na construção do consultório dentário instalado em abril de 1998 na Chácara. Desse auxílio originou-se o estabelecimento de uma relação de troca entre vizinhos. Por apenas R\$ 2,00 (dois reais) mensais os moradores da comunidade dispõem dos serviços médicos e odontológicos implantados na Chácara. Para aqueles que não participaram da construção dos consultórios foi designado o pagamento da mesma mensalidade, porém acrescido de uma espécie de inscrição ao projeto no valor de R\$ 10,00 (dez reais). Para os meninos, o consultório trouxe benefícios diretos (pelos serviços que presta) e indiretos (pela oportunidade de integração com a vizinhança).

O Jornal *Os Meninos de Quatro Pinheiros* n.º 09, de julho/98 traz depoimentos que comprovam tal afirmação:



*"O consultório é muito importante para mim porque vou cuidar dos meus dentes e vai servir também para o pessoal da comunidade. Tem outra coisa: as pessoas da comunidade que ajudaram a fazer o consultório, poderão tratar dos dentes sem pagar nada; quem não ajudou, tem que pagar um pouco, mas não é muito".*

*"Fiquei muito feliz quando o consultório foi inaugurado porque é um favor para a comunidade inteira. Com a ajuda do grupo de apoio e da comunidade todos poderão cuidar dos dentes".*

Afirmção semelhante pode ser identificada no depoimento dos moradores daquela localidade. No mesmo número desse jornal há uma coluna em que se encontra parte de entrevistas que foram realizadas pelo próprios meninos junto aos seus vizinhos; estes responderam às perguntas dos meninos, declarando:

*"Quando vocês chegaram havia uma expectativa da comunidade em receber crianças de fora, que eram tidas como desajustadas e problemáticas, etc. E hoje vocês estão aqui sendo instrumento de benefícios para a comunidade. Por causa de vocês a atenção de muitas pessoas se voltou para cá, e por causa de vocês essa comunidade vem recebendo atenção e benefícios. Acho que foi muito feliz a vinda de vocês para cá, para a comunidade e para vocês".*

*"em princípio eu queria falar sobre a importância dos meninos terem vindo para esta comunidade. A vinda de vocês, significou um acordar da comunidade sobre a questão da solidariedade. Uma nova prova de que para a comunidade foi um benefício vocês estarem aqui foi este consultório, esta clínica médico – odontológica, pois se vocês não estivessem aqui ela também não estava. Então, tanto vocês têm que estar integrados à comunidade como a comunidade tem de estar integrada ao trabalho de vocês".*

### 2.2.2.3 A convivência com as famílias de origem

Embora na Chácara os Meninos de Quatro Pinheiros estejam em companhia de pessoas que se responsabilizam por eles, que ocupam o lugar de pais, tutores ou guardiões, o Projeto não tem como objetivo substituir a unidade familiar dos meninos ou figuras que as compõem.

A orientação é restabelecer os vínculos afetivos o convívio social entre os moradores da Chácara com seus familiares mesmo porque esse fato se expressa como uma necessidade na vida psíquica e afetiva dos meninos, conforme se verifica em seus próprios depoimentos.

Nem todos os meninos da Chácara têm famílias, mas para os que a possuem, intenso esforço por parte dos educadores e, em especial, da Assistente Social da

Chácara é feito para localizá-las. Neste caso, entende-se por família qualquer membro ligado ao grupo familiar, independente do grau de parentesco ou consangüinidade com os meninos. O importante para a Chácara é que eles tenham uma referência, alguém que dê atenção, que se importe com eles, que se solidarize com eles e que, de certa maneira, esse vínculo minimize ou solucione seqüelas decorrentes da sensação de abandono, tão comum e tão prejudicial na vida dos meninos de rua.

Além disso, o fato de terem rompido com suas famílias, de terem abandonado seus lares e, em alguns casos, terem sido expulsos destes, não impede que nos discursos, nas ações, nos sonhos, nas expectativas dos meninos, a família se revele como um dos temas mais relevantes e mais presente na vida cotidiana deles.

Fernando é enfático ao dizer que, para a direção e equipe técnica da Chácara, é uma questão de respeito aos meninos e também de fidelidade para com o real tratar este assunto dentro da Chácara a partir de perspectivas e enfoques que corresponde àquilo que de fato acontece com a vida dessas famílias.

Conforme já exposto anteriormente, a maioria das famílias dos meninos expressa a realidade das famílias pobres brasileiras. Suas moradias são precárias e o dia-a-dia é caracterizado pelo enfrentamento de inúmeras situações de absoluta carência e dificuldade para sobreviver.

O discurso dos meninos pode parecer ambíguo para quem desconhece seus conflitos pois, ao mesmo tempo em que apresenta histórias e queixas de maus tratos sofridos juntos aos familiares, chegando a ponto de responsabilizá-los pela sua vida nas ruas, eles supervalorizam as figuras representativas desse grupo, em especial, a mãe.

A intenção da Chácara neste particular não se constitui em identificar "bandidos e mocinhos" desta história, pois na percepção da direção e da equipe técnica ambas as partes são vítimas das graves injustiças e desigualdades sociais existentes em nosso meio.

Deste modo, o discurso e a prática da Chácara, neste assunto, voltam-se para o desenvolvimento de atividades que, via de regra, possibilitem a ambas as partes

meninos e família, a reflexão, a reelaboração de mensagens, a reinterpretação de suas histórias e a (re)criação de seus vínculos em uma perspectiva libertadora.

Nessa atividade não estão inclusos o julgamento, a atribuição de responsabilidades e a análise isolada dos problemas que envolvem as famílias dos meninos.

As intervenções individuais ou grupais são feitas a partir de práticas reflexivas e educativas, que permitam aos meninos compreender toda a problemática que os envolve como fatos integrantes da sociedade em que vivem e resultantes do lugar que ocupam neste contexto.

As intervenções são realizadas individualmente ou em grupo, e são feitas a partir desse entendimento, ou seja, a problemática das famílias dos meninos não se constitui em fatos isolados mas está dentro de um contexto sociocultural e econômico.

Os educadores procuram, por meio de visitas domiciliares e da promoção de encontros e reuniões, reaproximar, reconstruir esse vínculo entre familiares e meninos. Entendem que, por mais que se esforce, uma instituição assistencial não conseguirá substituir a família de origem no que se refere às necessidades emocionais, afetivas e sociais que a criança tem dessas figuras em seu imaginário. Enfatizam que, apesar de todas as dificuldades vivenciadas, os meninos demonstram necessidades e atribuem muita importância a essa relação.

Além de promover a reaproximação com as famílias, os educadores trabalham no sentido de favorecer a reconstituição das histórias dos meninos com o grupo familiar. Com isso, esclarecem e refletem sobre as reais condições de vida das suas famílias e, o que seria necessário, por exemplo, em termos de moradia, alimento, educação, saúde, lazer, trabalho, segurança, para que seus pais tivessem condições de cuidá-los, de sustentá-los, de responsabilizar-se por eles, ouvi-los amá-los, para socializá-los e manterem-se unidas.

Com esse entendimento, a atitude da Chácara não é a de exercer pressões para reinserir os meninos em suas famílias, pois estão cientes quanto à impossibilidade de algumas e as dificuldades de outras para receber de maneira definitiva seus filhos nos ambientes e nas condições em que vivem.

As famílias, quando são localizadas, são convidadas e estimuladas a participar da vida de seus filhos na Chácara. Além dos contatos individuais, a Chácara promoveu até meados deste ano reuniões mensais com pequenos grupos de familiares para debater problemas comuns e/ou relativos ao convívio com os seus filhos. Este trabalho foi suspenso devido às dificuldades das famílias para comparecer. Os pais têm livre acesso à Chácara, podem visitar ou telefonar aos seus filhos sempre que quiserem. Os meninos são orientados e estimulados a visitar seus familiares e abrir-se para a reconstrução e o fortalecimento dessa relação.

Anualmente, desde 1995, a direção e a equipe de educadores promovem um encontro com todas as famílias dos meninos. Esses eventos, geralmente programados no mês de novembro, é uma oportunidade para trocas de experiências, reencontros, reaproximações, reflexões e estabelecimento de novos objetivos. Para aqueles que têm a oportunidade de reencontrar seus familiares, é sempre motivo de alegria e de esperança de melhores dias.

"Só faltou uma família no primeiro encontro com os jovens assistidos, neste final de semana. Depois de passeios pelas dependências cultivadas, os pais responderam perguntas elaboradas por internos. Foi um evento "construtivo", que fez colocações, por exemplo, como resolver os problemas da casa sem violência, o enfrentamento do alcoolismo e como todos devem estar preparados para receber os filhos de volta ao lar". (Gazeta do Povo – 12/97)

No *Jornal dos Meninos de Quatro Pinheiros* n.º 06 de abril/97, as declarações de alguns meninos também confirmam a exposição acima:

*"O ano de 1996 foi muito bom para mim. Passei para a 5ª série e encontrei meu pai biológico após 06 (seis) anos sem vê-lo. [...] tivemos várias visitas e o que mais me marcou foi o encontro dos pais no dia 24 de novembro. Nós, meninos da Chácara agradecemos a todos que vieram nos visitar" (Depoimento/P.A)*

*"O encontro dos pais foi muito legal com muitas famílias. Foi muito legal porque os meninos andaram a cavalo, os pais se divertiram muito com os filhos e ainda levaram alguns prêmios para a casa deles. Teve uma brincadeira bem legal que meu pai ganhou uma camiseta e as outras famílias também levaram prêmios. Eu espero que no outro seja mais legal, os meninos com os pais. No decorrer do dia os meninos jogaram bola, foi legal. E também muito gostosa a comida e o frango assado. Obrigado pais, por mais um encontro". (Depoimento/M.)*

Porém, nem sempre estes encontros trazem felicidade para todos. Algumas famílias ou membros significativos para os meninos não comparecem e, de qualquer maneira, a ausência dessas figuras causam frustrações e desapontamento aos meninos:

*"eu gostei muito de todos porque participaram da brincadeira, gostei de jogar bola. Só não gostei de uma coisa, que a minha família não veio.... Pode ser que da próxima vez eles venham. Agradeço o Fernando por arrumar e organizar todas as coisas.... Achei um domingo muito legal, todos juntos com seus filhos. Pode ser que no próximo todos os pais venham... agradeço aos organizadores: Fernando, Evanir, Hilda, Valmir, Ivete, Heider, Hauke, Iens, Grasiela, Sopher. O que foi importante para mim em 1996: o galinheiro, o campo, a casa dos pássaros, o passeio à praia, a vinda das famílias, Natal, Ano Novo, felicidade, amor, carinho, paz, alegria e amizade. (Jornal n.º 06/abril/97).*

O 5.º Encontro das Famílias, será realizado em 28 de novembro do corrente ano. Para esta data já se encontra em planejamento e discussão junto aos meninos quanto:

- a) Temas para o Encontro;
- b) Frases sobre a família;
- c) Perguntas que gostariam de fazer às famílias;
- d) Desejos para o ano 2000.

Um outro trabalho, realizado com o propósito de reaproximar meninos e familiares, é a experiência denominada "Férias com a Família", que se realiza desde 1995. Um dos meninos com quem falamos sobre esse assunto tem 16 anos e mora na Chácara há cinco anos. Viveu nas ruas dos 09 aos 11 anos e conta ter saído da casa dos pais porque "esqueceu da família".

Quanto às "Férias com a Família", ele declara:

*"Na minha casa foi muito bom, consegui fazer amizade com muitas pessoas. A convivência com a minha família está mais ou menos, porque meu pai não me deixavam conversar com meus amigos. Mas também tinha coisa boa entre nós, meu pai me deu muitos presentes e eu também dei algumas coisas para ele".*

Com o nosso segundo entrevistado, a experiência foi menos promissora na casa da avó e mais gratificante na casa da Madrinha:

*"Na casa da minha madrinha eu passei muito bem. Fui para a praia e brinquei até dizer chega. Levantava de manhã e ia direto brincar. Foi o melhor natal de toda a minha vida.... Na casa da minha avó eu passei mal porque tudo o que acontecia era culpa minha e do meu irmão: sumiu fita do rádio, era eu e ele. Minha irmã mandava eu emprestar as roupas*

*para meu irmão W., se eu não emprestasse me batia. Na festa de ano novo comi muito mamão, estraguei a bicicleta dela e ela brigou". (Jornal n.º 08)*

A Educadora Sabine comenta que é comum ouvir dos meninos que família é uma só:

*"Eles têm um vínculo, um carinho forte pela família, mesmo tendo sido maltratados. Eles falam muito na família mesmo que ela não possa dar o que eles querem, carinho, amor, cuidado. É uma coisa importante para eles". (Depoimento/Sabine)*

Frank comenta que tanto na rua como na Chácara, os meninos (re) criam a estrutura familiar, e isso se dá por necessidade deles:

*"Eles têm mãe de rua, irmão de rua, criam família alternativa, e aqui também, às vezes eles chamam os Educadores por Pai e os meninos são irmãos, tudo isso porque sentem falta da estrutura". (Depoimento/Frank)*

Um dos meninos que mora na Chácara há três anos, juntamente com seu irmão biológico, diz que gostaria de ter sua casa e a sua família. Como isso não é possível, pois seu pai faleceu e sua mãe perdeu a guarda sobre ele, ele diz que sua família hoje se estrutura da seguinte maneira: o Fernando é o pai, os 23 meninos seus irmãos e as mulheres que auxiliam na Chácara são todas mães:

*"cada mulher que vem aqui é uma parte de uma mãe, vai chegar um dia que somando vai dar uma só".*

#### 2.2.2.4 A Convivência com demais instâncias da Sociedade

Este item refere-se à relação e convívio estabelecido entre os Meninos de Quatro Pinheiros e outras instâncias sociais, além das mencionadas.

O contato com distintos indivíduos, grupos e instituições sociais, ocorre de maneira espontânea e intensa, em função das atividades cotidianas dos meninos: estudos, trabalhos, cursos, divulgação de suas produções artísticas, passeios, entre outras.

Constantemente os meninos são convidados para palestras, cursos, exposição de trabalhos e passeios. Desta forma, o convívio com a sociedade em geral é imperativo. Hoje, após o trabalho da Chácara, voltado à ressocialização dos meninos,

esta convivência é igualmente pautada pelas mesmas diretrizes estabelecidas para reger a convivência e a conduta no interior da Chácara.

Além das casas e das normas, os meninos idealizavam também projetos de atividades cotidianas visando à ocupação do tempo e à auto-realização. Priorizando atividades que contribuíssem para o desenvolvimento de seus potenciais e os preparassem para uma vida futura, livre e participativa do ponto de vista social, propuseram-se a:

- a) trabalhar em atividades socialmente úteis cujo produto pudesse servir à sobrevivência ou como aprendizado, elegendo, para tal, trabalhar prioritariamente com a criação de animais e com a produção de alimentos de forma que pudessem garantir o auto-sustento diário e também propiciasse a comercialização do excedente para subsidiar outras despesas;
- b) estudar: (ensino formal e informal): além de ingresso ou retorno ao ensino formal programou-se a participação em cursos alternativos que lhes possibilitassem aprender ofícios, ampliar conhecimentos e estabelecer contatos com a comunidade;
- c) desenvolver e aprimorar habilidades artísticas: desenho, pintura, música, poesia considerando que grande parte dos meninos demonstrava interesses e dons.

### 2.3 AS ATIVIDADES DO COTIDIANO

A partir dessas proposições uma série de projetos, de situações, de oportunidades, de dificuldades, de sucessos e vitórias vêm colaborando para a construção de uma nova realidade para os meninos e educadores da Chácara nessa trajetória de seis anos.

### 2.3.1 O Trabalho

No campo das atividades laborativas, uma parceria com a Empresa INTERAGRO permitiu a instalação de uma granja que produz a cada 42 dias aproximadamente nove mil frangos. O aviário ocupa aproximadamente 1.000 m<sup>2</sup> de espaço da Chácara e tem como responsáveis uma equipe fixa composta por três meninos. A Empresa cede pintinhos, a ração e a assessoria técnica. O produto desse trabalho é comercializado pela Empresa e parte do lucro arrecadado é repassado para manutenção da Chácara. A esta cabe providenciar equipamentos, espaço físico e mão-de-obra.

O projeto idealizado pela própria comunidade rural de Quatro Pinheiros em 1997, é mais um indicativo da interação entre a Chácara e seus vizinhos. Além disso, ele foi facilitado pelo fato de Mandirituba ser um município onde se concentra grande número de produtores de frango e também devido ao grande interesse dos meninos em relação aos animais.

*"Nos primeiros levantamentos feitos pelos educadores com os meninos nas ruas eles falaram que queriam viver em uma chácara para criar animais (pato, galinha, vaca, porco, cavalo). Os meninos se identificam muito com os animais por isso a comunidade local com um grupo de escoteiros construíram no início do projeto dois pequenos galinheiros para a criação de frangos apenas para o consumo da Chácara." (Relatório da Chácara, 1997, p.08)*

Fernando considera todos os projetos de trabalho uma atividade pedagógica, tendo em vista que oportuniza desenvolver a responsabilidade, a constância para com os deveres, o zelo pelos pertences e o espírito de equipe.

*"Considero ainda, que esse trabalho é mais uma forma de comunhão com outras pessoas que trabalham com isso. No início não foi fácil realizar o trabalho porque os meninos não tinham experiência e eles aprenderam muito com as pessoas que já tinham alguma experiência". (Depoimento/Fernando)*

A primeira vez em que estive na Chácara não pude conhecer o aviário, pois chovia. Mas na segunda vez não escapei da visita, pois os meninos fazem questão de apresentá-lo. Acompanhada por dois meninos, tive a oportunidade de receber uma aula detalhada sobre o projeto: como recebem os pintinhos, como os tratam, o funcionamento dos bebedouros, o controle da produção, da mortalidade, a



proteção contra o frio, doenças, a iluminação entre outros. À medida que eu demonstrava interesse, crescia a empolgação dos meninos para falar sobre o trabalho que desenvolvem.

A Chácara possui também uma pequena quantidade de vacas leiteiras, cabritos, ovelhas, patos, gansos e galinhas caipiras, cuja criação está essencialmente ligada ao desejo dos meninos em conviver com os animais. Não constitui uma atividade econômica, mas serve de complemento alimentar para os moradores da Chácara. Com igual intenção uma panificadora montada em 98, produz pães, bolos, biscoitos para o consumo diário. Aqui também sob a orientação de um Educador, equipes de meninos se revezam semanalmente para aprender e realizar esse trabalho.

No contato com os meninos, é muito visível a dedicação e afetividade para com os animais. Eles sentem prazer em mostrar as espécies, falar sobre cada um dos animais, acomodá-los e se interessam particularmente pelos filhotes e pelas fêmeas prenhas.

Num outro espaço, em 1995, criou-se um pequeno apiário, cujo funcionamento e produção estão sob os cuidados de uma outra equipe de garotos que se revezam de acordo com a necessidade. É um trabalho que requer cuidados e habilidades especiais para executá-lo.

*"eles até gostam de botar o macacão e desafiar as abelhas, mas nem todos têm habilidades para a coisa". (Depoimento/Fernando)*

Propósitos semelhantes aos dos outros projetos motivaram a instalação de um tanque em 1998, destinado à criação de tilápias, bagres e carpas. Além de servir de alimento e incentivar ao trabalho, essa atividade possui o caráter de lazer e descontração, pois os meninos gostam de pescar.

No que se refere ao trabalho com a agricultura, é uma ocupação que, embora dificultada pela falta de experiência dos meninos e ausência de orientação técnica sistematizada, tem produzido o suficiente para o sustento do grupo e para a comercialização do excedente, o que contribui com outros gastos que a comunidade necessita para se manter. No ano de 1998, colheram 25 sacas de sessenta quilos de feijão, trinta sacas de milho, seiscentos quilos de batata-doce, trezentas abóboras, além de mandioca e hortaliças.

*"os frutos desses trabalhos são usados para o consumo da Chácara e quando possível são repartidos com a vizinhança ou vendidos para investir o dinheiro em outras necessidades da Chácara". (Relatório da Chácara, 1997)*

Em relação a este ano, o plantio foi dificultado por dois fatores. O primeiro, decorrente das chuvas no final do ano de 1998. O segundo, deve-se à construção da quarta casa que absorveu integralmente recursos existentes, tempo e pessoal.

Além disso, um novo projeto direcionado ao cultivo e comercialização de plantas medicinais e condimentares vem se estruturando. As perspectivas de produção e comercialização podem ser consideradas promissoras e satisfatórias por parte da Coordenação da Chácara.

Para atender a outros tipos de interesses dos meninos, em 1996 uma oficina de Serigrafia foi instalada no local, onde são confeccionadas e estampadas camisetas com motivos que lembram a causa da criança excluída socialmente. Esse produto é comercializado no local e quando expostas em Eventos em que os meninos da Chácara se fazem presentes.

Outra atividade de grande interesse dos meninos é a marcenaria construída ao lado da primeira casa. Ali, além de confeccionar as mobílias das casas, os meninos aproveitam os retalhos de madeiras para fazer brinquedos ou objetos artesanais que são vendidos aos visitantes.

Além do trabalho interno, alguns meninos trabalham também em Mandirituba e outros, em Curitiba. Tais oportunidades surgem geralmente de entendimentos entre a Coordenação da Chácara e a comunidade.

De acordo com avaliações verificadas no relatório da Chácara de 1998, considera-se que o trabalho é importante porque ajuda os meninos a buscar sua independência e maturidade, que é um dos aspectos básicos do Projeto.

*"Começam a participar do mundo do trabalho com uma nova consciência, pois eles sabem que não ficarão eternamente na Chácara e que devem construir sua independência para dar lugar para outros meninos. O trabalho fora mostra novos horizontes para os meninos, cria novas expectativas de vida, ajuda-os a conviver com novos grupos e aumenta a sua responsabilidade e círculo de relações. Os trabalhos desses meninos também é acompanhado pelos educadores". (Relatório da Chácara, 1998, p. 10)*



### 2.3.2 A Escola

No tocante ao aprendizado escolar, os meninos são estimulados a participar de atividades formais e informais. Frequentam a Escola Municipal de ensino regular em Mandirituba e Escola Rural de Quatro Pinheiros. Além disso, participam de palestras e cursos, tais como: inglês, mecânica, informática, panificação, serigrafia, artesanato e desenho, quer aconteçam no interior ou exterior da Chácara.

Os Educadores da Chácara preocupam-se em acompanhar os estudos dos meninos de forma que as dificuldades intrínsecas (assimilação dos conteúdos), bem como extrínsecas (com a sociedade e instituição escolar), possam ser minimizadas ou sanadas.

Os Educadores Sabine, Frank e Anderson comentam que os meninos de maneira geral têm dificuldades com os estudos e com o aprendizado formal porque a base escolar que tiveram não possibilita melhor performance. Há casos de meninos que jamais haviam ingressado em uma escola antes de residir na Chácara.

Sabine salienta que alguns professores compreendem as histórias e limitações dos alunos, outros não entendem que eles, por exemplo, não respeitam regras gramaticais e ortográficas formais porque *"sua língua é a língua da rua, é a língua do povo"*.

Além desses fatos, a educadora ainda salienta que a escola tem um ritmo, em muitas situações, desmotivante para esse menino, que é agitado e que não possui a quantidade de concentração exigida pela escola. Ela entende que permanecer sentado, parado, escutando, é algo distante do esquema mental desse menino; *"ele precisa de outro ritmo, de outra dinâmica, de outra proposta, mas como as coisas são assim, a gente procura ajudá-lo."*

Ele não gosta nem mesmo, segundo a Educadora, de realizar atividades que exijam o uso de uma só mão, como no caso a escrita. Ela considera os meninos com inteligência acima da média e reconhece que isso é decorrente das experiências que tiveram desde que nasceram. São obrigados a amadurecer e aprender a cuidar de si muito cedo, mas estão longe de comportar-se de maneira disciplinada e metódica, conforme as exigências da escola; *"eles são muito afetivos e lúdicos mas pensar sistematicamente é um sacrifício"*. (Sabine)



O Educador Anderson conta que os meninos de menor idade têm mais resistência em relação à escola e são mais declarados para expressar o desagrado: *"eles deixam claro que não gostam, às vezes vão para Escola e não entram. Falam que não gostam porque não vão aprender, outros acham chato e dizem que não conseguem aprender. Para a professora, o aluno é problema e não o método dela."* (Depoimento/Anderson)

Quanto ao modo de proceder, os Educadores fazem o possível para minimizar as dificuldades. Quando o menino não vai a escola ele fica na Biblioteca estudando.

Para os meninos de maior idade, a consciência das dificuldades que enfrentará pela falta de vínculos com a escola, permite que ele se esforce para ultrapassar aspectos dificultadores e perturbadores desse processo.

Um grande número deles frequenta hoje cursos supletivos como forma de compensar o tempo perdido.

Fernando considera satisfatório o progresso que os meninos têm apresentado no campo intelectual e na relação com a escola. Ele diz o seguinte:

*"qualquer dificuldade que surge é conversado com o menino, não vejo que eles sejam discriminados. Na escola a maior parte dos problemas que surgem nem são com os meninos da Chácara, se colocar na balança o saldo daqui é mais positivo. Eles são orientados para comportar legal, participar e enriquecer as escolas levando a sua cultura, mostrar o seu saber[...]"* (Depoimento/Fernando)

### 2.3.3 Lazer, Recreação e Cultura

O lazer e a recreação também são bastante estimulados e oportunizados na vida dos moradores da Chácara, pois são reconhecidos como atividades pedagógicas: ora dirigidas pelos educadores, ora propostas espontaneamente pelos meninos. No campo do lazer, eles gostam de ping-pong, futebol, vôlei, sinuca, música, televisão, pescaria e passeios.

*"A Fundação procura desenvolver com os meninos várias atividades que resgatem a cultura popular deles e de suas famílias, ou seja redescobrir as raízes culturais dos meninos, através do teatro, capoeira, passeios, acampamentos, gincanas e comemorações de aniversários."*

Conforme já descritos em outras fases do trabalho, os Meninos de Quatro Pinheiros são extremamente dispostos, alegres e lúdicos. Eles brincam o tempo todo e transformam qualquer atividade em descontração, entretenimento e integração.

Vê-se por parte dos educadores empenho em direcionar as atividades socioculturais com a proposta pedagógica da Chácara, porém respeitando a iniciativa, a criatividade e os valores manifestados pelos meninos.

O grupo de teatro que se apresentava à comunidade em geral, encenando suas trajetórias e experiências de rua, hoje já se preocupa com uma peça teatral que retrata sua realidade atual. O nome do grupo é "Na rua não é Vida".

De maneira informal e entre eles, os meninos encenam o cotidiano da Chácara, às vezes em forma de brincadeiras e às vezes propositadamente quando se planeja a dramatização como instrumento para reflexões em grupo.

Em uma das oportunidades em que estivemos na Chácara solicitamos a três grupos de meninos que de maneira espontânea e particular construíssem e encenassem uma situação da escolha de cada grupo, que representasse a vida deles na Chácara.

Em um dos grupos o tema escolhido foi a representação de uma situação que envolve dois meninos que vivem constantemente em conflito dentro da Chácara. A estes foi atribuído a inversão dos papéis. O mais velho deles com 15 (quinze) anos colocou-se no lugar do mais novo que tem 8 (oito) anos, e, podendo assim o maior perceber os efeitos provocados no menor quando o primeiro se prevalece da sua força física para dominar e intimidar o menino de 8 (oito) anos. Os outros três integrantes do grupo fizeram o papel do Coordenador e de Educadores da Chácara diante daquela situação. Com a recriação desse tema alguns aspectos se evidenciaram: a) as atitudes do menino mais velho em relação ao mais novo não são aprovadas pelo grupo; b) cada ator teve a oportunidade de refletir suas atitudes mediante a reação dos espectadores; c) coordenador e educadores puderam verificar de que maneira os meninos interpretam suas intervenções frente às brigas desses dois meninos.

Os outros dois grupos expuseram temas semelhantes do cotidiano da Chácara e as reflexões ocorreram da mesma forma.

A composição musical, os desenhos, as poesias, também são utilizados para incentivar os aspectos socioculturais dos meninos.

A exemplo disso, apresentamos a letra de uma das músicas compostas pelos meninos e educadores da Chácara Luiz Martins e Laerte.

"Menina vou lhe ser sincero,  
Prá rua não quero voltar  
Na rua só tem sofrimento  
Não tenho nem onde morar  
Na rua eu fui maltratado  
Não tinha o que rangar  
De tanta fome eu passava  
Eu tive até que roubar

Quero ter uma família  
Quero ter um lar  
Quero ter uma escola para estudar  
Quero ter muitos amigos para me ajudar  
Quero receber respeito  
Para respeitar

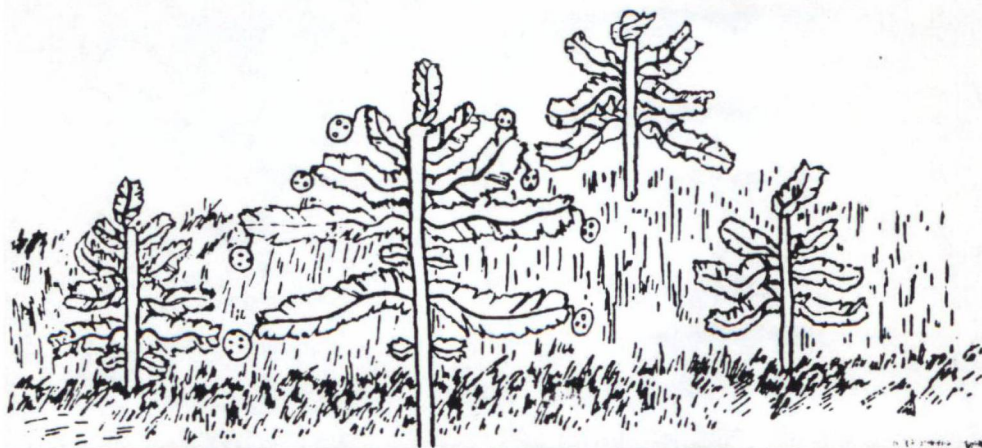
Agora estou feliz tenho casa e muito amor  
Estudo e trabalho  
Não quero mais ser sofredor  
Na vida tenho muita fé  
Sou pobre mas mereço ser feliz"

Um outro veículo de comunicação e expressão dos meninos é um boletim informativo que leva o nome de *O Jornal dos Meninos de Quatro Pinheiros*. Os assuntos e a montagem do mesmo são tarefas dos meninos, assessorados por um Educador. Trata-se de mais um canal de divulgação de suas histórias, seu cotidiano, suas reflexões.

Como pode ser visto a seguir, grande parte dos conteúdos dos exemplares traz as impressões dos meninos a respeito da sua vida na Chácara, seus contatos com vizinhos, seus encontros com a família seus sonhos e suas reflexões:

*"Gostei de ficar na Chácara porque aqui a gente aprende muitas coisas boas. Trabalhamos, brincamos, estudamos. Há várias pessoas nos ajudando, nos incentivando. Gosto de fazer aventuras e cuidar dos animais No futuro quero ser um jogador de basquete". J. G. S. (Jornal n.º 06 abril/97).*

*"Na Chácara somos em 20 ex-meninos de rua Trabalhamos, brincamos e estudamos e aqui é muito bom, foi o único projeto que fiquei tanto tempo, já passei por mais de quatro projetos no centro da cidade. Nesses projetos não era muito bom, os educadores não davam atenção para a gente. Aqui na chácara os educadores são legais: dão carinho que a gente não tinha... tenho muitos amigos no colégio e gosto de estudar quero agradecer a Deus e a todas as pessoas. Estou na Chácara há três anos e sou feliz". (A. P. S – Jornal n.º 06/abril/97)*



# Os Meninos de 4 Pinheiros

MANDIRITUBA / PR

MARÇO / ABRIL 97 - Nº 6

*Neste mês de abril de 1997, nosso jornal recomeça a circular. Nesse longo tempo em que permaneceu inativo, muita coisa aconteceu na chácara. Os meninos, cada qual a seu modo, fazem um balanço dos principais acontecimentos do ano passado e falam de suas esperanças e projetos para este ano.*



O Jornal dos Meninos de Quatro Pinheiros é o boletim informativo dos meninos que participam do projeto da chácara Padre Eduardo Michelis, na localidade de Quatro Pinheiros, em Mandirituba.

*"Quando eu morava na rua, eu sofria muito com os policiais e as pessoas que não gostavam de nós eu aprendi muita coisa ruim com estranhos, aprendi a cheirar cola, fumar maconha, cheirar branca, fumar craque e muitas coisas más na rua. Eu roubava para comer, era difícil alguém oferecer alguma coisa para comer. Sofria na hora que chegava a noite porque batia na fome, o frio, eu não tinha coberta e nem papelão para forrar o chão para eu dormir. Mas agora eu tenho um lugar muito bom. Muito obrigado, Senhor". (Jornal n.º 01/maio/94)*

*"quando eu saí de minha casa e fui para a rua comecei a cheirar cola, fumar maconha, e roubar. Fui conhecendo muitos meninos e um dia eu estava num fliperama no centro da cidade e chegou um amigo que me levou para a casa do Fernando. Fiquei muito alegre e comecei a conversar com ele, achei ele muito legal, dormi na casa dele e quando foi no outro dia eu fui para a Chácara. Lá conheci muitos amigos e ganhei muitas coisas." (Jornal n.º 1/maio/94)*

A imprensa formal também é um meio de que os meninos dispõem para veicular suas histórias, a exemplo das seguintes notas:

*"Para S. viver na Chácara significa ter um futuro melhor e longe das drogas. Ele disse que quer aproveitar essa oportunidade para estudar e ser policial, acha que tem muitos policiais corruptos por aí, que ameaçam de morte o meninos de rua se eles não derem dinheiro no final do dia, mas afirma quero ser um policial para ajudar. (Folha de Londrina". 02/08/98)*

*"... hoje, além das atividades da granja e agricultura, os meninos atuam em uma pequena oficina de serigrafia instalada no local, e um grupo de teatro próprio, o "Na rua não é Vida" que interpreta tema de caráter social como família, educação, moradia e drogas. As peças são exibidas em Curitiba e Região Metropolitana..." (O Estado do Paraná 20/09/98)*

*"Laerte Correa, 25 anos é um dos educadores que atuam na Chácara de segunda à sexta – feira ele diz ter deixado a família e profissão em Curitiba há 04 anos para trabalhar em favor dos Meninos de Quatro Pinheiros. "Tenho certeza de que eles vão sair daqui como cidadãos, afirma." (O Estado do Paraná 20/09/98)*

Com esta exposição consideramos concluída a reconstituição da experiência denominada Chácara Padre Eduardo Michelis.

O processo de investigação permitiu que entendêssemos este Projeto como uma proposta singular desde a sua origem, uma vez que não se trata de uma utopia que deu certo, mas de uma construção histórica que, com base nos erros e acertos, responde às necessidades e expectativas de seus moradores.

Ao final desta exposição, pode-se verificar que a Chácara se constitui em uma Organização Social, que oferece múltiplas possibilidades de estudo.

Em nossa pesquisa priorizamos nos orientar por duas das questões que formulamos ao conhecer a Chácara:

- a) Quais os fatores que estariam fazendo dessa experiência uma estratégia diferenciada de intervenção junto aos meninos de rua, uma vez que, conforme observado e exposto neste Capítulo, o Projeto ali desenvolvido conta na sua constituição e desenvolvimento com alto grau de aceitação e envolvimento de meninos que viviam nas ruas de Curitiba?
- b) Quais os instrumentos e procedimentos que poderíamos adotar na investigação da estrutura, dinâmica e funcionamento desta Organização de forma que pudéssemos detectar respostas à questão anterior?

Para responder à primeira questão nossa atenção voltou-se prioritariamente para uma particularidade que, a nosso ver, constitui o elemento de sustentação e viabilização do referido Projeto.

Trata-se da convivência estabelecida entre os habitantes da Chácara, especialmente a forma como esta relação se constrói, se manifesta e é vivenciada pelos Meninos de Quatro Pinheiros.

A exposição do Regimento Interno da Chácara, neste Capítulo, teve por finalidade demonstrar a origem das normas de convivência e de conduta que orientam o comportamento e o relacionamento dos meninos tanto no interior da Chácara quanto nas relações que estes estabelecem com o mundo externo.

Considerando que a nossa investigação reporta-se à organização e ao modo de viver dos meninos no interior da Chácara, as informações, as considerações, as suposições e análises aqui expostas referem-se especificamente a este âmbito.

Como pode ser verificado no presente estudo, a elaboração do Regimento Interno da Chácara tem por base os anseios, as intenções, os desejos, as necessidades e as sugestões dos Meninos de Quatro Pinheiros, no sentido de construir um lugar que, além de um espaço físico para abrigá-los, oportunizasse o exercício de direitos, deveres, solidariedade, partilha, liberdade, dignidade, cooperação, reciprocidade, respeito e convivência. Entendemos que com isso os meninos planejaram assegurar a realização de seu desenvolvimento, enquanto indivíduos e enquanto sujeitos sociais, até então dificultado ou mesmo impossibilitado pela ausência de experiências que lhes propiciassem tais realizações.

Por meio dos relatos e depoimentos dos meninos, concluímos que a trajetória percorrida por eles antes da experiência da Chácara é marcada pelo enfrentamento de situações caracterizadas por negligência, exploração, violência, crueldade, discriminação, opressão, punição, omissão e desamparo, cujo resultado foi, sem dúvida, o comprometimento do desenvolvimento físico, mental, moral e social desses meninos.

Opondo-se a este quadro verifica-se que na experiência da Chácara esses mesmos meninos se deparam com a possibilidade de superar as experiências adversas para as quais foram impelidos e ressurgirem como sujeitos criadores de discursos, de oportunidades e de ações capazes de redirecionar e redefinir sua relação consigo, com o outro e com o mundo que os cerca. Lembremos aqui o mito de Fênix.

Nossa proximidade com os meninos em distintas situações e ocasiões nos permitiu observar suas atitudes, seus gestos, suas atividades, seus rituais, suas brincadeiras, suas brigas, suas relações, suas organizações, suas dificuldades, seus relacionamentos. Da mesma maneira pudemos ouvi-los relatarem suas histórias, explicitarem seus desejos, suas preferências, suas rejeições, seus medos, suas crenças e aquilo que lhes propicia prazer. Além disso, essa proximidade oportunizou analisar seus depoimentos escritos em documentos e em material jornalístico, analisar seus entendimentos e valores contidos em suas produções artísticas (teatro, música, poesia, desenhos).

Neste estudo pudemos perceber que os ideais de relação e conduta que se constituíram no Regimento Interno da Chácara, encontram-se presentes e objetivados de forma significativa nos discursos e nos atos que pontuam o cotidiano dos moradores da Chácara.

Este processo de investigação resultou na afirmação de que a natureza dessa relação e principalmente a forma como ela se expressa entre os meninos, é o principal fator que faz do Projeto da Chácara uma proposta de intervenção distinta de outras que existem à disposição dos meninos de rua, sendo este ainda o fator que serve de guia para a decisão de permanecer e se envolver com a Chácara. É, portanto, o elemento fundamental para a concretização e manutenção desta proposta.



Entendemos que é nesse modo de se relacionar, ao qual definimos neste estudo por Alteridade, bem como no valor e no significado atribuídos pelos meninos a esta particularidade, que se encontram depositadas as esperanças, as expectativas e as possibilidades de se efetivar o desejo maior dos meninos. Conforme pode ser visto no Regimento, nos seus discursos e nas suas ações cotidianas, esse desejo é o da construção social do sujeito.

A Alteridade, entendida neste estudo refere-se ao conceito de ARENDT (1985), para definir uma das capacidades básicas da condição humana para que o homem encontre através da vivência com o outro, no discurso e na ação, a sua própria singularidade e o seu lugar comum. É uma capacidade que se manifesta não por condicionamentos, mas pelo estímulo da presença do outro com quem se deseja estar, com quem se pode partilhar e expressar aquilo que há de distinto e de comum com tudo que existe.

Quanto ao nosso entendimento de sujeito, respaldamo-nos novamente em Arendt, para defini-lo como aquele que se constrói ao longo da sua existência, à medida que se apropria das especificidades do mundo, encontradas no contexto sociocultural em que vive, e ao mesmo tempo participa da construção desse mundo mediante sua própria ação (ARENDT, 1985).

Ao estabelecermos uma associação entre a vivência da Alteridade na Chácara e a possibilidade da construção social de sujeito dos meninos, levamos em consideração nossas observações quanto ao comportamento dos meninos e os demais dados que coletamos junto a eles, em que a Alteridade aparece como condição, para que o sujeito se constitua.

Entendendo que o objeto definido para o nosso estudo se constitui de dimensões e elementos objetivos e subjetivos, as análises e as interpretações realizadas até o momento foram elaboradas a partir da correlação estabelecida entre o material empírico e o referencial teórico-metodológico sobre as representações sociais.

Seguindo particularmente as orientações de Serge Moscovici e de Denise Jodelet, nossa intenção foi a de verificar esta particularidade privilegiada pela pesquisa, em sua complexidade, plenitude e significação.

Portanto, além do entendimento e interpretações da pesquisadora sobre o aspecto delimitado neste estudo, consideramos imprescindível a utilização de um instrumento formal e particularmente dirigido a apreender a forma com que os Meninos de Quatro Pinheiros interpretam a experiência da Alteridade na Chácara. Isto é, que conhecimento eles constroem e partilham, que valor e sentido atribuem, quais processos participam da formação do saber dos meninos sobre a Alteridade na Chácara.

Além de conferir maior objetividade ao nosso estudo, pretendemos também confirmar ou não as nossas hipóteses.

Com tal intenção nos abrimos para o estudo da Alteridade nas representações sociais dos Meninos de Quatro Pinheiros, por meio de entrevistas especialmente voltadas a este fim.

### **3 A ALTERIDADE NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS MENINOS DE QUATRO PINHEIROS**

As afirmações e interpretações elaboradas na segunda parte deste capítulo têm como fundamento o conteúdo descrito e relatado até o momento, produzido a partir das nossas observações empíricas de fatos, de atitudes, de atividades, de organização, de rituais que constitui o cotidiano dos meninos; das conversas informais que tivemos com o coordenador, educadores, familiares e vizinhos da Chácara e contato com material jornalístico, documental e artístico que da mesma maneira revelam sobre essa experiência.

Nesse conteúdo, buscamos apreender saberes construídos e partilhados pelos meninos a partir de suas experiências de vida, porque acreditamos que nessa elaboração encontra-se a leitura que os meninos fazem sobre o mundo que os cerca e,

portanto, o saber que orienta as suas decisões e ações incluindo o seu apreço, credibilidade, permanência e envolvimento com a Chácara.

Para maior aprofundamento das nossas afirmações e objetividade nas nossas análises, decidimos buscar junto aos meninos informações essencialmente voltadas a esse aspecto que delimitamos em nossa pesquisa.

Desta maneira privilegiamos neste Capítulo um plano de trabalho para aprofundamento desta particularidade, no sentido de buscar a partir das experiências vivenciadas e partilhadas no cotidiano dos meninos, na dinâmica das suas ações e falas, dados que nos permitissem avaliar as seguintes questões:

- a) quais os motivos e/ou motivações que explicam o desejo de ingresso e permanência na Chácara e como estas motivações atuam no sentido do envolvimento dos meninos com a Chácara, não apenas enquanto lugar para viver, mas enquanto Projeto que se constrói coletivamente?
- b) como os meninos representam as relações vivenciadas na Chácara, marcadas, por um lado, por obrigações e normas, e, por outro, por liberdade e troca e, se podemos sustentar que tais relações caracterizam o que definimos por Alteridade?
- c) ao se aproximar o momento da saída da Chácara a condição de sujeito ali construída permite que os meninos se defrontem com o seu próprio projeto de autonomia?

Sendo assim buscamos apreender:

- a) elementos que pudessem representar o conhecimento construído e partilhado, assim como o significado e o valor atribuído à sua trajetória na Chácara enfatizando a Alteridade vivenciada entre eles enquanto condição para a construção social do sujeito;
- b) processos que contribuíram para a construção desse conhecimento;
- c) sinais de que essa elaboração orienta e interfere de maneira significativa em sua conduta social de decidir a permanecer e a se envolver com a Chácara.

Para obter essas informações selecionamos os temas: o INGRESSO, a PERMANÊNCIA, a CHÁCARA, as NORMAS e a SAÍDA, por considerarmos que estes representam a experiência dessa trajetória, a qual entendemos ser o processo de constituição social do sujeito.

Associado às questões orientadoras deste Capítulo, o objetivo geral consistiu em verificar a(s) vinculação(ões) entre a natureza da relação social que os meninos estabelecem na Chácara, e as motivações que os meninos encontram para permanecer e se envolver com o Projeto denominado Chácara Padre Eduardo Michelis.

Nessa perspectiva, formulamos questões específicas e/ou complementares com o propósito de subsidiar o levantamento de informações nas quais pudéssemos encontrar respostas ao problema aqui exposto.

Assim, o plano de coleta de dados para responder a essa questão foi orientado dentro das experiências cotidianas partilhadas pelos meninos, na dinâmica das suas ações, nas suas falas:

- a) os motivos e/ou motivações para o ingresso e permanência deles na Chácara;
- b) avaliar as impressões que eles produzem a respeito das regras e das normas que são instituídas e vivenciadas para organizar o cotidiano na Chácara;
- c) analisar o valor que atribuem ao relacionamento entre eles enfocando especialmente aqueles elementos que definimos por Alteridade;
- d) averiguar as crenças, os ideais que constroem em torno das suas expectativas quanto ao momento de saída da Chácara;
- e) averiguar as condições em que esse conhecimento se produz, circula entre eles, se expressa entre eles e interfere em suas decisões, especialmente a de permanecer e se envolver com a proposta da Chácara.

O espaço para a realização das entrevistas também foi a própria Chácara.

A coleta de dados sob a forma de entrevistas semi-estruturadas combinadas com a técnica de história oral temática; foram realizadas junto a 12 (doze) meninos,

selecionados, considerando a faixa etária de 11 a 17 anos, a capacidade de expressão e a disposição para participar da entrevista. Solicitamos a esses meninos que se expressassem livremente sobre o entendimento deles, as razões deles e as definições deles quanto ao processo que envolve o INGRESSO, a PERMANÊNCIA a CHÁCARA, as NORMAS e a SAÍDA. Esses temas serviram de referência para reconstruirmos e identificarmos a trajetória do sujeito no espaço da Chácara, afirmando que a Alteridade tem um papel fundamental na sustentação e viabilização do Projeto da Chácara.

Os cinco temas acima citados foram abordados em forma de questões que permitiram aos meninos se expressarem livremente sobre cada um deles. Apenas nos preocupamos em manter a objetividade do diálogo, de forma que pudéssemos explorar com maior profundidade as informações que se apresentavam com maior relevância.

Além disso, preocupamo-nos em orientar os entrevistados para que falassem dos temas com base com suas opiniões, interpretações e avaliações individuais. No decorrer das entrevistas tal orientação foi reforçada diante de cada questão. Com esse procedimento pretendeu-se assegurar que os discursos individuais trouxessem mensagens daquilo que se expressa enquanto coletividade naquele grupo.

Desta forma, passamos à descrição do conteúdo expresso pelos meninos, mantendo na íntegra as falas (as palavras, expressões, pontuações) que serão utilizadas para ilustrar cada tema.

### 3.1 O INGRESSO

Ao solicitarmos para que os meninos falassem sobre as motivações que encontraram para o Ingresso na Chácara, identificamos nas 12 (doze) entrevistas quatro argumentos semelhantes, sem que nenhum deles se apresentasse com destacada relevância ou contradição em relação aos outros. Em todas as falas "a liberdade de escolher" aparece expressivamente como elemento motivador para o ingresso.

O primeiro argumento utilizado por cinco dos entrevistados, foi expresso pela palavra convite feito pelos Educadores nas Abordagens de Rua, sendo que destes, três enfatizaram ainda o fato de terem tido a liberdade de escolher:

*"[...] conheci a Educadora L. e ela me trouxe para conhecer a Chácara. Eu gostei e fiquei e passou um tempo e eu fugi por causa da droga e voltei porque os educadores, a tia L. foi buscar." (Depoimento/T. 8:1, julho/99)*

*"eu estava na rua e conheci o F. vim conhecer a Chácara mas a casa não estava pronta eu voltei para a rua e quando a casa ficou pronta eu vim[...]" (Depoimento/A., 12:1)*

*"ter podido escolher, ter liberdade prá sair, em outros lugares eu me sentia preso, aqui a gente conversa com o F. e a gente sai." (Depoimento/A., 7.1)*

**Outros 04 (quatro) meninos referem-se ao convite e/ou informações vindos de outros meninos de rua, incluindo irmãos biológicos, que se encontravam residindo na Chácara:**

*"... eu estava na rua e um dia eu encontrei o meu irmão que estava vivendo aqui e vim com ele, eu liguei para o F. e vim pela minha vontade, nunca fugi e vou ficar até 18 anos..." (Depoimento/M., 3:1)*

*"eu estava na rua e foi no Projeto Piá<sup>16</sup> que eu conheci os meninos e eles me trouxeram, no começo eu não quis, voltei para rua e continuava aprontando, mas passado um tempo eu voltei para a Chácara e fiquei". (Depoimento/G., 11:1, julho/99)*

*"soube da Chácara pelo T. no Projeto Piá, ele estava vindo para cá e eu pedi para o F. tive que esperar duas semanas, cheguei aqui em 07/01/95". (Depoimento/P., 9:1, julho/99)*

Nas expressões desses dois grupos entendemos que a Chácara é representada como um lugar que motiva o ingresso essencialmente por respeitar a liberdade do menino em escolher, e de decidir sobre seu ingresso, fugas e retornos. Fica claro aqui ainda a vontade de ingressar na Chácara, vontade esta que é expressão de um desejo despertado pelo trabalho dos educadores.

O terceiro grupo é composto por 3 (três) meninos que ingressaram por encaminhamento do Juizado de Menores. Esses meninos destacaram o fato de que chegaram na Chácara sem saber o que encontrariam, sendo que 2 (dois) deles ainda acrescentaram que ingressaram com planos de fugir, assim como havia ocorrido em outras instituições, mas atribuíram também importância ao fato de que na Chácara não se sentem presos:

*"eu morava em orfanatos, já tinha passado por tudo, mas eu não vim da rua e também não escolhi a Chácara, eu nem sabia o que era Chácara eu fui ficando e gostando principalmente porque não é presidio". (Depoimento/J., 4:1, julho/99)*

---

<sup>16</sup>Projeto Piá: refere-se a um dos programas sociais desenvolvidos pela Prefeitura Municipal de Curitiba com a finalidade de propiciar assistência e integração à infância e adolescência.

*"o Juiz trouxe porque eu só aprontava, ficava zuando e a polícia me pegava, me prendia, me levava pra casa... eu fugi três vezes e o F. foi me buscar". (Depoimento/J., 6:1, julho/99)*

Esses depoimentos mostram a importância que os meninos atribuem ao fato de ter alguém que os convide a ingressar ou a voltar para um lugar onde a presença dele é fundamental. Desta forma, a Chácara representa para esse menino um espaço onde ele atua como alguém que pode participar da construção da Chácara e se construir socialmente.

Na fala dos 12 (doze) meninos entrevistados pudemos identificar que quaisquer que sejam os argumentos utilizados para expressar o motivo para o ingresso à Chácara, eles trazem fundamentalmente a expressão da Alteridade através do respeito à decisão de ingressar ou retornar, o qual ele nomeia de liberdade; e ainda se expressa na comparação entre aquilo que experencia hoje na Chácara e com situações vividas anteriormente na família, na rua e nas demais instituições pelas quais passou. Assim, a Chácara é significada como o lugar em que podem ficar e ao mesmo tempo o lugar onde podem ser e expressar sua singularidade, por um lado, e também reconhecer a presença singular do outro, ou seja, um lugar onde se exercita a Alteridade.

### 3.2 A PERMANÊNCIA

Para a exposição dos motivos alegados para a **Permanência** na Chácara, foi necessário que em algumas entrevistas a questão fosse reformulada e/ou refeita em função da dificuldade de entendimento por parte dos meninos sobre o que estávamos perguntando. Por isso foi perguntado sob distintas maneiras os motivos que colaboram para a sua decisão de permanecer, fazer parte e se envolver com o Projeto da Chácara, por exemplo:

O que faz com que você fique? O que fez com que você voltasse? Por que aqui há tanto tempo? O que tem aqui que faz você ficar? Se já pensou em sair, por que não saiu? Quando foge para rua sente falta/saudade da Chácara? Por quê?

A escolha do tema Permanência está na importância que damos a esse aspecto, para detectar o valor e o significado atribuído pelos meninos à experiência da Alteridade

no cotidiano da Chácara. Desse modo, não nos referimos a um permanecer pura e simplesmente, mas a um permanecer em situação de escolha, de pertencimento e de interação, que supre a necessidade humana de construir sua identidade social de sujeito.

Nesse levantamento foram encontrados basicamente 2 (dois) tipos de respostas em relação à Permanência. O primeiro relaciona-se diretamente com a Chácara e o segundo tipo revelou fatores indiretos.

Consideramos respostas diretamente ligadas à Chácara aquelas que apontaram a convivência, a amizade, o relacionamento, o aprendizado e o vínculo que constroem no cotidiano, como justificativa para permanecer e/ou retornar a Chácara nos casos em que houve fuga:

*"na Chácara aprendi muitas coisas com os meninos, gosto de estudar e de conviver com os meninos, os meninos são meus amigos [...] o que mais gosto é o Fernando e os piá, e os piá também gosta de mim." (Depoimento/2:1, julho/99.)*

*"aqui tenho meus amigos, os meninos que moram aqui, os que ajudam [...] ajuda mútua entende? É quando todos colaboram nos trabalhos, nos problemas, se sente amado e amando, entende?" (Depoimento/4:1, julho/99).*

*"os meus amigos, aqueles que ajudam, que brinca, e não briga [...] é outro prá conversar [...] o cara tá precisando, tem algo prá conversar e o amigo é o que conversa"(Depoimento/7:1, julho/99).*

*"não tem como explicar isso, é tudo [...] é o P. que é muito amigo nas horas boas e que não é amigo só prá coisas, prá ganhar coisa, tem amigo que é ruim, que só pensa ser amigo nas horas boas, aqui a maioria é amigo mas tem horas que não se comporta como amigo". (Depoimento/6:1, julho/99)*

Embora 4 (quatro) dos entrevistados tenham expressado, em primeiro plano, que permanecem na Chácara devido: o estudo (1) "esquema de vida"(1), e distância das drogas (2), não deixaram de enfatizar a relação que existe entre os meninos, como elemento que participa na decisão de permanecer e se envolver com o Projeto:

*"o que mais gosto, o que fez eu voltar é que na Chácara tem um esquema de vida, é muito legal morar com o Fernando e os educadores é bom pra nós..."(Depoimentos/11:1 julho/99)*

O tema Amigo não havia sido incluído no conjunto das categorias relacionadas para serem exploradas com objetivo de identificarmos as representações dos meninos. No entanto, devido à recorrência da expressão amigo, pedimos aos 08

(oito) entrevistados que se utilizaram do termo para expor o significado dessa palavra, ou então indicar situações em que eles identificam esse tema nas suas práticas cotidianas. No discursos dos entrevistados encontramos interpretações tais como:

*"amigo é mais que outras coisas, você não viu a gente nos trabalhos e lá no futebol agora mesmo? O amigo eu vejo quando ajuda e ensina a gente o que o outro não sabe, aqui os meninos são irmãos, alguns pouco menos que irmãos porque não respeita." (Depoimento/3:1, julho/99).*

*"amigo é aquele que tenta ajudar, que conversa, que confia em mim, que não fica duvidando da gente... (Depoimento/2:1 julho/99)*

*"o Fernando que dá conselhos e os piá que são como irmão... o Fernando é nosso segundo pai... aqui nós somos família, nós somos amigos". (Depoimento/10:1 julho/99)*

Com essas respostas compreendemos que os Meninos de Quatro Pinheiros definem Amigo aquela pessoa com a qual eles podem contar para ajudá-los, ensiná-los e dar-lhes conselhos. O amigo é também aquele com quem se pode conversar, confiar e ser igualmente alguém de confiança. Parafraseando Hanna ARENDT, Amigo é aquele com quem se pode partilhar a própria imagem e seu eu latente, ou seja, a possibilidade de partilhar a si próprio.

Quanto às respostas que classificamos como indiretamente ligadas à Chácara, encontra-se: o desejo de libertar-se dos vícios e dos sofrimentos específicos da rua, em especial aqueles que estão ligados à droga. Ainda nesta classificação encontra-se a **comparação** que os meninos estabelecem entre a Chácara e outros Projetos de assistência a meninos de rua.

*"em outros projetos<sup>17</sup> não me dava com os piá assim como me dou com os piá daqui e em outros projetos eu vi que não era o que dizia... por exemplo não tinha educação boa, e não podia estudar, nada disso tinha[...]"(Depoimento/9:1 julho/99).*

*"na vila a gente não tem os piá pra conversar, e aqui não tem essa de cheirar e não tem droga, se a gente sai daqui é certo que tem droga". (Depoimento/5:2 julho/99).*

Olhando a Chácara como um espaço de interação construído e vivenciado de forma socialmente estruturada, entendemos que a amizade mencionada pelos meninos é um elemento que confere objetivamente o valor de pertencimento ao grupo, cujo

---

<sup>17</sup>Outros Projetos: neste contexto significa outras instituições e/ou programas de caráter permanente ou transitório com os quais os meninos estabeleceram algum tipo de relação antes de ingressar na Chácara

vínculo dá sentido à vida deles, mesmo na presença de conflitos. Mesmo porque o conflito é um dos elementos importantes no estabelecimento do vínculo social e no reconhecimento de que não se está só, porque existe o outro. Na Chácara o conflito é vivenciado pelos educadores como um momento importante na vida dos meninos, os conflitos são resolvidos a partir do envolvimento de todos os meninos. A resolução de impasse, a forma e intensidade de punição são atribuições dos próprios meninos sob a orientação e estímulo a reflexões propiciados pelos educadores. Agindo assim, acredita-se desenvolver responsabilidade, solidariedade, noção de direitos e deveres, de limites, de coerência, enfim, retoma-se aquilo que idealizaram quando estavam nas ruas. Da mesma maneira, remete à constante reflexão de que, embora a Chácara seja um lugar de livre acesso, ela possui conforme a vontade e as promessas dos próprios meninos, identidade e propósitos muito claros. Além disso, o momento do conflito também é utilizado para o reconhecimento da singularidade e do papel de cada um dentro daquele contexto, dentro daquele grupo

Entendemos que a importância atribuída pelos meninos à relação de amizade é a base para que esse menino satisfaça a sua necessidade de se inserir no mundo e assim tornar-se sujeito a partir da sua vivência na Chácara.

Considerando as respostas expressas nas entrevistas, a representação que eles detêm sobre a Amizade orienta fundamentalmente sua atitude de permanecer e de se envolver com o Projeto da Chácara.

### 3.3 A CHÁCARA

A terceira questão dirigida aos meninos foi: O que é a **Chácara** para você?

Com este tema pretendeu-se colocar de forma diferente o mesmo problema, ou seja, verificar o saber, o valor e o significado da Alteridade para os meninos e assim confirmar ou não os depoimentos expressos nas respostas às questões anteriores. Além disso, quisemos também apreender de que maneira a Chácara enquanto espaço socialmente estruturado poderia ser representada pelos meninos, e verificar se nos

elementos que estariam participando na composição dessa representação, haveria indícios de saberes, de significação e de valor (utilidade) que eles conferem à Chácara, que pudessem ser interpretados como expressão da Alteridade.

Embora a questão tivesse sido apresentada de maneira aberta permitindo aos entrevistados se expressarem livremente sobre esse tema, no decorrer da entrevista procuramos explorar as perspectivas dos meninos sobre os aspectos que apareceram com maior relevância e frequência no discurso deles.

No conjunto de elementos apresentados pelos meninos para definir a Chácara, não detectamos variações divergentes e/ou contraditórias daquelas que haviam sido manifestadas anteriormente.

Nos depoimentos dos meninos verifica-se que as imagens, as definições e as impressões sobre a Chácara têm como destaque o termo **lugar**. Este aparece como o ponto de referência para que todos os outros elementos se desenvolvam, inclusive as representações sobre esse objeto e sobre a Alteridade.

A maneira de responder às questões relativas à Chácara foram diferenciadas, porém não alterou o sentido das respostas anteriores.

Dos 12 (doze) entrevistados, 7 (sete) meninos responderam de maneira direta, isto é, não se utilizaram de outros recursos que não fossem suas opiniões, conceitos e seus sentimentos sobre a Chácara. Os outros 5 (cinco) estabeleceram comparações entre a Chácara e outras instituições.

*"é um lugar que oferece melhor vida, que ensina como sobreviver e ser alguém no futuro, como saber o significado das drogas, é um lugar de amigos, o Fernando é legal e tem vez que ele dá uns puxões de orelha". (Depoimento/12:1 julho/99).*

*"é onde eu posso estudar, faço curso de inglês e depois que estou aqui já viajei para o Rio de Janeiro e para São Paulo para participar do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua[...] aqui estou longe das drogas, aqui os piá estudam e trabalham, é pelo estudo que estamos aqui, é pra ser cidadão e não marginal". (Depoimento/9 1 julho/99).*

*"lugar de estudar, de amigos e de gente para conversar". (Depoimento/7:1, julho/99)*

Esses três depoimentos representam a Chácara como um **ponto de referência** para reconstrução de si enquanto indivíduo e enquanto sujeito. Um lugar onde é possível desenvolver-se, recuperar o perdido, incluir-se socialmente; um lugar

onde se aprende limites, onde se reconhece o outro; um lugar de esperança, de inserção, de troca e de afetividade. Além dessa conotação, o termo lugar também aparece como recurso para estabelecer comparação entre a Chácara e experiências vivenciadas em outras instituições, na rua e com outros meninos, ressaltando os aspectos diferenciais entre essas situações e o lugar onde se encontra hoje:

*"é o melhor lugar que eu encontrei para ficar, porque no Projeto Piá era perto da rua e do Capanema, lá os piá comprava droga e levava pra dentro do projeto, escondido[...]" (Depoimento/julho/99)*

*"aqui não tem violência da polícia e nem a droga... o Fernando é enérgico, às vezes bate mas não é violento ele conversa, ele confia e quer que eu seja um cara digno". (Depoimento/julho/99)*

*"minha casa, o melhor lugar que eu conheci... nos outros projetos os educadores são bravos, não sabem brincar, não sabem conversar, só batem na gente. Aqui tenho amigos que gostam de mim, nos outros projetos os meninos cheiram cola nos alojamentos e os grandes batem nos pequenos, não tem liberdade, a gente tem medo e vive fugindo, aqui somos livres para ir a qualquer lugar até embora. Aqui na Chácara é minha casa, aqui ninguém é explorado, é uma família a gente briga diz palavrão mas nós resolve, nós colaboramos, o que é mais importante de tudo é os Piá e o Fernando [...]" (Depoimento/2:3,4)*

*"é uma casa para todos os piá, aqui não é uma cadeia e nem um projeto que as pessoas ficam de hotel que vem dormir que você nem pode pegar em pedaço de pão quando está com fome, é um lugar onde os piá são felizes, o que você acha?" (Depoimento/12:1, julho/99).*

Analisando as duas maneiras de responder, verificamos a ausência de alteração de conteúdo e de significado. Em ambos os casos a Chácara aparece como um lugar de aprendizagem, de relação, onde se criam vínculos e se estabelecem projetos de vida. Para os meninos, a Chácara se configura num lugar socialmente estruturado onde ele aprende e exercita a solidariedade, a partilha, a compreensão, não apenas no sentido de virtudes, mas como parte integrante e imprescindível no processo de construção do sujeito.

Trata-se de um lugar essencialmente diferenciado conforme depoimentos dos próprios meninos. A violência vivida na casa, na rua, nas instituições, hoje é substituída pela lei do desejo: de permanecer, de estudar, de ter amigos, de não ser violento na relação com o outro. É um lugar onde predominam o querer e a palavra,

onde o adulto representado pelos Educadores da Chácara, em especial o Fernando, aparece como Pai, como aquele que protege, aquele que se faz presente para colocar limites, para socializá-los e levá-los para frente – como o outro da Alteridade.

Confirma-se, portanto, que esse saber e o valor que atribuem à Alteridade na Chácara interfere significativamente na sua conduta de permanecer e de se envolver com a Chácara. Quanto aos processos que contribuíram para elaborar essa representação, pode se afirmar que os mesmos se constituem de todo o vivido antes do ingresso na Chácara e também daquilo que se vive hoje no interior desta Organização.

### 3.4 AS NORMAS

A definição deste tema para compor os assuntos escolhidos para as entrevistas levou em consideração: a) nos discursos dos meninos sobre as suas experiências em outras instituições assistenciais, o aspecto em pauta sempre aparece circundado de expressões de repúdio revolta, traumas, rebeldia; b) o Regimento Interno da Chácara explicita que sua origem está nos próprios anseios dos meninos e que o mesmo é (re)feito processualmente; c) o fato de que é por meio das normas, das regras sociais que os indivíduos se deparam com o limite estabelecido em relação a comportamento, interação social, estabelecendo direitos, deveres, enfim, com a presença do outro.

Servimo-nos deste tema para apreender as representações sociais que os meninos constroem e partilham a respeito das normas na Chácara e verificar se, nestas representações, poderíamos identificar elementos correspondentes e atribuídos à Alteridade.

Para isso, solicitamos aos meninos que falassem a respeito das normas de conduta e convívio na Chácara, incentivando os aspectos: como foram criadas, como são estabelecidas, como são cumpridas, o que pensam sobre elas e como agem diante delas.

Nas respostas dos meninos encontramos predominância da comparação entre as normas da Chácara e/ou a forma como elas são aplicadas, e as normas e a maneira de aplicá-las em outras instituições conhecidas por eles incluindo a familiar.

Os meninos explicitam isso quando afirmam:

*"aqui tem diálogo, confiança[...]o educador é enérgico mas não bate " (Depoimento/1:1 julho/99)*

*"em outros projetos deixam usar drogas," aqui desde que a gente entra já sabe, não tem droga"" (Depoimento/2:2, julho/99)*

*"quando eu morava com a minha família eu não estudava, eu trabalhava no centro, tinha que levar dinheiro para casa, apanhava muito por causa de dinheiro[...]fui para rua, lá eu viciiei na droga, no fliperama e no vídeo – game, aqui é difícil, encontrar droga...a gente trabalha, estuda, vai se acostumando e largando, lá na vila o movimento é alto" (Depoimento/8:3, julho/99).*

Além de comparar a vivência de regras na Chácara com outras situações, os meninos demonstram a aprovação, o reconhecimento e a importância das normas para que se constituam como sujeitos. Assim, eles contrariam os estereótipos que circulam, por exemplo, através da mídia sobre eles, de que os meninos de rua não suportam limites, não obedecem às leis, não se prestam a obedecer regras e que preferem a rua porque nela não é obrigado a se deparar com os seus deveres e com os direitos dos outros:

*"eu gosto de normas, sem normas nada existe, fica tudo embolado, tem que ter grupo para cada coisa" (Depoimento/2:5,julho/99).*

*"f Já gente briga mas resolve os problemas .. nós temos hora pra trabalhar, pra estudar e ainda muito tempo; a gente brinca e aprende coisas"(Depoimento/julho/99)*

*"A gente trabalha 4h, estuda 4h, e brinca... a gente tem liberdade, quer sair é só falar com o Fernando"(Depoimento/7:2, julho/99).*

*"eu aprendi muitas coisas de normas... no começo eu só queria dormir... um dia o Fernando comprou 200 pães e saiu, nós estava em dez meninos e comemos tudo, no dia seguinte não tinha pão... minha vida começou melhorar, peguei firme no trabalho, parei de fugir e com a droga"(Depoimento/julho/99).*

Outro aspecto enfatizado por cinco entrevistados diz respeito à maneira como as normas surgem e se instituem, demonstrando com isto preocupação e responsabilidade efetivas nesse exercício.

*"as normas são feitas por nós, o Fernando e os educadores"(Depoimento/7:2, julho/99)*

*"... todos participam, fazemos reuniões, nós damos idéias e alguns piá não falam, assim eu ajudo o Fernando, ele fala que os piá que não participam não ajudam a melhorar... aqui cada um dá opinião e a gente discute até o canal de TV que vai assistir, na Segunda vê a Globo, na Terça tem clipe, no Sábado e Domingo a TV é liberada, pode ver qualquer horário"(Depoimento/2:5, julho/99).*

Com essas falas, os meninos se reportam à Chácara como um lugar onde a vivência da Alteridade, representada pelo exercício da condição de democracia, de cidadania e de sujeito, se efetiva nas relações sociais que eles constroem e mantêm cotidianamente por meio das normas de conduta e de convivência que eles próprios estabelecem.

### 3.5 A SAÍDA

O tema SAÍDA foi explorado em função de ser este o momento de conclusão da trajetória dos meninos na Chácara.

Conforme exposto no art. 2 do Estatuto Social da Fundação, 18 (dezoito) anos é a idade limite para a permanência deles na organização.

Ao buscarmos apreender as Representações Sociais dos meninos em relação ao tema SAÍDA, para ver de que maneira a Alteridade estaria presente, preocupou-nos o fato de que as respostas dos doze entrevistados sugerem a necessidade de uma reflexão por parte da Direção e dos Educadores da Chácara, no sentido de verificar se as ações socioeducacionais visando a orientação e a preparação dos meninos para o momento da saída estão efetivamente contemplando as potencialidades de cada sujeito em formação.

Com base no depoimento dos 12 entrevistados, constatamos que a insegurança e a ausência de planos mais definidos e consistentes em relação ao momento do desligamento deles da Chácara, podem comprometer todo esforço que esse Projeto vem empreendendo no sentido de oferecer aos meninos a condição para a continuidade daquilo que denominamos sujeito social, para que inaugurem para si um lugar no mundo e uma situação de vida exterior à Chácara.

Tais observações e preocupação se justificam pelo fato de que entre os 12 entrevistados, 07 responderam em primeiro plano, **não sei**; 01 respondeu **não penso nisso**; 01 respondeu **não tenho bola de cristal** e 01 respondeu **não tenho nada programado**.

A idealização de **retornar à família** para ajudá-la (03), ou para ser ajudado por ela (04), aparece em segundo plano. Porém, retornar à família, pelo que se pode

perceber neste estudo, não é um caminho possível, pois a família foi e continua sendo, em muitos casos, o lugar de ausência

Permanecer na Chácara como Educador, foi a perspectiva apontada por 04 meninos, sendo que 02 destes acrescentam o termo talvez. Embora reconheçamos o valor do trabalho do educador na Chácara, não estamos cientes de que quando os meninos apontaram esta perspectiva eles tivessem indicando uma opção de vida, mas sim a falta dela.

Dos 12 entrevistados 04 vinculam objetivamente o momento da saída com o trabalho: 01 pretende ser caminhoneiro, 01 médico, 01 jogador de futebol e 01, embora não definido, demonstrou o firme propósito de trabalhar. Os 04 apontam em comum a intenção de trabalhar para ajudar suas famílias. Outros 03 entrevistados não fizeram qualquer menção ao trabalho e 03 colocam este fato apenas como uma possibilidade usando o termo "talvez".

Com este estudo, ficou evidente que a Chácara é representada pelos Meninos de Quatro Pinheiros como um lugar de Alteridade. A vivência deste modo de se relacionar se colocou na fala dos meninos, de maneira expressiva, como motivador para sua permanência e envolvimento com aquela organização. No entanto, essa experiência não está servindo de referência para que eles expressem projetos ou expectativas de vida após sua saída da Chácara.

O estudo das representações dos meninos sobre a Alteridade na Chácara, delimitando aquilo que denominamos trajetória do sujeito, forneceu, por um lado, respaldo para nossas suposições e, por outro, trouxe preocupações e questionamentos, sendo o principal deles aquele que nos remete a pensar que, embora os esforços dos educadores da Chácara no sentido de criar alternativas para que estes meninos ao saírem possam incluir-se na sociedade que os exclui, os meninos em suas representações não vislumbram essa possibilidade. Ao contrário, as representações revelam que a vivência na Chácara não garante que após completar 18 anos esses meninos não sejam impelidos a voltar às ruas. Pelo menos, não detectamos em seus discursos conteúdo representacional sobre a Saída ou mesmo o papel da Alteridade neste particular.

Reunindo todos os questionamentos que surgem a partir desse ponto, perguntamos:

- a) que está determinando a ausência de perspectivas nas Representações Sociais do grupo de Meninos de Quatro Pinheiros a respeito do momento de sua Saída da Chácara?
- b) Por que o menino não associa às suas representações o trabalho socioeducativo, as distintas atividades laborativas existentes na Chácara com o objetivo de prepará-lo profissionalmente: agricultura, marcenaria, granja, desenhos, serigrafias, informática, panificação, para o seu momento de saída?
- c) Que possibilidades de intervenção seriam eficazes no sentido de reforçar prioritariamente a orientação e o preparo dos Meninos de Quatro Pinheiros para o momento de Saída da Chácara, de forma que a Alteridade possa se revelar efetivamente na trajetória completa do menino: do Ingresso à Saída?



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo voltou-se particularmente à identificação e ao entendimento dos fatores que interferem na decisão dos Meninos de Quatro Pinheiros quanto a sua permanência e ao seu envolvimento com a proposta da Chácara Padre Eduardo Micheles.

Duas perguntas mostraram-se relevantes para centrar nosso estudo nessa questão:

- 1) a rejeição e/ou resistência por parte dos meninos de rua, quanto ao ingresso, permanência e adesão aos programas sociais disponíveis em Curitiba (fato confirmado pela presença de elevado número de crianças vivendo nas ruas, em situação de risco e abandono, a despeito da diversificada oferta de programas assistenciais a elas destinada);
- 2) a constatação da aceitação, envolvimento e apreço por parte dos Meninos de Quatro Pinheiros ao projeto da Chácara, fato observado no decorrer deste estudo, considerando o discurso e a prática dos meninos em relação à citada Organização.

Diante dessas questões e com base em dados empíricos coletados de maneira informal e espontânea, mediante observações do cotidiano, diálogo com os sujeitos que compõem aquela experiência, análise de documentos da Chácara, pudemos verificar que a Chácara Padre Eduardo Michelis não é pensada pelos meninos que ali vivem apenas como um lugar onde eles podem se abrigar, alimentar, proteger e receber orientações para sua (re)adaptação à sociedade.

Com base nessas impressões, muitos questionamentos surgiram e muita flexibilidade de nossa parte foi necessária para reformular percepções e intenções de estudo sobre este assunto, antes de focalizarmos a nossa atenção ao aspecto relativo à convivência entre os habitantes da Chácara.

A observação atenta a esta particularidade nos fez determinar como objeto de estudo desta pesquisa, a dinâmica, a natureza e a forma como essa convivência é experienciada especialmente pelo grupo de Meninos de Quatro Pinheiros.

Além dessa delimitação, pudemos elaborar os seguintes pressupostos centrais para essa investigação:

- a) as práticas cotidianas dos Meninos de Quatro Pinheiros são orientadas pelos ideais contidos no Regimento Interno da Chácara, que, ao ser elaborado, levou em consideração os próprios desejos dos meninos quanto à convivência e conduta a serem assumidas após o ingresso na Chácara;
- b) esse modo de relação que se expressa através de solidariedade, lealdade, direitos, deveres, cooperação, coletividade, reciprocidade, partilha, respeito e reconhecimento da presença do outro, é o elemento fundamental que mobiliza os meninos a se envolverem com aquela proposta;
- c) é o valor e o sentido que os meninos atribuem a esse modo de relação, que estão orientando suas decisões quanto ao ingresso, à permanência, à aceitação e à adesão dos meninos àquela proposta;
- d) esta relação, à qual conceituamos neste estudo de Alteridade, é a condição para a construção do sujeito dos Meninos de Quatro Pinheiros, em sua trajetória na Chácara, do Ingresso à Saída;
- e) é, portanto, a Alteridade o principal fator que influi na opção dos meninos pela Chácara e, portanto, o fator de viabilização e de sustentação daquele Projeto.

Importa ressaltar que por Alteridade entendemos tratar-se de uma capacidade e uma necessidade humana de encontrar, através da sua vivência com o outro, a sua própria singularidade, sua própria imagem, o seu eu latente. Nessa vivência, em forma de discurso e de ação, o homem se manifesta, partilha e expressa a si próprio naquilo que o distingue e aquilo que tem de comum com tudo que existe. É a manifestação do sujeito por meio da palavra e da ação.

Fazer um recorte dentro das experiências cotidianas dos meninos e elaborar pressupostos relativos a elas conduziu-nos à revisão, à reorganização e à seleção dos nossos registros e dados empíricos. Para complementar essas informações, bem como conferir maior objetividade à nossa análise, realizamos entrevistas semi-estruturadas combinadas com técnica de história oral temática, abordando junto a 12 meninos temas ligados especificamente ao objeto deste estudo.

Simultaneamente a esses procedimentos, definimos os conceitos e as teorias básicas para guiar e fundamentar nossa análise, interpretação e conclusões sobre o assunto em questão.

Conforme explicitado na Introdução e no Corpo deste trabalho, a sustentação da nossa análise e da nossa argumentação foi possibilitada fundamentalmente pela Teoria das Representações Sociais.

Esta opção se deve ao fato de ela privilegiar o conhecimento do senso comum construído e partilhado nas práticas sociais dos indivíduos e reconhecer a importância dos elementos cognitivos e afetivos gerados dentro de um determinado contexto, cuja função e dinâmica se explicitam nas interações cotidianas.

Dessa maneira, a análise das representações sociais dos Meninos de Quatro Pinheiros sobre a Alteridade vivenciada na Chácara levou em consideração o saber que os meninos expressam por meio de discursos e ações a respeito desse tema.

Para apreender esta particularidade selecionamos tópicos de seus relatos, de seus depoimentos; colocamos em evidência atitudes, gestos, expressões, comportamentos e ações que interpretamos como expressão da Alteridade.

A realização de entrevistas com os meninos nos possibilitou focalizar especificamente a Alteridade, e como esta se manifestou em sua trajetória na Chácara. Além disso, resultou na explicitação objetiva, bem como na confirmação de nossos pressupostos de que essa Organização está sendo vista e entendida neste momento, pelos meninos, como um lugar onde prioritariamente lhes é possibilitada tal experiência.

No conjunto de entrevistas realizadas junto aos meninos, a Chácara é referenciada como um lugar onde eles têm liberdade de expressar seus desejos, de

realizar seus anseios, de compartilhar os seus sonhos, sua singularidade e a sua capacidade de interagir.

A Alteridade é referenciada como condição para sua permanência e envolvimento com o projeto da Chácara, uma vez que os meninos colocam em destaque o fato de que nesse lugar eles experienciam a oportunidade de ter "amigos de verdade", de estarem vivendo o limite estabelecido pelo outro, quando esse outro exige o cumprimento dos deveres, e o reconhecimento da individualidade e da liberdade de cada um dentro do coletivo.

A Alteridade é destacada pelos meninos como condição não apenas para sua permanência, aceitação e envolvimento com a proposta da Chácara, mas principalmente como condição para a construção de si enquanto sujeito.

Analizando os discursos e as ações cotidianas dos meninos em relação ao nosso objeto de estudo, entendemos que o determinante do valor e do significado atribuídos pelos meninos à Alteridade encontra-se principalmente na elaboração e na partilha de comparações entre as experiências vividas em outros contextos e as experiências vividas hoje na Chácara. Isto é, encontra-se no conhecimento que os meninos construíram a partir de suas próprias experiências de vida, enquanto menino pobre, menino excluído, menino abandonado, menino violentado e menino em processo de (re)construção do sujeito (este último aspecto compreende o tempo vivido na Chácara).

Ainda vale como observação a constatação que existe um espaço vazio, uma lacuna no que diz respeito à vinculação da Alteridade ao momento de saída dos meninos da Chácara após completarem 18 anos de idade. Essa questão se colocou de maneira expressiva em todos os momentos da trajetória dos meninos nesse lugar. Chamou-nos a atenção o fato de que, quando buscamos captar associações entre a Alteridade e o momento da saída, não se configurou em nossos registros qualquer dado que se apresentasse como significativo para compor as análises realizadas sobre a saída. A saída ainda é uma incógnita para os meninos, pois a maioria deles não tem claro o que vão fazer depois.

Dessa forma, concluímos nossa investigação preocupados em entender:

- 1) o que está determinando a ausência de manifestações mais concretas, mais objetivas em relação a projetos, perspectivas, expectativas, anseios por parte do grupo dos Meninos de Quatro Pinheiros em relação ao futuro, mais especificamente com respeito ao momento da sua saída da Chácara?
- 2) por que o menino não associa ao seu discurso e às suas ações o trabalho realizado hoje na Chácara com a intenção de prepará-lo para sua independência futura?
- 3) que tipo de intervenções seriam eficazes no sentido de orientar e preparar os meninos para o momento de saída, de forma que a Alteridade possa se revelar como suporte e bagagem que os auxilie no momento da Saída?

Ainda como produto deste estudo, apontamos duas observações que podem servir como subsídios para averiguação das questões anteriores.

A trajetória dos meninos anterior à Chácara é sem dúvida traumática e recusável por qualquer pessoa. Os meninos hoje sentem-se acolhidos, amados, respeitados, em suas distintas instâncias, físico, intelectual, psíquica e social. Talvez o medo da vida fora do lugar onde eles estão encontrando apoio para o seu desenvolvimento individual e social, esteja impedindo o simples esboço de um projeto para a saída. Saber que um dia terão que sair da Chácara reatualiza o passado vivido na rua.

Em nossas observações e contato com os meninos, constatamos que a relação entre eles e alguns dirigentes e educadores é um aspecto merecedor de maiores reflexões dentro desse contexto. O grau de dependência que os meninos possuem em relação aos educadores e coordenador da Chácara em nosso entender representa um desafio para todos os envolvidos. As figuras dos educadores e coordenador são representadas como figuras parentais que os meninos só puderam encontrar de fato na Chácara.

Em muitas situações percebemos a delicadeza dessa questão, principalmente quando os meninos se referem à saída. A fala sobre a saída vem marcada pela

insegurança e um certo medo de que algo do passado possa se repetir. Trabalhar a insegurança e o medo junto aos meninos se configura como uma tarefa que tem mobilizado a todos que nos envolveram especialmente com o momento da saída, dado que ele poderá, se bem concluído, representar a ruptura necessária para a inclusão social. É nisso que apostamos como pesquisadores.

#### **ALGUM LUGAR DO MUNDO**

*Não sei para onde levará cada um de nós a caminhada,  
mas vejo que para algum lugar eu irei, iremos, juntos ou  
separados, não importa, nos encontraremos em algum ponto  
do Universo, talvez no seu próprio centro, como nos encontramos  
neste pequeno tempo presente que tanto transformou.  
É bom sentir o vento, o fogo, a água e a terra em sua plenitude.  
É bom olhar cada ser humano e ver nele um arquétipo de Deus,  
símbolo maior de todos os arquétipos, manifestando-se na leveza da evolução  
Somos pequenos, uma partícula mínima do Cosmo e no entanto,  
somos grandes e talvez eternos.  
Não sei quantas atribulações virão pela frente. Não sei os obstáculos,  
as dificuldades, as dívidas e incertezas Sei apenas, através do que vi  
que o paraíso pode ser alcançado um dia.*

*Laerte Ortega (1952-1996, artista paranaense)*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADORNO, Sergio. A socialização incompleta: os jovens delinquentes expulsos da escola. In: HADDAD, S. **Sociedade Civil e Educação**. Campinas : Ed. Papirus, 1992.
2. ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro : Ed. Forence Universitária, 1985.
3. AZANHA, José Mario Pires. **O estudo do cotidiano**: alguns pontos a considerar. Cadernos CERU, n. 5, série 2. 1994, p32-36.
4. BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 6.ed. Petrópolis : Ed. Vozes, 1984. p. 173-241.
5. BIERREMBACH, M. I. ; SADER, E.; FIGUEIREDO, C. P. **Fogo em Pavilhão**: uma proposta de liberdade para o menor. São Paulo : Ed. Brasiliense, 1987.
6. CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, A. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1980. p. 100-120.
7. DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil, 5.ed. Rio de Janeiro : Rocco, 1997.
8. DEMARTINI, Zeila B. F. **Relatos orais**: a participação dos sujeitos na pesquisa. Caderno do CERU. n. 5, série 2, 1994. p. 61-69.
9. DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. São Paulo : Cortez/autores associados, 1991.
10. ENRIQUEZ, E. O papel da morte nas instituições. In: KAES, R. (Org.). **A instituição e as instituições**. São Paulo : Casa do Psicólogo, 1989.
11. ECA - Estatuto da criança e do adolescente. Lei Federal n.º 8069/1990.
12. FARR, Robert M. Les représentations sociales. In: MOSCOVICI, Serge. (Org.). **Psychologie Sociale**. 2.ed. Paris : Presses Universitaires de France, 1990.
13. FERREIRA, R. M. F. **Meninos de rua**: valores e expectativas de menores marginalizados em São Paulo. São Paulo : Comissão de Justiça e Paz, 1987.
14. GOFFMAN, Ervin. **A representação social do eu na vida cotidiana**. Petrópolis : Ed. Vozes. Trad. Maria Célia Santos Raposo, 1983. p. 25-53.
15. GOFFMAN, Ervin. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro : Ed. Zahar, 1980.
16. GOFFMAN, Ervin. **Manicômios, prisões e conventos**. 2.ed. São Paulo : Ed. Perspectiva, 1987.
17. GOMIDE, Paula Inez Cunha. **Meninos de rua da cidade de Curitiba**. Humanas. Curitiba : Ed. da UFPR, 1996. p. 105-122.

18. GRACIANI, M. S. **Pedagogia social da rua**. São Paulo : Cortez, Instituto Paulo Freire, 1997.
19. GUIRADO, Marlene. **A criança e a FEBEM**. São Paulo : Ed. Perspectiva, 1980.
20. GUIRADO, Marlene. **Instituições e relações afetivas: o vínculo com o abandono**. São Paulo : Summus Editorial, 1986.
21. JODELET, D. & SCIPION, C. Quand la science met l'inconnu dans le monde. In: **Série science in société**. n. 1. Paris : Ed. Autrement, jan. 1992. p. 210-222.
22. JODELET, D. (Org.). Les représentations sociales. Cap. 1. **Representations Sociales: un domaine en expansion**. Paris : Presses Universitaires de France, 1991. pp. 31-38.
23. JODELET, D. Representations sociales: phenomene, concept et theorie. In: MOSCOVICI, Serge. (Org ). **Psychologie Sociale**. Paris : Presses Universitaires de France, 1990.
24. LEITE, Ligia Costa. **A magia dos invencíveis: os meninos de rua na Escola Tia Ciata**. Petrópoles : Ed. Vozes, 1991.
25. MACEDO, Carmem Cinira. **A reprodução da desigualdade**. 2.ed. São Paulo : Ed. Vertice, 1985.
26. MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Trad. Marcia C. de Sá Cavalcanti. Rio de Janeiro : Rocco, 1984.
27. MAFFESOLI, M. **O conhecimento comum**. São Paulo : Brasiliense, 1988.
28. MARTINS, Raul Aragão. **Crianças e adolescentes em situação de rua: definição, evolução e políticas de atendimento**. Coletânea da ANPEPP, n. 12, 1996. p. 35-44.
29. MEIHY, José C. S. B. **Definindo história oral e memória**. Cadernos CERU, n. 5, série 2, 1994. p. 52-60.
30. MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise** Trad de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1978.
31. MOSCOVICI, S. Des représentations collectives aux représentations sociales: éléments pour une histoire. In: JODELET, D. (Org.). **Les représentations sociales**. 2.ed. Paris : PUF, 1991. p. 62-86.
32. MOSCOVICI, S. The phenomenon of social representations. In: FARR, R. M. & MOSCOVICI, Serge. (Org ). **Social représentations**. Cambridge : Cambridge University Press, 1984.
33. NETO, Osvaldo Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social**. 6.ed Petrópolis : Ed. Vozes, 1996. p. 51-66.
34. NEVES, Lafaiete Santos **Movimento popular e transporte coletivo em Curitiba (1970-1990)**. Dissertação de Mestrado, PUC, São Paulo, 1995.
35. OLIVEIRA, Márcio de. Raízes epistemológicas da noção de imaginário em Gilbert Durand. In: **Revista de Ciências Humanas** n. 5. Curitiba : Ed. da UFPR, 1996 p. 123-138.
36. O TEATRO DE LAERTE ORTEGA. (Coord.) Paulo Afonso de Souza Castro. Curitiba : **Lua Nova Produções Artísticas**, 1999.

37. PICHON-RIVIÈRE E. **Teoria do vínculo**. São Paulo : Martins Fontes, 1998. p. 129.
38. PILOTTI, Francisco e RIZZINI, Irene. **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. Rio de Janeiro : CESPI/USU, 1995.
39. RICHARDSON, Roberto Jarry; colaboradores José Augusto Peres, et all. **Pesquisa social: método e técnicas**. São Paulo : Atlas, 1985.
40. RIZZINI, Irene et alli. **Instituições para menores: a quem serve?** Espaço Cadernos de Cultura. n. 10. Rio de Janeiro : Universidade Santa Úrsula. p. 103-122.
41. RIZZINI, Irene et alli. **Deserdados da sociedade: os meninos de rua da América Latina**. Rio de Janeiro : Anais, USN, 1995.
42. RIZZINI, Irma., & RIZZINI, Irene. "Menores" institucionalizados e meninos de rua: Os grandes temas de pesquisa na década de 80. In: FAUSTO, A. e CERVINI, R. (Eds.). **O trabalho e a rua: Crianças e adolescentes no Brasil urbano nos anos 80**. São Paulo : Cortez, 1991.
43. ROLIM, Maria do Carmo Marcondes Brandão. **Favelas, movimento associativo e planejamento urbano em Curitiba**. Dissertação de Mestrado. Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.
44. ROSA, Maria Arlete. **Movimentos de Associações de Moradores e Amigos de Bairros de Curitiba: resgate de sua trajetória histórica a partir da consituição das relações sociais educativas (1977-1983)**. Dissertação de Mestrado, PUC, São Paulo, 1991.
45. SINGER, Paul. Introdução: capital e trabalho no campo. In: PINSKY, Jaime. (Org.). **Capital e trabalho no campo**. Coleção Estudos Brasileiros 7. São Paulo : Ed. Hucitec, 1977. p. 1-6.
46. SPINK, Jane Maria. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia social**. São Paulo : Ed. Brasiliense, 1993.

